



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

HÉLEN CRISTINA DA SILVA

**O /R/ CAIPIRA NO TRIÂNGULO MINEIRO:
UM ESTUDO DIALETOLÓGICO E DE ATITUDES
LINGUÍSTICAS**

Londrina
2012

HÉLEN CRISTINA DA SILVA

**O /R/ CAIPIRA NO TRIÂNGULO MINEIRO:
UM ESTUDO DIALETOLÓGICO E DE ATITUDES
LINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para obtenção de título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina
2012

S586r Silva, Hélien Cristina da.

O /R/ caipira do Triângulo Mineiro : um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas / Helen Cristina da Silva. – Londrina, 2012. 169 f. : il.

Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Língua portuguesa – Dialetos – Teses. 2. Sociolinguística – Teses. 3. Dialetologia – Teses. 4. Geografia linguística – Triângulo Mineiro (MG). – Teses. 5. Linguística – Teses. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90(81)-087.9

HÉLEN CRISTINA DA SILVA

**O /R/ CAIPIRA NO TRIÂNGULO MINEIRO:
UM ESTUDO DIALETOLÓGICO E DE ATITUDES LINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera
UEL – Londrina - Pr

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
UFSC – Florianópolis - SC

Prof^a Dr^a Fabiane Cristina Altino
UEL – Londrina - Pr

Londrina, _____ de _____ de 2012.

A minha amada tia Márcia C.S Imai que tanta
falta faz (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Deixo, aqui, registrados os meus mais sinceros agradecimentos:

A Deus, pela força atribuída que me conduziu durante mais esta etapa, pela luz que guiou meus passos para a concretização deste trabalho.

À professora Vanderci Aguilera, não só pelos ensinamentos tão valiosos, mas, sobretudo, pela humanidade, amor e dedicação com que exerce seu ofício, fazendo com que laços maiores sejam firmados, transformando a relação aluno-professor em algo mais significativo e mais recompensador. Também, pela credibilidade depositada em mim, pois esse foi um dos pilares dessa trajetória.

Ao meu esposo e companheiro Fernando Braga que tanto me apoiou, não só no aspecto moral, mas também na feitura deste trabalho, pois sua predisposição em ajudar sempre foi tanta que o levou a campo junto comigo, à procura de informantes, bem como na realização das entrevistas.

A minha mãe Terezinha e a minha irmã Karla, porque nem só de trabalho vive o homem, mas também do amor que o sustenta.

Aos amigos de curso, especialmente, ao Valter Romano, pelas suas contribuições inestimáveis, pela prontidão em ajudar.

A cada um dos informantes que dispuseram de seu tempo para as entrevistas, sem as quais este trabalho não se realizaria.

À CAPES, pelo subsídio financeiro.

Quando estamos inspirados por algum grande propósito, por algum projeto extraordinário, os pensamentos rompem suas barreiras; a mente transcende suas limitações, a consciência se expande em todas as direções e nos encontramos em um mundo novo e maravilhoso. As forças, as faculdades e os talentos dormidos cobram vida e nos damos conta que somos muito mais fortes do que jamais havíamos sonhado. (PANTAJALI C, I-III a. C) Tradução nossa.

SILVA, Hélen Cristina da. **O /r/ caipira no Triângulo Mineiro**: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas. 2012. 169 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

Esta dissertação, situada no âmbito da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 2005) e no ramo da Sociolinguística (LABOV, 1996), que versa sobre Atitudes e crenças linguísticas, tem como objetivo principal registrar a distribuição espaço-social do /r/ caipira (AMARAL, 1920), nas cidades de Campina Verde, Frutal, Ituiutaba, Iturama, Prata e Uberlândia, situadas no Triângulo Mineiro, analisada em tempo aparente (*apparent time*) e tempo real (*real time*). Em tempo aparente porque relacionamos as falas de informantes jovens e idosos e, em tempo real (tipo tendência), porque comparamos dois *corpora*, ou melhor, dois recortes sincrônicos distintos, um com os dados de 1977, do *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais*, EALMG (RIBEIRO et al., 1977), e outro com dados colhidos pelo projeto *Atlas Linguístico do Brasil* – PR, ALiB (2009), somados ao material coletado, recentemente, para esta pesquisa. Além de verificar se existe uma mudança em curso refletida na diminuição do /r/ retroflexo, buscamos averiguar o que pode influenciar nesse processo. Para tanto, analisamos as atitudes e crenças linguísticas dos falantes dessas localidades em relação à variante retroflexa, com base na proposta de Lambert & Lambert (1968). Dentre os resultados obtidos, apuramos que: (i) o /r/ caipira ainda continua preponderante na fala da região investigada; (ii) existe uma leve incursão da variante glotal e; (iii) há entre os falantes a presença de um sentimento de identidade, quiçá de prestígio encoberto em relação ao /r/ retroflexo, atitudes estas que, possivelmente, favorecem a manutenção desse rótico.

Palavras-chave: /r/ retroflexo. Triângulo Mineiro. Atitudes linguísticas.

SILVA, Hélien Cristina da. **Retroflex /r/ in the *Triângulo Mineiro***: a dialectological and linguistic attitude study. 2012. 169 p. Dissertation (Masters in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ABSTRACT

This dissertation, situated in the fields of Pluridimensional dialectology (THUN, 2005) and in the branch of Sociolinguistics (LABOV, 1996) that focuses on linguistic attitudes and beliefs, aims at recording the socio-spatial distribution of the retroflex /r/ (AMARAL, 1920) in the cities of Campina Verde, Frutal, Ituiutaba, Iturama, Prata and Uberlândia, all located in the Triângulo Mineiro. Such distribution is analyzed in apparent time and real time. In apparent time because the speeches of young and elderly informants were related, and in real time (tendency type) because two corpora, that is, two distinct synchronic sections, one with data from 1977 from the *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais*, EALMG (RIBEIRO et al., 1977), and the other with data collected by the project *Atlas Linguístico do Brasil – PR*, ALiB (2009), added to the material recently collected for this research. Besides verifying if there is any ongoing change reflected in the decrease of the retroflex /r/, this research investigates what may influence such a process. Thus the linguistic attitudes and beliefs of the speakers in such localities were verified in relation to the retroflex variant based on Lambert's (1968) proposal. Among the results obtained, it was found that (i) the retroflex /r/ still predominates in the speech of the people living in the region; (ii) there is slight incursion of the glottal variant; and (iii) among the speakers, there is the presence of a feeling of identity, perhaps some prestige in relation to the retroflex /r/, attitudes that probably favor the maintenance of this rhotic.

Key words: retroflex /r/. Triângulo Mineiro. Linguistic attitudes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Minas Gerais com destaque para a região do Triângulo Mineiro	30
Figura 2 – Mesorregião do Triângulo e Alto do Paranaíba, em destaque a região do Triângulo e suas microrregiões	31
Figura 3 – Mapa da distribuição do /r/ retroflexo, segundo Brandão (2007).....	68
Figura 4 – Carta II- Retroflexo em final de sílaba	117
Figura 5 – Carta 47 – Isófona do /r/ retroflexo.....	118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Realização da retroflexa e da glotal nos dados coletados em Campina Verde pelo ALiB.....	131
Gráfico 2 – Realização da retroflexa e da glotal nos dados coletados em Campina Verde para esta dissertação.....	132
Gráfico 3 – Realização da retroflexa e da glotal nos dados do ALiB coletados em Uberlândia pelo ALiB.....	135
Gráfico 4 – Realização da retroflexa e da glotal nos dados coletados Uberlândia para esta dissertação.....	136
Gráfico 5 – Resultados das crenças e atitudes dos falantes.....	140

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Algumas pesquisas brasileiras sobre crenças e atitudes lingüísticas	96
Quadro 2 – Perfil dos informantes da pesquisa de 2011	107
Quadro 3 – Perfil dos informantes do ALiB (2009).....	111
Quadro 4 – Profissões dirigidas ao falante do /r/ retroflexo e ao do /r/ glotal.....	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Distribuição do /r/ retroflexo nos dados do ALERS	64
Tabela 2	– Centralização e atitude em relação a Martha's Vineyard	86
Tabela 3	– Ocorrência do /r/ retroflexo, no EALMG, por carta e localidades	116
Tabela 4	– Ocorrências das variantes, segundo a pesquisa de 2011	121
Tabela 5	– Ocorrências dos róticos, excetuando-se os <i>knockouts</i>	125
Tabela 6	– Ocorrência do rótico na variável extensão de palavra	125
Tabela 7	– Ocorrências do /r/ retroflexo nas variáveis extralingüísticas	126
Tabela 8	– Atuação das variáveis extralingüísticas nos dados do ALiB e nos da recente pesquisa, na cidade de Campina Verde	133
Tabela 9	– Atuação das variáveis extralingüísticas nos dados do ALiB e nos da recente pesquisa, na cidade de Uberlândia	137

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 HIPÓTESES, QUESTÕES INTRIGANTES E OBJETIVOS	16
1.2 JUSTIFICATIVA E ESCOLHA DO TEMA	16
1.3 ORGANIZAÇÃO DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS	20
2 ESBOÇO DA HISTÓRIA DE MINAS GERAIS	21
2.1 ASPECTOS GERAIS DO TRIÂNGULO MINEIRO	23
2.2 BREVE HISTÓRICO E ASPECTOS GERAIS DAS CIDADES SELECIONADAS PARA ESTA PESQUISA	25
2.2.1 Campina Verde	25
2.2.2 Frutal	26
2.2.3 Ituiutaba	26
2.2.4 Iturama	27
2.2.5 Prata	28
2.2.6 Uberlândia	29
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	32
3.1 ESBOÇO DA CONSTITUIÇÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL	32
3.2 DIALETO E SUBDIALETO	36
3.3 BREVE OLHAR SOBRE A DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA NO BRASIL	39
3.4. <i>O DIALETO CAIPIRA</i> , DE AMADEU AMARAL (1920)	47
3.5 <i>O FALAR MINEIRO</i> , DE TEIXEIRA (1938)	51
3.6 <i>ESBOÇO DE UM ATLAS LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS</i> (RIBEIRO ET. AL., 1977)	55
3.7 O /r/ RETROFLEXO	58
3.7.1 O /r/ Retroflexo nos Atlas Estaduais e no Regional	60
3.7.2 Outras Pesquisas sobre o /r/ Retroflexo	65
3.8 SOCIOLINGUÍSTICA/ATITUDES LINGUÍSTICAS – CONSIDERAÇÕES	69
3.8.1 Sociolinguística e Mudança Linguística	69
3.8.1.1 O estudo em tempo real e aparente	75
3.8.2 Definição Geral de Atitudes e Crenças	80

3.8.3 Lambert & Lambert (1968 [1960]): o Início dos Estudos das Atitudes Linguísticas.....	82
3.8.4 Definindo Atitudes Linguísticas	84
3.8.5 Sociolinguística e Atitudes Linguísticas: uma Interligação	86
3.8.6 Como Medir as Atitudes?	88
3.8.7 Algumas Manifestações de Atitudes Linguísticas.....	89
3.8.8 Alguns Trabalhos sobre Atitudes Linguísticas: Pesquisas Brasileiras.....	95
4 METODOLOGIA	104
4.1 Os <i>CORPORA</i> DA PESQUISA.....	104
4.1.1 <i>Corpus</i> I: as Cartas do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais.....	105
4.1.2 <i>Corpus</i> II: Pesquisa Dialetológica Realizada, <i>in Loco</i> , para a Dissertação	105
4.1.2.1 Perfil dos informantes, instrumento de pesquisa e variáveis adotadas	106
4.1.2.2 Aproveitamento dos dados do <i>corpus</i> II	109
4.1.3 <i>Corpus</i> III – Dados do (ALiB) –PR.....	110
4.1.3.1 Aproveitamento dos dados do <i>corpus</i> III	111
4.1.4 <i>Corpus</i> IV – A Pesquisa sobre Crenças e Atitudes Linguísticas dos Informantes	112
4.1.4.1 Aproveitamento dos dados do <i>corpus</i> IV.....	113
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE AOS DADOS	115
5.1 O /R/ RETROFLEXO NO <i>ESBOÇO DE UM ATLAS LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS</i>	115
5.2 O /R/ RETROFLEXO NO TRIÂNGULO MINEIRO: A PESQUISA <i>IN LOCO</i> REALIZADA EM 2011	121
5.2.1 Uma Particularidade: O Tratamento do Zero Fonético.....	121
5.2.2 Algumas Considerações sobre o Tratamento do Restante dos Dado.....	123
5.2.3 Análise e Descrição da Totalidade dos Dados Colhidos em 2011: a Distribuição do [“] Mediante as Variáveis item Lexical, Extensão do Vocábulo e Sexo dos Informantes.....	124
5.2.4 Análise e Descrição dos Dados por Localidade: Considerações	127
5.2.4.1 O /r/ Retroflexo em Frutal –MG	127

5.2.4.2. O /r/ Retroflexo em Iturama – MG	128
5.2.4.3. O /r/ retroflexo em Ituiutaba – MG	128
5.2.4.4. O /r/ retroflexo em Prata – MG	129
5.3 CAMPINA VERDE E UBERLÂNDIA: A COMPARAÇÃO DOS DADOS DO ALiB (2009) COM OS DA PRESENTE PESQUISA - UM ESTUDO CORROBORATIVO.....	130
5.3.1 Campina Verde: o /r/ Retroflexo em Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil– ALiB.....	130
5.3.2 Campina Verde: o /r/ Retroflexo nos Dados da Recente Pesquisa	132
5.3.3 Campina Verde: Comparação entre os Dados do ALiB-PR (2009) com os Dados desta Pesquisa (2011)	133
5.3.4 Uberlândia: o /r/ Retroflexo em Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil –ALiB.....	135
5.3.5 Uberlândia: o /r/ Retroflexo nos Dados desta Pesquisa	136
5.3.6 Uberlândia: Comparação entre os Dados do ALiB-PR (2009) com os Dados desta Pesquisa (2011)	137
5.4 ANÁLISE DAS ATITUDES E CRENÇAS LINGÜÍSTICAS: O QUE DIZEM OS RESULTADOS	139
5.5 POSSÍVEIS CONCLUSÕES.....	145
REFERÊNCIAS.....	148
ANEXOS	156
ANEXO 1 – Decreto 30.643 de 20 de março de 1952.....	157
ANEXO 2 – Questionário Fonético- Fonológico	159
ANEXO 3 – Ficha de crenças e atitudes linguísticas	162
ANEXO 4 – Carta 2 - <i>arco-íris</i>	163
ANEXO 5 – Carta 3 – <i>arco-da-velha</i>	164
ANEXO 6 – Carta 5- <i>orvalho</i>	165
ANEXO 7 – Carta 8 – <i>mormaço</i>	166
ANEXO 8 – Carta 26 – <i>estrela Dalva</i>	167
ANEXO 9 – Carta 20- <i>salto mortal</i>	168
ANEXO 10 – Carta 20- Zonas regionais de Minas Gerais	169

1 INTRODUÇÃO

Sustentada pelos princípios teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 2005) e no ramo da Sociolinguística (LABOV, 1996) que trata de Atitudes e crenças Linguísticas, a presente pesquisa tem por objeto de estudo a distribuição espaço-social do [ʀ]¹, em coda silábica, nos municípios de Frutal, Campina Verde, Iturama, Ituiutaba, Prata e Uberlândia, no Triângulo Mineiro, analisada em tempo aparente e real. Dessa forma, a fim de verificar a dinamicidade do aludido rótico relacionamos as falas de informantes jovens e idosos (*apparent time*) e comparamos dois *corpora*, ou melhor, dois recortes sincrônicos (*real time*); um com os dados de 1977, do Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais, EALMG (RIBEIRO et al., 1977)², e; outro com dados recentes coletados para esta pesquisa (2011)³ e pelo projeto *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, regional do PR, em (2009). Pautados nesse método, acreditamos na possibilidade de detectar se o [ʀ] está em variação ou em processo de mudança, já que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH, 2006, p.126).

A formação pluriétnica de nosso país e sua conseqüente miscigenação linguística têm incitado, desde o início da década de 60, estudiosos da área a descrever peculiaridades dos dialetos que aqui coexistem. O mosaico linguístico brasileiro, já evidenciado por inúmeros estudos dialetais, enriquece-se ainda mais com o advento da Sociolinguística e dos estudos sobre Atitudes e Crenças Linguísticas, incluindo-se outros fatores como idade, sexo, escolaridade, posição social e as atitudes dos falantes proporcionando, assim, uma compreensão melhor da variação e mudança linguísticas.

Movidos por coerções sociais, os indivíduos delegam às variedades linguísticas sentimentos que vão desde a afetividade até a estigmatização uma vez que “a avaliação de inferioridade ou de superioridade conferida a algum aspecto

¹ Ressaltamos que o símbolo [ʀ] e as denominações variante caipira, /r/ caipira e variante retroflexa serão utilizadas, ao longo desta dissertação, para referenciar, com o mesmo valor de verdade, o /r/ retroflexo.

² Trata-se de seis cartas mistas que apresentam ocorrências do /r/ retroflexo. São elas: 2 - *arco-íris*; 3 - *arco-da-velha*; 5- *orvalho*, 8 - *mormaço*; 26 - *estrela dalva*; 29 - *salto mortal*, somadas à carta 47 que apresenta a isófono do /r/ retroflexo.

³ Compõem-se dos dados colhidos, *in loco*, nas cidades mencionadas. Em cada localidade foram entrevistados 4 informantes, estratificados por sexo (2 homens e 2 mulheres) e por duas faixas etárias (I - 18-30 e II - 50-65 anos).

linguístico está associada aos valores sociais e não às características inerentes à linguagem” (LEITE, 2010, p.18). O impacto de tais atitudes pode propulsionar a disseminação, o menor uso ou, até mesmo, a extinção de uma variante.

Estudos recentes sobre o [“] do português brasileiro (doravante PB) demonstram que esse rótico, descrito por Amaral (1920) como característica do dialeto caipira, tem sido alvo de atitudes negativas (BOTASSINI, 2009; LEITE 2004, 2010; GUIOTI, 2002; LABOV, 1976; HEAD, 1987). Diante disso, nesta pesquisa, além das variáveis extralinguísticas sexo e idade, analisamos as atitudes e crenças linguísticas dos 24 falantes entrevistados em relação às variantes retroflexa e glotal com base na proposta dos psicólogos sociais Lambert & Lambert (1968).

1.1 HIPÓTESES, QUESTÕES INTRIGANTES E OBJETIVOS

Os 33 anos transcorridos da recolha de dados do EALMG somados às pesquisas que atestam a depreciação do /r/ retroflexo nos levou à hipótese de que estaria havendo uma mudança linguística em curso refletida na diminuição desse rótico, em coda silábica.

Para fomentar nossa conjectura, realizamos trabalhos experimentais⁴ com dados do ALiB, quando nos deparamos com o relato abaixo, obtido mediante resposta dada para a questão 4 - “em outros lugares do Brasil, fala-se diferente de Lavras - MG” - das perguntas metalinguísticas dos Questionários do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001, p. 46).

INQ.: E aqui as pessoas falam ☹️👤🗣️“♦️🗣️❓?

INF.: Fala, algumas fala ☹️👤🗣️🌀♦️❓.

INQ.: Ah tá, não é todo mundo?

INF.: Não.

INQ.: E você, qual você acha mais bonito? Falar ☹️👤🗣️“♦️🗣️❓ ou falar ☹️👤🗣️🌀♦️❓?

INF.: Eu acho ☹️👤🗣️🌀♦️❓, ☹️👤🗣️“♦️🗣️❓ eu acho muito... [...] mais grosseiro né, a gente fala mais grosseiro né.

INQ.: Você acha?

INF.: Eu acho, ☹️👤🗣️🌀♦️❓ é mais delicado [...] agora, ☹️👤🗣️“♦️🗣️❓ é mais grosseiro né.

⁴ Um desses trabalhos nos rendeu o artigo inédito intitulado *Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras – MG: no Atlas linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil* que será publicado, ainda, neste ano, pela revista Diadorim-UFRJ.

A fala da informante⁵ evidencia um posicionamento desfavorável em relação a sua própria variante, o /r/ retroflexo, e uma preferência explícita pelo /r/ glotal visto como mais *delicado*. Possivelmente esse desprestígio esteja associado ao estereótipo de caipira fixado sobre o rótico. Leite (2010, p. 14) pondera que, no interior paulista, o dialeto caipira é largamente estereotipado, marcadamente no modo peculiar de pronúncia do /r/ em posição de coda. Da mesma forma, Head, em 1987, já indicava que o [ʀ] é “típico da pronúncia de falantes incultos de certos meios rurais no Brasil – sendo, por isso, uma variante estigmatizada, especialmente nas reações de falantes cultos dos meios urbanos⁶”.

Perante sentimentos dessa natureza agregados ao caráter mutável da sociedade, portanto, da língua, o vigor do /r/ caipira ainda resiste? Ou melhor, a variante caipira encontra-se em um estágio de variação estável ou em processo de mudança em progresso? Independentemente da situação atual do rótico analisado, quais fatores podem ter favorecido os resultados? Qual o peso das atitudes e crenças dos falantes e de suas peculiaridades sociais no que concerne à mudança ou à estagnação de um fenômeno linguístico?

A fim de responder a essas indagações e, principalmente, averiguar nossa hipótese, adotamos como objetivo geral: registrar, por meio de um estudo em tempo real e aparente, a vitalidade do [ʀ], em coda silábica, em algumas localidades do Triângulo Mineiro, bem como verificar de que forma as crenças e as atitudes linguísticas de seus falantes podem atuar sobre os resultados obtidos.

É interessante ressaltar que o estudo em tempo real tem como ponto de partida os dados cartografados sobre o /r/ retroflexo, no EALMG (1977), nas seis cidades fixadas para esta pesquisa, comparados ao material coletado por nós, em 2011, nos mesmos municípios e, ainda, reforçados, em dois deles (Campina Verde e Uberlândia), pela coleta do ALiB, feita em 2009.

O estudo em tempo aparente parte da comparação entre as falas dos informantes jovens x idosos, tanto daqueles entrevistados para esta dissertação quanto daqueles investigados pelo ALiB. Primeiramente, buscamos averiguar se a

⁵ Trata-se da informante idosa de Lavras - MG.

⁶ Apesar das constatações de Leite (2010) e Head (1987) que demonstram a existência do estereótipo e do estigma que envolvem o /r/ retroflexo, sabemos, hoje, que esse rótico se estende entre todos os níveis sociais e não somente entre os falantes *incultos* como aponta Head. Nem mesmo o estereótipo que cerca a variante caipira inibe sua ocorrência. Tal assertiva pode ser verificada por meios dos próprios resultados da pesquisa de Leite, detalhados no capítulo III, desta dissertação.

frequência da variante caipira está ou não mediada pela idade dos informantes. Em seguida, verificamos se o nosso material e o do ALiB se complementam ou se contradizem em relação a essa variável.

Todavia, para atingir o propósito maior deste trabalho, objetivos específicos foram delineados: (i) investigar, por meio da pesquisa *in loco*, em seis pontos linguísticos do Triângulo Mineiro, que, dentre outros, fazem parte da rede de pontos do EALMG (RIBEIRO et al., 1977), a distribuição diatópica do [“] em coda silábica (interna/externa); (ii) descrever a atual situação do [“] nas localidades de Campina Verde, Frutal, Ituiutaba, Iturama, Prata e Uberlândia, a partir dos colhidos em 2011; (iii) relacionar o recente material com o do EALMG; (iv) comparar, com a finalidade de incorporar e corroborar, os dados obtidos por nós com aqueles coletados pelo ALiB, em 2009, no que se refere as cidades de Campina Verde e Uberlândia; (v) analisar quantitativamente os dados dialetológicos colhidos e apresentá-los de acordo as variáveis linguísticas e extralinguísticas adotadas para esta pesquisa e; (vi) verificar as crenças e atitudes dos falantes acerca de duas variantes (a retroflexa e a glotal) e analisá-las qualitativa e quantitativamente.

1.2 JUSTIFICATIVA E ESCOLHA DO TEMA

Natural, estudante e residente do estado do Paraná, qual motivo me levou a percorrer cerca de 600 quilômetros para colher dados em Minas Gerais? Além dos estudos revisados sobre o tema, qual outro fator me fez acreditar que seria relevante a união de uma pesquisa dialetológica à de atitudes linguísticas? Objetivando a explicação do tema escolhido, é necessário refletir sobre tais questões.

Para responder à primeira indagação, vale lembrar que, além do *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994; ALTINO, 2007), existem vários trabalhos⁷ cujo foco está voltado para a descrição de aspectos dialetais da fala paranaense, todos desenvolvidos sob a forma de monografias, dissertações ou teses, tais como: *o Esboço de um Atlas Lingüístico de Tamarana/PR* (FABRIS, 1997); *o Esboço de um Atlas Lingüístico de Centenário do Sul* (PIZOLATO, 1997); *Aspectos Lingüísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolingüístico* (LINO, 2000);

⁷ Todos os trabalhos mencionados foram desenvolvidos na Universidade Estadual de Londrina.

Glossário da Fala Rural Paranaense (RODRIGUES, 2000); *Pelos caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis* (ALTINO, 2001); *Atlas Lingüístico -Etnográfico da Região Oeste do Paraná – ALERO* (BUSSE, 2010), entre outros.

O estado conta, ainda, com pesquisas desenvolvidas acerca das crenças e atitudes linguísticas, como a de Amâncio (2004) - *Um estudo sobre atitudes linguísticas na fronteira Brasil-Argentina*; Pastorelli (2009) - *Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa?*; Silva (2010) - *Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert*; Pastorelli (2011) - *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*; Silva-Poreli (2011) - *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita: um estudo das relações do português com línguas em contato*.

Em face dos inúmeros trabalhos realizados na terra roxa, optamos por pesquisar outro campo, mais extenso e menos explorado, pelo menos no que diz respeito ao fato fonético que nos propomos investigar. Ademais, diferentemente, do que ocorre no Paraná, o /r/ retroflexo não é predominante em todo o território mineiro, fato que pode desencadear variações ou até mesmo mudanças linguísticas. Vale lembrar que a fala de Minas Gerais reflete um mosaico linguístico que, segundo Zágari (2005), é composto por três falares: o mineiro, o baiano e o paulista.

A realização da nossa monografia - *Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert*-, em 2009, sob a orientação da Dra. Vanderci de Andrade Aguilera é o ponto de partida para a resposta da segunda pergunta. Essa pesquisa feita com falantes de Londrina e Pitanga rendeu-nos resultados interessantes. Na ocasião, analisamos as atitudes e crenças linguísticas dos falantes acerca de um aspecto fonético que distingue os subdialetos do norte e centro do Paraná: o alçamento da vogal média /e/ > /i/ naquele e a manutenção da vogal neste. Em decorrência de fatores sociais como, por exemplo, o *status* atribuído a Londrina, vista como cidade grande, frente ao caráter rural de Pitanga, levou os informantes pitanguenses a desprestigiarem a fala conterrânea. Outro fator que se mostrou atuante nos resultados foi a variável sexo, haja vista que os homens, sobretudo os naturais de Londrina, mostraram-se demasiadamente preconceituosos em relação ao falar diferente que lhes foi apresentado. Diante da produtividade desse trabalho,

pareceu-nos propício implementar na presente pesquisa, por meio, também, do método dos *falsos pares*, de Lambert & Lambert (1968), a análise das atitudes dos falantes mineiros.

É sabido que a língua, além de diferenciar-se diatopicamente, configura-se de acordo com a sociedade. Sendo assim, mudanças de ordem variada permeiam sua estrutura ao longo do tempo. Isto posto, é imprescindível a realização de trabalhos que, de um lado, fotografem dado estágio da língua, como os atlas linguísticos e, de outro, aqueles que ratifiquem os registros desses trabalhos e/ou que demonstrem alterações ocorridas, utilizando novos pressupostos teórico-metodológicos e ferramentas da informática, como os adotados na presente pesquisa.

Vale destacar, ainda, que a atualização de dados dialetológicos conjugados, neste caso, a elementos sociais e atitudinais aprimoram o conhecimento da realidade atual dos dialetos e, em última instância, da língua como um todo, oferecendo material a professores e pesquisadores que buscam entender o processo de variabilidade e mudança linguística.

1.3 ORGANIZAÇÃO DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS

Esta dissertação é composta por cinco capítulos. O presente capítulo, isto é, o capítulo 1, traz as hipóteses e objetivos pelos quais nos orientamos, apresenta também a justificativa e os motivos que nos levaram a escolher o tema deste trabalho. No capítulo 2, são dispostas breves informações sobre os aspectos históricos e geográficos do estado de Minas Gerais e do Triângulo Mineiro. O capítulo 3 contém a base teórica que sustenta este estudo. No capítulo 4, descrevemos a metodologia adotada, delineamos os *corpora*, o tratamento aplicado em cada um deles, bem como o perfil dos informantes e as variáveis linguísticas e extralinguísticas que nortearam a análise. Por fim, o quinto capítulo é voltado para a descrição e análise dos dados.

2 ESBOÇO DA HISTÓRIA DE MINAS GERAIS

Deve-se aos italianos a maior massa imigratória ocorrida, depois da abolição da escravatura (1888), em Minas Gerais. Entretanto, a história desse estado, de acordo com Ribeiro et al. (1977), tem início bem antes, no século XVI, com a descoberta das primeiras estradas: o rio Doce, onde foram encontradas as primeiras jazidas de ouro e o Jequitinhonha. Lembra, ainda, o autor que os primeiros a pisar em tais estradas foram Sebastião Fernandes Tourinho, seguido de Antonio Dias Adorno. Mais tarde, no século XVII, foi a vez dos bandeirantes Fernão Dias Pais, Bartolomeu Bueno de Siqueira e Manuel de Borba Gato adentrarem no estado em busca de suas riquezas. Acerca da trajetória dos bandeirantes, Castro (2006, p.24) atesta que:

Ainda que a busca do índio fosse o objetivo inicial das incursões bandeirantes, o sonho da descoberta de riquezas minerais, ostentadas pela colonização espanhola, nunca fugiu dos horizontes desses desbravadores. E o espírito aventureiro dos primeiros paulistas, que assim se forjava, seguidamente os levava a se embrenharem pelo mato em grandes expedições em que era numeroso o contingente de índios [...]. No século XVII, o século das bandeiras, intensifica-se esse movimento. Descobertos os primeiros aluviões (Taubaté), ainda que uma mineração pobre, estimulam a penetração além da Mantiqueira, levando às grandes descobertas no território mineiro no alvorecer do século XVIII (1698).

A descoberta das riquezas dessa região somada à ganância e à intrepidez de tais desbravadores culmina na Guerra dos Emboabas. As batalhas, em Minas Gerais, travadas devido à exploração do ouro e de pedras preciosas não cessam e muitas disputas com a coroa portuguesa são travadas, entre elas a Revolta de Felipe dos Santos⁸ e a Inconfidência Mineira⁹.

⁸ Com o objetivo de centralizar as cobranças de impostos e fiscalizar os minérios extraídos, a corte portuguesa cria, no ano de 1719, as Casas de Fundação. Insatisfeitos com isso, alguns colonos liderados pelo tropeiro Felipe dos Santos formam um grupo, em 1720, e planejam o fechamento dessas casas. O plano, contudo, não triunfa, resultando na prisão de seus componentes e no esquitejamento de seu líder.

⁹ Apesar da cobrança abusiva de impostos, a corte portuguesa ainda não estava satisfeita com seus lucros, assim, resolve criar mais uma forma de complementar sua arrecadação, implantando a *derrama*, no ano de 1789. Descontentes com esse episódio e com a ganância desmedida dos colonizadores, a elite de Minas Gerais composta por poetas como Claudio Manoel da Costa e Tomás Antonio Gonzaga, padres como Carlos Correa de Toledo, coronéis como Joaquim Silvério Reis e o alferes Tiradentes, todos inspirados pelos ideais do Iluminismo, se revoltam contra a corte e em suas reuniões tramam a proclamação da independência do Brasil e de uma república na região

Frente a tantos combates e já quase perdendo o domínio da situação, a coroa portuguesa consolida, em 1709, a Capitania de São Paulo e Minas e o então governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a partir da criação das três primeiras vilas do estado -: Ribeirão do Carmo (Mariana), Vila Rica (Ouro Preto) e Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará (Sabará)- funda um órgão administrativo que visa ao controle de tamanha riqueza. Em 1720, a Capitania de Minas Gerais é separada da de São Paulo, sendo Vila Rica sua capital.

A partir dessa época, ou mais exatamente, entre 1700 e 1850, o extrativismo se expande imensamente, fato que aumenta o número de escravos e faz destes exclusivamente os trabalhadores braçais para a extração. Estima-se que durante esse período cerca de 500 mil negros foram trazidos para Minas. Disso resulta “um sincretismo de crenças portuguesas, africanas e indígenas” (RIBEIRO et al., 1977, p.41).

Praticamente extinto o ouro, tem início um processo de deslocamento das famílias para outras regiões e assim o território mineiro, que antes se limitava à área das minas, se expande. As regiões, no século XVIII, da Zona da Mata, Norte de Minas e Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba são ocupadas e a economia volta-se para a produção cafeeira. Essa mudança favorece as relações sociais e comerciais de Minas Gerais com seus estados limítrofes e provoca, como não podia ser diferente, interferências regionais na fala dos mineiros. Sobre o assunto, Ribeiro et. al. (1977, p.41) explica que:

Antigamente, para ir de Juiz de Fora a Caxambu, o caminho mais fácil era pelo Estado de São Paulo. Verifica-se muita semelhança de pronúncia entre o mineiro do sul e o paulista limítrofe. Compara-se Lorena com Itajubá. Quem chega a Passos ouve falar constantemente de Ribeirão Preto e Franca [...]. A partir de Formiga até São Sebastião do Paraíso se verifica um número muito grande de carros com chapas de diversas cidades paulistas, inclusive da capital [...]. *Também o Triângulo Mineiro tem fortes ligações com São Paulo* (grifo nosso). Para o oeste, o norte e o nordeste do Estado, a Bahia e alguns estados nordestinos, principalmente Pernambuco, são os contatos mais comuns com as populações. A partir de Montes Claros, nota-se muita semelhança com falares baianos e nordestinos: Januária, Manga, Teófilo Ottoni, Medina e Nanuque.

de Minas Gerais. Nesse meio tempo, um dos inconfidentes, Joaquim Silvério dos Reis, em troca do perdão de suas dívidas, denuncia seus companheiros à corte, assim, alguns inconfidentes são presos pela coroa, outros exilados e um deles, Tiradentes, o único a assumir a culpa, é enforcado, esquartejado e tem seus membros expostos nos principais acessos do estado, castigo severo aplicado pela corte a fim de servir de lição e impedir outras revoltas.

Passando por momentos de auge, exploração e decadência, Minas Gerais se expande e as três primeiras vilas, hoje, frutificaram 853 municípios (IBGE, 2010)¹⁰, divididos em 10 macrorregiões, 66 microrregiões e 39 associações microrregionais e 19.597.330 habitantes. Dentre as macrorregiões, propomos o estudo do Triângulo Mineiro¹¹, região desbravada também pelos bandeirantes, área pertencente, até o ano de 1748, à Capitania de São Paulo, fato que favoreceu a ocorrência de fortes influências linguísticas deste estado sobre os falantes de Minas Gerais. No item 2.1, tratamos, sinteticamente dos principais aspectos dessa área.

2.1 ASPECTOS GERAIS DO TRIÂNGULO MINEIRO¹².

A história da região, hoje conhecida como Triângulo Mineiro, tem início em 1722 com a incursão das bandeiras que partiam de São Paulo com destino a Goiás. Anteriormente denominada Sertão da Farinha Podre e ocupada pelos índios Caiapós, a região atraiu mineiros do Campo das Vertentes e da Central Mineira cujas riquezas minerais estavam condenadas. O Triângulo Mineiro pertenceu à capitania de São Paulo até o ano de 1748, depois foi anexado à capitania de Goiás, passando a denominar-se Julgado do Desemboque. Somente em 1816 a região passa a ser território de Minas Gerais.

Situado entre os rios Grande e Paranaíba, o Triângulo Mineiro faz fronteira ao norte com o Sul Goiano e com o Noroeste de Minas; ao sul com Ribeirão Preto – SP, São José do Rio Preto –SP e com o Sul e Sudoeste de Minas; a leste com a Central Mineira e com o Oeste de Minas e a oeste com o Leste de Mato Grosso do Sul. Suas principais cidades são Uberlândia, Uberaba, Araguari e

¹⁰ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 23 junho de 2011.

¹¹ Para maiores informações sobre esta região, consultar o capítulo II deste trabalho.

¹² Os dados aqui expostos são provenientes de consultas nos seguintes sites: <http://www.mg.gov.br>, <http://www.agenciaminas.mg.gov.br>, <http://www.minas-gerais.net>, <http://www.triangulomineiro.com> e <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 27/11/2011.

Ituiutaba. Compõe uma das dez regiões¹³ de planejamento do estado e faz parte da Mesorregião¹⁴ do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

A população é estimada em 1.602.678 habitantes e sua área territorial abrange 53.719 km², pela qual se distribuem 35 municípios: Araguari, Araporã, Cachoeira Dourada, Campina Verde, Campo Florido, Canápolis, Capinópolis, Carneirinho, Cascalho Rico, Centralina, Comendador Gomes, Conceição das Alagoas, Conquista, Delta, Fronteira, Frutal, Gurinhatã, Indianópolis, Ipiaçu, Itapagipe, Ituiutaba, Iturama, Limeira do Oeste, Monte Alegre de Minas, Pirajuba, Planura, Prata, Santa Vitória, São Francisco de Sales, Tupaciguara, Uberaba, Uberaba, União de Minas e Veríssimo. Dentre estes, os maiores e principais são Uberlândia (611.903 habitantes), Uberaba (299.360), Araguari (110.402) e Ituiutaba (97.791). Compõe-se, ainda, pelas 4 microrregiões de Frutal, Ituiutaba e Uberlândia

Trata-se de uma das áreas mais ricas de Minas, com economia centrada em indústrias de processamento de alimentos, de madeira, de açúcar e álcool, fumo e de fertilizantes. A pujança e independência econômica da região é tão expressiva que, em 1988, na época da Assembleia Constituinte, foi elaborado um projeto que visava à criação do Estado do Triângulo. Tal acontecimento ficou conhecido como *movimento separatista do Triângulo Mineiro*. A discussão findou-se apenas neste ano por meio da decisão contrária do Supremo Tribunal Federal (STF) ao projeto de separação. É sabido que outros motivos envolvem essa proposta, contudo, não cabe, aqui, destacá-los.

Segundo informações recentes publicadas no site www.agenciaminas.mg.gov.br, o Triângulo Mineiro e parte do Estado de Mato Grosso do Sul receberão, até 2012, 89 novas usinas de etanol, fato que acentuará ainda mais seu papel na geração de empregos no estado. Além disso, a região demonstra grandes avanços tecnológicos. Uberaba, por exemplo, é polo em

¹³ A divisão do território de Minas Gerais, adotada oficialmente pelo governo estadual, estabelece dez Regiões de Planejamento, a saber: Alto Paranaíba, Central, Centro-Oeste de Minas, Jequitinhonha/Mucuri, Mata, Noroeste de Minas, Norte de Minas, Rio Doce, Sul de Minas e Triângulo. O número de municípios em cada uma delas é o seguinte: Alto Paranaíba (31), Central (158), Centro-Oeste de Minas (56), Jequitinhonha/Mucuri (66), Mata (142), Noroeste de Minas (19), Norte de Minas (89), Rio Doce (102), Sul de Minas (155) e Triângulo (35).

¹⁴ O Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) divide Minas Gerais em 12 mesorregiões e 66 microrregiões. As 12 mesorregiões estabelecidas são as seguintes: Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata.

Disponível em <http://www.mg.gov.br/governomg/portal/m/governomg/conhecaminas/geografia/5671-regioes-de-planejamento/5146/5044>. Acesso em 27/11/2011.

genética de bovinocultura de corte e de bubalinocultura e Frutal, por sua vez, é polo em recursos hídricos. Como expoentes de sua economia, podemos citar, ainda, o Porto Seco do Cerrado, em Uberlândia, com infra-estrutura para atender importadores e exportadores e o Porto Seco do Vale do Rio Grande, em Uberaba, responsáveis por significativas arrecadações fiscais.

No item 2.2, apresentamos, brevemente, aspectos históricos e econômicos das cidades, do Triângulo Mineiro, selecionadas para compor nossa rede de pontos.

2.2 BREVE HISTÓRICO E ASPECTOS GERAIS DAS CIDADES SELECIONADAS PARA ESTA PESQUISA.

2.2.1 Campina Verde

João Batista e sua esposa, procedentes de Jacareí-SP, chegam ao lugar antes dominado pelos índios caiapós e se fixam na localidade, após algum tempo, compram a fazenda Campo Belo, onde hoje está o município de Campina Verde. Por volta de 1827, como não possuíam herdeiros, o casal doa as terras da fazenda para a Congregação da Missão, a qual instala ali um de seus colégios, e, em 1842, esse estabelecimento recebe enorme impulso integrando, dessa forma, o povoamento da cidade.

Situada a 720 quilômetros da capital, na região do Triângulo Mineiro, pertencente à microrregião de Frutal, Campina Verde conta com 19.324 habitantes e uma área de 3.650,8 km². Seus municípios limítrofes são Prata, Itapagipe, São Francisco de Sales, Iturama, União de Minas, Santa Vitória, Gurinhatã e Ituiutaba. O município foi criado pelo Decreto - Lei nº 148, de 17 de dezembro de 1938 e instalado no dia 1º de janeiro de 1939, com o desmembramento da cidade de Prata. Sua economia centra-se na agropecuária. O nome Campina Verde tem origem nas belas campinas existentes na localidade.

2.2.2 Frutal

Em torno da capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo, situada entre a passagem obrigatória para os que transitavam de São Paulo para Goiás e Mato Grosso, formou-se o povoado de Frutal. Esse município, inicialmente, concentrava suas atividades econômicas na criação pecuária que servia para abastecer as bandeiras e os viajantes. Em 1850 passa à categoria de Arraial e quatro anos mais tarde é incorporada ao Município de Uberaba. Seu desmembramento ocorreu em 5 de outubro de 1885, de acordo com Lei n.º 3325, assim, o distrito foi emancipado e elevado à categoria de Vila, denominada Carmo do Fructal. Por fim, sua elevação à cidade ocorreu em 4 de outubro de 1887, através da Lei n.º 3.464, já com o nome de Frutal cuja origem remete ao tempo de sua fundação, devido aos riachos cheios de jabuticabas (frutas).

Frutal engloba uma das quatro microrregiões do Triângulo Mineiro. Segundo o IBGE (2010)¹⁵ o município tem 53.474 habitantes e uma área territorial de 2.429,679. Suas cidades vizinhas do estado mineiro são Comendador Gomes, Campo Florido, Fronteira, Itapagipe, Pirajuba e Planura e do estado paulista: Colômbia, Barretos, Guaraci, Orindiúva e Paulo de Faria. A distância da capital é de 620 quilômetros. A base econômica gira em torno da agropecuária e da cana-de-açúcar, além de ser a terceira maior produtora de abacaxi do país.

2.2.3 Ituiutaba

Após expulsarem os índios caiapós que ali permaneciam, Antônio de Moraes e José da Silva Ramos, em 1819, fixam-se na região e assim começa o povoamento de Ituiutaba. Por volta de 1832 foi edificada a primeira capela em honra a São José, e em torno dela surge o Arraial São José do Rio Tijucu, pertencendo ao município de Prata. O desmembramento da cidade aconteceu em 16 de Setembro de 1901, por meio da Lei Estadual de nº 319, a partir de então passa a denominar-se Vila Platina e, em 1915, Ituiutaba.

Sua população é de 97.171 habitantes com uma área total de 2 598,046 km². Faz divisa com os municípios de Gurinhatã, Ipiaçu, Capinópolis,

¹⁵ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 23 junho de 2011.

Canápolis, Santa Vitória, Monte Alegre de Minas, Prata, Campina Verde e com o estado de Goiás e fica a 685 quilômetros de Belo Horizonte. Consiste em uma das microrregiões do Triângulo Mineiro.

A base de sua economia é o agronegócio (agricultura da soja e milho e pecuária de corte e leite) e a prestação de serviços (comércio variado, advocacia, assessoria e consultoria de informática, entre outros). É considerada um pólo regional, prestando diversos serviços à região do Pontal do Triângulo Mineiro. Possui, ainda, três faculdades particulares, Faculdade do Triângulo Mineiro (FTM), UNOPAR (Ensino à Distância), a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e sedia, também um campus da Universidade Federal de Uberlândia.

2.2.4 Iturama

Localizada na região do Triângulo Mineiro, especificamente, na microrregião de Frutal, é fruto de uma doação de terras feita em 24 de março de 1897, por Francisca Justiniana de Andrade à Diocese de Uberaba. Nessa área, próxima ao Rio Grande, cresceu o Povoado de Santa Rosa, numa região habitada por índios Caiapós. Em 17 de dezembro de 1938, tornou-se distrito de Campina Verde (Decreto No. 148), passando a se chamar Camélia, em 1943. Em sua emancipação, legalizada pela Lei 336 de 27 de dezembro de 1948, recebe o nome atual Iturama que significa região das quedas d'água, provavelmente em referência às grandes cachoeiras que existiam onde é atualmente a Usina de Água Vermelha.

A uma distância de 750 quilômetros da capital, Iturama limita-se aos municípios de União de Minas, Campina Verde, São Francisco de Sales, Populina, Ouroeste, Indiaporã, Mira Estrela, Carneirinho, e Limeira do Oeste. Em uma área de Área 1 401,236 km² comporta 34. 456 habitantes.

Iturama se destaca como centro regional do Pontal do Triângulo Mineiro, sendo referência na área da saúde, educação, comércio, hotelaria e de serviços. A economia é baseada na agricultura e pastoreio, na plantação de cana-de-açúcar, a produção do álcool e na prestação de serviços. A cidade conta com uma universidade particular e estão previstas a chegada da UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro) e da Usina de Biodiesel Triângulo. Está composta hoje por 190 indústrias que propulsionam a economia municipal e os negócios.

2.2.5 Prata

Situa-se na microrregião de Uberlândia, a 540 quilômetros da capital, é vizinha dos municípios de Uberlândia, Ituiutaba, Monte Alegre de Minas, Campina Verde, Comendador Gomes, Campo Florido e Veríssimo. A localidade é composta por 25.805 e por uma área de 4. 856,626 km².

A história da cidade de Prata remonta às primeiras bandeiras (1810-1813) que adentraram a região do Sertão da Farinha Podre (atual Triângulo Mineiro) à procura de terras para a agricultura e criação de gado. O distrito de paz foi criado em 13 de março de 1839, pela Lei n.º 125, com a denominação de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos. O Município, criado pela Lei n.º 363, de 30 de setembro de 1848, e supresso pela de n. 472, de 31 de maio de 1850, foi restaurado com o nome de Prata e desmembrado de Uberaba (Lei n.º 668, de 27 de abril de 1854).

Trata-se do terceiro núcleo urbano formado no Triângulo Mineiro, depois de Araxá e Uberaba. A partir de Prata surgiram todas as cidades do Pontal do Triângulo, tais como Ituiutaba, Frutal, Campina Verde, Santa Vitória, Iturama, entre outras. É conhecida como a Capital do Leite, devido à sua grande produção (a segunda maior do Triângulo Mineiro), possui, ainda, o maior rebanho de gado de Minas Gerais. Suas atividades econômicas concentram-se na pecuária e na agricultura.

2.2.6 Uberlândia

Após o desbravamento dos bandeirantes, João Pereira da Rocha (1818) fixa-se na região e instala a sede da sesmaria, denominada Fazenda São Francisco . Tal feito atrai outras famílias e culmina em um povoado, chamado de Nossa Senhora do Carmo. Em 11 de junho de 1857, foram incorporadas ao patrimônio do povoado mais doze alqueires doados por moradores, dando origem a Freguesia de São Pedro de Uberabinha. Por meio do decreto nº 51 de 7 de junho de 1888, as Freguesias de Santa Maria e São Pedro de Uberabinha foram elevadas à categoria de Vila. No dia 31 de agosto do mesmo ano, foi criado o município de São Pedro de Uberabinha, atual Uberlândia, emancipando-se de Uberaba. Pela lei estadual nº 23 de 14 de março de 1891, ocasião da sua instalação, passou a se

chamar Uberabinha, mais tarde, em 19 de outubro de 1929 (Lei estadual nº 1128) recebeu o nome atual que provém do latim e significa terra fértil.

Devido ao crescimento de Uberlândia e cidades próximas, foi criada a Microrregião de Uberlândia, reunindo além do município, outras dez cidades, a saber: Araguari, Araporã, Canápolis, Cascalho Rico, Centralina, Indianópolis, Monte Alegre de Minas, Prata e Tupaciguara.

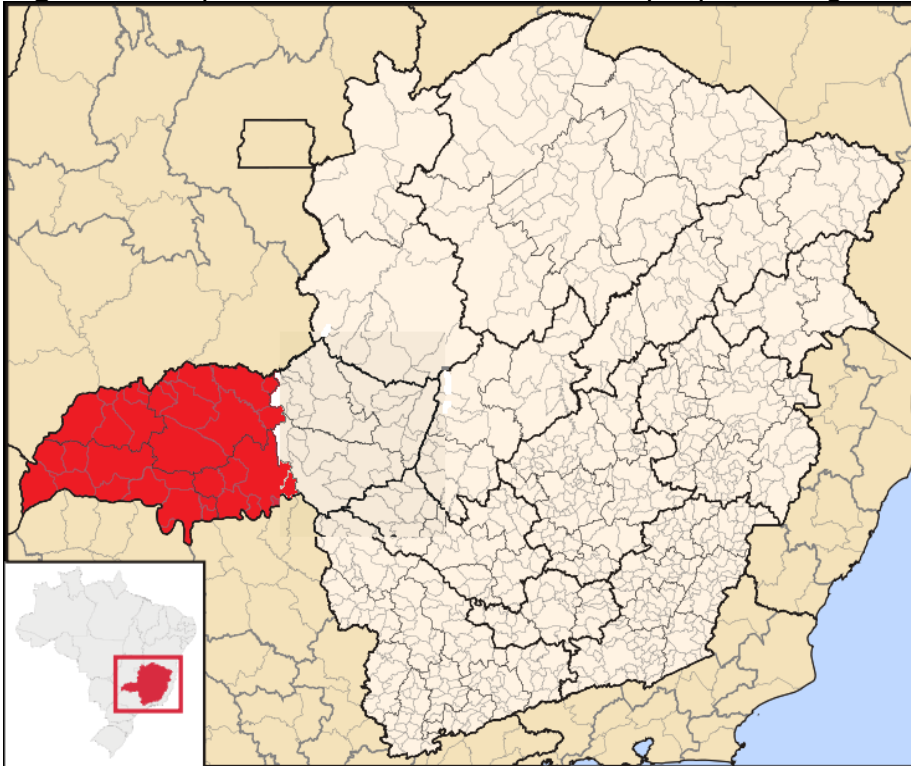
Atualmente a cidade conta com uma população de 611.903 habitantes, trata-se do segundo município mais populoso de Minas Gerais, sua área territorial compreende 4.115,822 km². As localidades limítrofes são Araguari, Monte Alegre de Minas, Prata, Indianópolis, Uberaba, Veríssimo e Tupaciguara. A distância até a capital é de 556 quilômetros.

A economia de Uberlândia sustenta-se, principalmente, pelo setor terciário, seguido do setor industrial e, por último, do setor agrícola. Pertencente ao primeiro podemos citar os *shopping centers*, como por exemplo, o *Pratic Shopping*, o *Griff Shopping* e o *Center Shopping Uberlândia* considerado como o maior *shopping center* do estado e o sétimo do país. No que diz respeito ao segundo setor, vale mencionar algumas das maiores empresas do Brasil e ainda multinacionais, como Cargill Agrícola, Casas Bahia, Companhia de Telecomunicações do Brasil Central (CTBC), Monsanto, Petrobras, Sadia, Souza Cruz e Coca-Cola.

A cidade possui, ainda, várias faculdades e uma universidade federal, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), além de um campus do Instituto Federal do Triângulo Mineiro. Também conta com uma das maiores universidades particulares do estado, a Faculdade Pitágoras, representada pela UNIMINAS.

Em seguida, na figura 1, apresentamos um mapa do estado de Minas Gerais com destaque para a região do Triângulo Mineiro e, na figura 2, as microrregiões dessa área.

Figura 1 - Mapa de Minas Gerais com destaque para a região do Triângulo Mineiro



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregião_do_Triângulo_Mineiro_e_Alto_Paranaíba. Material adaptado.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Levando em consideração o fato de o nosso objeto de estudo se revestir de uma característica dialetal, ou seja, o /r/ retroflexo, no Triângulo Mineiro, realizamos nos subitens deste capítulo um percurso que engloba alguns dos motivos que culminam nessa variedade de rótico. Em seguida, tratamos dos conceitos de dialeto e subdialetos, das disciplinas que os abarcam e dos avanços por ela alcançados. Situando, nessas áreas científicas, três obras principais que fundamentam este trabalho: *O dialeto Caipira*, de Amaral (1920), *Falar Mineiro*, de Teixeira (1938) e o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*, de Ribeiro et al. (1977), procuramos demonstrar a presença da variante caipira na fala mineira. Por fim, abordamos, com base nos atlas publicados até então, a extensão desse rótico, no Brasil, e apresentamos pesquisas realizadas acerca dessa variante, as quais buscam, de alguma forma, explicar sua origem, delimitar/demonstrar sua extensão, apresentar os fatores favoráveis ou desfavoráveis para sua ocorrência, entre outros aspectos.

3.1 ESBOÇO DA CONSTITUIÇÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL

A língua portuguesa no Brasil, ou como queiram os mais patriotas, a língua brasileira¹⁶, nasce a partir de um encontro de opostos: de um lado o português de Portugal, refinado, “rico, complexo, maleável”, advindo da Europa; de outro, o tupi, língua “pobre, simples, rudimentar, sem passado literário, instrumento de um povo rude, de cultura primitiva”. (MELO, 1971, p.51)

De todas as línguas faladas pelos índios no Brasil, sem dúvida, a tupi era a mais utilizada, fato que pode ser atestado mediante os topônimos, antropônimos, zoônimos e fitônimos registrados durante as expedições dos bandeirantes, os quais nomeavam os rios, lagos, vales, acidentes geográficos, animais, plantas, frutas e outros. Sobre o assunto, Sampaio (1901, p.14) afirma que:

¹⁶ Compartilhando da mesma opinião de Nascentes (1953) e Melo (1971), não abordaremos nem mesmo nos parece válida a discussão acerca da nomenclatura dada a nossa língua, visto que esse tema parece muito mais político que linguístico.

As *bandeiras* quasi que só fallavam o tupi. E se por toda a parte onde penetravam estendiam os dominios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a língua, a qual só mais tarde se introduzia com o progresso da administração, com o commercio e os melhoramentos. Recebiam então um nome tupi as regiões que iam se descobrindo, e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nellas jamais tivesse habitado uma tribu de raça tupi.

Corroborando com Sampaio (1901), Teyssier (2004, p.94) assevera que “durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicações. Era o tupi que utilizavam os bandeirantes nas suas expedições”.

Por certo período, o tupi foi mais falado que o próprio português. A sobreposição do tupi frente à língua portuguesa era tão evidente que o rei de Portugal chegou a decretar a proibição do uso da “língua bárbara”. Sobre o tema, ainda, lembra Teyssier (2004) da imposição do Marquês de Pombal, em 03 de maio de 1757, da língua portuguesa e, conseqüentemente, a interdição da língua geral.

Diante desse panorama não é difícil imaginar a dificuldade dos autóctones de absorverem as novas regras trazidas pelos portugueses, sejam elas de ordem léxica, sintática ou fonética. Mesmo forçados a abandonar sua língua, é fato que dela trouxeram muitas marcas que, hoje, estão impregnadas na língua portuguesa.

Sob toda essa pressão e diante de uma língua mais evoluída e mais rica [...] instrumento que era de uma cultura consideravelmente superior (MELO, 1971, p.51), o tupi cede, involuntariamente, seu espaço ao português. Contudo, suas marcas, como já mencionamos, permanecem. Comprovando tal afirmação, o autor afirma a existência de pelo menos 10.000 vocábulos herdados do tupi, dentre eles, alguns topônimos como: *Andaraí, Brocoió, Cabuçu, Carioca, Catete, Guanabara, Maracanã, Abaeté, Tijuca, Atibaia, Bauru, Bagé, Tamandaré, Tremembé, Paraná, Paranaguá*; antropônimos como: *Araci, Iracema, Jaci, Jurema, Iraci, Jacira, Jandaia*; nomes que se formam a partir de radicais tupis: *Cajazeira, Guanabarino, Pitangueira*; itens lexicais que batizam nossa fauna e flora: *abacaxi, capim, cipó, jabuticaba, pitanga, mandioca, aipim, gabioba, maracujá, caju, araponga, capivara, gambá, piranha, sanhaço, tatu, urubu*; nomes em geral: *arapuca, curau, caipora, curupira*; frases consolidadas no português do Brasil como: *estar na pindaíba, chorar pitanga, estar à tocaia*; verbos formados a partir de radicais tupis como: *acocorar,*

capinar, cotucar, pererecar, pecar, entre tantos outros. Castilho (2004, p. 239), concordando com Melo, afirma que “o grosso das contribuições léxicas indígenas provém do tupi-guarani [...]”. “Não há notícias comprovadas das influências fonéticas ou gramaticais”. Há, entretanto, estudiosos como Sampaio (1901) que não comungam da mesma opinião de Castilho e de Melo e chegam a atribuir aspectos, como os da nasalização, da roticização, elipse ou permuta de algumas consoantes, à herança indígena.

É fato que tais influências necessitam de rigor teórico e científico de peso para se sustentarem; precisam, sobretudo, de fontes históricas que as comprovem, o que muitas vezes se torna inviável devido ao número reduzido de documentos disponíveis e à ausência de registros orais, por isso, é de suma importância que estudiosos continuem pesquisando sobre as línguas indígenas.

Fechando o cenário linguístico tupi x português, outro ponto importante que podemos ressaltar é o fato de os autóctones terem de se adequar a uma língua nova. Tal processo, como se pode imaginar, é lento e não ocorre sistematicamente entre todas as gerações, pois, a primeira delas pode ter encontrado mais dificuldades em adquirir as novas regras e, por isso, preservaram traços linguísticos perpetuados, na língua, até os dias de hoje; as seguintes, provavelmente, encontram mais facilidade e assim sucessivamente. “A tradição da segunda língua neste novo meio é imperfeita, fato que pode determinar profundas modificações nessa língua implantada” (MELO, 1971, p.51).

Para o autor, as contribuições africanas são menos extensas que as tupis, porém, mais intensas, já que se concentram no âmbito da morfologia e da fonética ao passo que as indígenas voltam-se para a esfera lexical. A justificativa para tal acontecimento pode residir no fato de os negros, devido, sobretudo à sua condição de escravos, estarem sempre em contato com os brancos, aprendendo a língua com eles, transplantando nela suas dificuldades, acrescentando alguns aspectos seus e depois os transmitindo, como em um círculo vicioso, para os filhos dos portugueses. “Ora, não se pode esquecer que as primeiras impressões são as mais fortes e as mais resistentes. De modo que aqueles que aprenderam de negros a língua tendem a conservar algumas lembranças e marcas desse primeiro aprendizado” (MELO, 1971 p. 74).

Como lembra o referido autor, dois foram os dialetos trazidos pelos negros: o nagô ou iorubá, para a Bahia, e o quimbundo nas demais regiões, sendo o

último o mais difundido no Brasil. Estes dois falares não apresentavam flexão e, dessa forma, os negros, ao utilizarem o português, como segunda língua, imprimiam nele tal característica, ou melhor, simplificavam e reduziam suas flexões, assim, pluralizavam o determinante, aglutinavam ou deglutinavam fonemas, não realizavam a concordância verbal entre outros fenômenos. Sob essa esfera, é válido citar alguns exemplos da fala africana apontados pelo estudioso: *os homi ta i; as prima já chegaro (ou já chego); ele brigô c'os fiyo; esses menino são endiabrado (ou é endiabrado); são uns diabo os negrinho da cumádi Cândia*. Dentre todos os aspectos, para Melo (1971), a simplificação e a redução de flexões consistem na mais profunda influência africana no português do Brasil.

Diante das influências mencionadas e do contexto histórico que envolve a constituição do PB, até este ponto, Melo (1971, p.18) assim se refere:

[...] o português, transplantado, sofreu um rude abalo. Passou por vicissitudes mil, decorrentes das condições históricas, sociais e geográficas da formação brasileira, sofreu a concorrência do tupi, foi altamente deturpado na bôca dos prêtos, ficou ilhado em muitos pontos do território nacional, que se imunizaram do bafejo civilizador. Mesmo depois que reagiu e se adaptou às novas condições de vida, mesmo depois que foi tonificado pelas injeções de sangue novo, as levas de emigrantes lusos que, sucessivas, buscavam a Colônia, mesmo depois que se pôde acastelar na língua escrita, teve de ser usado por um povo que já tinha outra afetividade que não a portuguesa, outro espírito nacional, outra maneira de sentir e interpretar a vida.

Além disso, nosso mosaico linguístico constitui-se por um percurso muito extenso, e por que não dizer infinito, pois as ondas imigratórias que aqui chegaram foram muitas e junto a elas as interferências linguísticas.

É sabido que até o ano de 1822, no Brasil, encontravam-se apenas os índios, os colonizadores portugueses e os escravos africanos, entretanto, devido ao fim do tráfico negreiro (1850) e à expansão cafeeira, sobretudo no estado de São Paulo, grandes levas de imigrantes vieram para cá, uns com a esperança de melhores condições de vida propostas, enganosamente, pelos monarcas; outros para fugirem da realidade de seus próprios países. De forma cronológica, podemos elencar primeiro os alemães (1824), os quais fixaram suas colônias, principalmente, nas regiões do Noroeste de Santa Catarina, no planalto setentrional do Rio Grande

do Sul até o rio Uruguai, no planalto paranaense e em alguns vales de rios, como o Sinos, Jacuí, Taquari e Caí, no Rio Grande do Sul, e Itajaí, em Santa Catarina.

Em seguida, em 1870, para os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Santa Catarina e Minas Gerais, vieram os italianos impulsionados pelas transformações sócio-econômicas ocorridas no Norte da península italiana e que afetaram a propriedade da terra.

A partir da década de 80 do século XIX, os espanhóis, responsáveis por compor a 3ª maior etnia, depois dos portugueses e italianos, encaminharam-se para São Paulo a fim de trabalhar nas fazendas de café. Em 1908, chegaram os japoneses e quase todos eles (92, 5%) reuniram-se em São Paulo. No término do século XIX, foi a vez dos sírios e libaneses, os quais se concentraram, principalmente, no estado de São Paulo. Uma parte deles, entretanto, fixou-se no Norte do país, nos estados do Pará, Amazonas e Acre. Entre os anos 20 a 30 do século seguinte, os judeus começam a chegar ao Brasil, entre eles os da Europa Central (russos) e, mais tarde, os alemães, fixando-se em São Paulo e Rio de Janeiro, sobretudo. As contribuições destes imigrantes são visíveis em nossa cultura, culinária, arquitetura e, como não podia ser diferente, em nossa língua. Eles estimularam o desenvolvimento industrial e o comércio; modificaram a paisagem cultural; introduziram novos padrões alimentares e modificações na língua portuguesa, que ganhou palavras novas e um sotaque particular (SEYFERTH, 1990)

3.2 DIALETO E SUBDIALETO

Tomando por base essa pequena amostra da composição linguística de nosso país, verificamos quão ricos e miscigenados são os dialetos que constituem o PB. Segundo Nascentes (1960) uma língua não se difunde de uma região para outra sem alterar-se aqui e ali, podemos chamar de dialeto a essa alteração de aqui/ali mencionada pelo autor, termo que definido de forma simples e objetiva é formado por conjuntos de falares de uma língua, os quais se diferem por particularidades regionais, sociais e até mesmo atitudinais.

Não existe, na realidade, consenso entre os pesquisadores da área para o dialeto. Coseriu (1982, p. 11-12), por exemplo, considera-o como “uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica ou

idioma”. Para Chambers e Trudgill (1998 [1980]) dialeto refere-se a variantes que se diferem gramatical, lexical e fonologicamente.

Cunha (1985, p.04), ao definir o referido termo, parece distanciá-lo de uma língua base, pois afirma que “dialeto é um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida”. Já, para Borba (1973, p.68), dialeto é formado por um “conjunto de particularidades que, agrupadas, dão a impressão de um falar distinto, apesar do parentesco que os une”. Por esta definição, é tênue a linha que separa dialeto de língua se considerada a condição de *parentesco*.

Para Melo (1971, p.30), os dialetos constituem-se por aspectos regionais e acrescenta, ainda, um carácter, até certo ponto, inconsciente de seus falantes ao afirmar que o indivíduo “cresce falando com sotaque característico e acento peculiar, usando termos e construções regionais, sem dar por isso. Só mais tarde, em contacto com aspectos lingüísticos outros, é que percebe que fala diferente, ou antes, descobre que seus interlocutores falam diferente”.

Comungamos, dentre tantas, das definições de Borba (1973) e também com a de Câmara Júnior (2004, p. 95), para quem “os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidências de traços lingüísticos fundamentais”. Ambos concordam que a classificação dos dialetos de uma língua é, até certo ponto convencional, uma vez que são os aspectos lingüísticos levados em consideração que os classificam, dessa forma, para tal tarefa são preferíveis, devido, sobretudo, ao seu carácter estável e sistemático, os traços fonológicos e morfológicos. Partilham também da influência de fatores extralingüísticos, de natureza psíquica, social ou política, na determinação de um dialeto, os quais podem, por exemplo, elevá-lo à categoria de língua.

Outro conceito que é importante esclarecer, ao tratarmos de dialeto, é a noção de isoglossa, ou seja,

“uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões lingüísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e conseqüentemente apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem mostrar contrastes e mostrar semelhanças lingüísticas sócio-culturais (isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas). (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.13)

Na realidade, para pesquisadores como Ferreira & Cardoso (1994, p.16), a própria caracterização de dialeto implica a existência de linhas isoglóssicas, uma vez que, para essas dialetólogas, o conceito de dialeto engloba um “conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras”. Coseriu (1987), em abordagem anterior, aprofunda a importância das isoglossas, pois para ele, após os estudos sistemáticos da Geografia Linguística, o próprio conceito de língua passa da delimitação de um organismo autônomo com vida independente a um sistema de isoglossas concretizado mediante o falar concreto, ou seja, estabelecido por meio dos dialetos/falares empreendidos por falantes reais contextualizados histórica e socialmente.

Ora, se a difusão dos dialetos é feita por indivíduos reais, portanto, diferentes, se as linhas isoglóssicas são determinadas não só diatópica, mas também diastrática e diafasicamente, já não se pode sustentar, em todos os casos, a extensão linear de um dialeto único, pois este “não oferece [...] uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos¹⁷, quando há divergência apreciável de traços linguísticos secundários entre zonas desse território” (CÂMARA JÚNIOR, 2004 p.95).

Dessa forma, dentro do mesmo dialeto, podem intervir diferenças de ordem lexical, morfológica e fonológica. Atendo-se a esta última, Gomes e Souza (2004, p.79) afirmam que “[...] os fonemas podem ter mais de uma realização fonética possível em um mesmo ambiente lingüístico, o que equivale a dizer que constituem uma variável lingüística”.

Assim como ocorre com as outras variantes linguísticas, a variação fonológica acontece por uma gama extensa de fatores, linguísticos e extralinguísticos, dentre os quais, o contexto linguístico no qual se encontra o falante, a escolha linguística que ele faz, sua classe social, sua escolaridade e, sobretudo, as influências oriundas do contato com outros povos que culminam em particularidades linguísticas transmitidas de geração para geração.

¹⁷ Levando em consideração as diferenças entre dialeto e subdialeto, neste trabalho, a menção àquele termo será feita mediante referência à fala mineira, ou seja, abrangendo todo o estado. Já, subdialeto, falares e variantes serão utilizados para designar a fala representativa das cidades constituintes desta pesquisa (Ituiutaba, Iturama, Campina Verde, Uberlândia, Frutal e Prata).

A propósito, López Morales (1993, p.87) afirma que *la variación fonológica está condicionada por una serie de factores lingüísticos: distribucionales, contextuales (incluyendo elementos suprasegmentales) y funcionales.*

3.3 BREVE OLHAR SOBRE A DIALETOLOGIA E A GEOLINGÜÍSTICA NO BRASIL

Diante de tamanha diversidade, é inegável a importância da Dialetoлогия, descrita como uma disciplina que “assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2004, p.01). A Dialetoлогия

em sentido restrito [...] se ocupa do estudo dos dialetos e falares, isto é, das variedades de natureza geográfica de uma língua. Em sentido amplo, é a disciplina que tem por objeto de estudo os dialetos, estes considerados como quaisquer variedades de uma língua. Sendo assim, pode-se falar em dialectologia horizontal e dialectologia vertical. A primeira ocupar-se-ia, basicamente, das variações diatópicas ou de natureza espacial. A segunda, das variações diastráticas ou de cunho sociocultural. (BRANDÃO, 1991, p.79)

Retratar a realidade linguística, analisando-a de acordo com as características sócio-históricas e, assim, verificar se estas influem ou não nas diferenças regionais/geográficas, além de ser papel¹⁸ dado a *priori* para a Dialetoлогия, contribui grandemente para o conhecimento da língua e suas variantes.

O primeiro registro que visa à descrição do PB, isto é, a primeira manifestação dialetológica de que se tem notícia, consta de um capítulo da obra *Introduction à l'atlas ethnographique du globe*, de Adrien Balbi (1826), escrito por Domingos Borges de Barros (1826), Visconde de Pedra Branca, no qual são expostas algumas diferenças entre o português do Brasil e o Português de Portugal (CASTILHO 2004; CASTRO; 2006; ARAGÃO 2008).

¹⁸ Não podemos nos esquecer da contribuição dos estudos dialetológicos no que tange ao ensino-aprendizagem. Nas escolas, por exemplo, é fato a vivência de vários dialetos, regidos diatópica, diastrática e/ou diafasicamente. Tal diversificação precisa ser reconhecida, ensinada e, sobretudo, respeitada no que se refere ao ensino da língua portuguesa. Repudiar essa diversidade consiste em ignorar a própria história de nosso país e, conseqüentemente de nossa língua, ainda mais, consiste em desconsiderar a carga linguística do aluno, ou seja, sua constituição enquanto falante competente.

Após esse marco, Nascentes (1953) divide a história da Dialetologia brasileira em duas fases: a primeira inicia-se com a publicação do estudo supracitado de Borges de Barros, em 1826, e a segunda, com a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920. Posteriormente, Cardoso (1999), baseando-se nas inovações pelas quais passaram os estudos nessa área, ampliam e determinam três fases para a referida disciplina, sete anos mais tarde, Cardoso & Mota (2006) estabelecem, ainda, a quarta fase marcada pela retomada, em 1996, do projeto de um Atlas Linguístico do Brasil..

A primeira fase proposta pelas autoras estende-se de 1826 a 1920. Os trabalhos publicados nesse período¹⁹ são, basicamente, de caráter lexicográfico, constituem dicionários e glossários que buscam retratar aspectos específicos do PB e de suas regiões. Dentre o *rol* de obras que compõe essa fase, podemos citar o clássico *O Tupi na Geografia Nacional* (1901), de Sampaio, o qual, além de trazer um rico vocabulário denominado *Vocabulário Geográfico Brasília*²⁰ que perfaz o total de 62 das 171 páginas que compõem o livro, apresenta, minuciosamente, em quatro capítulos, a extensão da língua tupi no Brasil. Segundo o autor (1901, p.09), seu trabalho é:

propriamente interpretativo e etymologico de uma rápida apreciação sobre o character da lingua tupi, a sua extensão na America, e especialmente no Brasil, as suas alterações sob a influencia do portuguez”, analysando ao mesmo tempo o processo segundo o qual se deram as ditas alterações na phonetica dessa lingua.

No decorrer da obra, o pesquisador: registra os motivos que levaram à difusão do tupi e como este se encontra disposto nas regiões brasileiras; apresenta

¹⁹ Para esta primeira fase, Cardoso (1999) cita, ainda, outras obras, dentre as quais: 1832 - o *Dicionário da língua brasileira* de Luís Maria Silva Pinto; 1853 - o *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* de Brás da Costa Rubim; 1884 - *A linguagem popular amazônica* de Macedo Soares; 1889 – o *Dicionário de vocábulos brasileiros* de Visconde de Beaurepaire-Rohan; 1905 - o *Glossário paraense*, de Vicente Chermont de Miranda; 1912 - *A criação de Gado no Marajó; Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros* de P. Carlos Teschauer; 1912 - o *Dicionário de brasileirismos* de Rodolfo Garcia. Além dessas obras, no ano de 1879, José Jorge Paranhos da Silva publica um grande trabalho de natureza gramatical: *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*.

²⁰ O autor afirma a existência de uma língua *brasílica* originada pela mistura do português e do tupi. De acordo com ele (1901, p 41), “as duas línguas em níveis diferentes, se foram com efeito alterando, trocando entre si elementos, assimilando palavras, segundo a fonética peculiar a cada uma, até o aparecimento de um idioma geral, médio, uma língua *brasílica*, fallada pela maioria da população da colonia nos dois seculos que se seguiram ao descobrimento”. Vale ressaltar que mantivemos a grafia original da obra.

diferenças entre o tupi e o guarani e entre seus falantes; traça características fonéticas e sintáticas dessa língua, bem como as influências exercidas pelo português sob a língua indígena; aponta para a importância da história no que tange à interpretação de vocábulos tupis, entre outros assuntos. Em meio às suas explicações, não raramente, encontramos descrições etimológicas da cultura indígena, fato que enriquece ainda mais o trabalho de Sampaio.

A segunda fase tem início com a obra *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920, e se estende até 1952. Essa obra constitui um marco para os estudos dialetológicos, pois é a pesquisa mais coerente e completa feita, até então, sobre um dialeto. Melo (1971), entretanto, afirma que, antes de Amadeu, outros pesquisadores realizaram trabalhos desse caráter, como por exemplo, o *Dialeto Rio-Grandense* de Joaquim Gomes de Campos e *A Língua Portuguesa no Brasil* (1916), de Virgílio de Lemos, já tratando da existência de subdialetos no PB. Independentemente disso, é a obra de Amaral que abre as vias para as pesquisas dialetais.

Após 1920, o Brasil assiste à publicação de diversos trabalhos²¹, entre eles o *Linguajar Carioca* (1922) de Antenor Nascentes, obra publicada, primeiramente, em 1922 e depois, em 1953, com algumas reformulações. Nesse trabalho, Nascentes, com o objetivo de situar o *linguajar carioca* dentro do falar brasileiro, apresenta uma proposta de divisão dialetal de nosso país defendendo a existência de dois grandes falares, no Brasil, o do Norte e o do Sul, subdivididos em subfalares. O primeiro deles apresenta os subfalares *amazônico* e o *nordestino*; e o segundo reveste-se de quatro subfalares: o *baiano*, o *fluminense*, o *mineiro* e o *sulista*. Segundo o dialetólogo, o linguajar carioca está inserido, como uma variedade, dentro do subfalar fluminense. Caracterizando-se como um legítimo representante da fala genuinamente carioca, Nascentes se propõe e se diz habilitado a estudar essa variedade. Dessa forma, apresenta, em sua obra,

²¹ A título de exemplo, reproduzimos de Melo (1971) e Cardoso (1999): *O Vocabulário gaúcho* de Roque Callage (1926); *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul: linguagem dos praieiros* (1933) de Dante de Laytano; *A Língua Nacional* (1933) de João Ribeiro; *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (1933) de Jacques Raimundo; *A influência africana no português do Brasil* (1933) de Renato Mendonça; *Geografia Linguística de Cultura Brasileira* (1937) de Eugênio de Castro; *Vocabulário Pernambucano* (1937) de Pereira da Costa; *Língua Nacional* (1937) de Cândido Jucá Filho; *O português do Brasil* (1937) de Renato Mendonça; e *A linguagem de Goiás* (1944) de José Aparecido Teixeira; *Estudos da Língua Nacional* (1940) de Artur Neiva; *O problema da língua brasileira* (1940) de Sílvio Elia; *A linguagem popular da Bahia* (1951) de Edson Carneiro, entre outras.

peculiaridades fonéticas, morfológicas sintáticas e léxicas e complementa com um vocabulário composto por 799 verbetes que registram alguns itens lexicais populares na linguagem dos cariocas.

Doze anos mais tarde, Marroquim publica *A língua do nordeste* (1934), focado nas localidades de Alagoas e Pernambuco em que delinea características linguísticas da região nordestina. No decorrer da obra, composta por doze capítulos, o estudioso faz menções a elementos sociolinguísticos; tenta, ao tratar de dialetos, explicar a diversidade do PB, remontando, assim, aos aspectos históricos do Brasil; traça, sobretudo, características relacionadas à fonética-fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática do falar estudado, entre outras discussões. A ausência de uma metodologia acurada não impediu que as observações e interpretações de Marroquim constituíssem um trabalho saliente entre os estudos dialetológicos da época.

Em seguida, no ano de 1938, ainda sem grandes preocupações metodológicas, José Teixeira, na obra *O Falar Mineiro*, apresenta peculiaridades da fala mineira representada pelas cidades de Alfenas, São João Del-Rey, Pouso Alegre, Teófilo Otoni e Manhuaçu²². Em um trabalho mais abrangente, tratando de falares do PB, mas sim deste como um todo, em 1946, Melo publica *A língua do Brasil*. Na obra, o autor discute acerca da constituição da língua portuguesa no Brasil, ou seja, das influências indígenas, africanas, estilísticas, entre outras, pelas quais passou o português. Antes disso, porém, o autor faz um levantamento de trabalhos que visam à retratação do PB e frisa a necessidade de tais estudos.

Em 20 de março de 1952, tem início a terceira fase dialetológica juntamente com a publicação do Decreto 30.643²³ que define as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa e delega a esta instituição a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Tarefa nada fácil, tendo em conta a extensão territorial do país, a falta de pesquisadores e de recursos, a precariedade das vias de transporte e comunicação da época e também a imaturidade da consciência dialetológica no país.

Dessa forma, Cunha e Silva Neto, no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros realizado em Lisboa, em 1957, propõem a elaboração de atlas linguísticos regionais para que depois se juntem estes e formem um atlas

²² Para uma apresentação mais completa dessa obra, verificar subitem 3.5 deste capítulo.

²³ Ver anexo A.

nacional. Antes deles, porém, Amaral (1982 [1920], p.02) já fixava a importância de pesquisas regionais:

Tais contribuições permitiriam, um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos pertencentes a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialeto, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um.

Nascentes, em 1958 e 1961, na obra *Bases para Elaboração do Atlas Linguístico*, lança parâmetros que visam a orientar tais trabalhos. Daí para frente, no Brasil, nasce um novo tratamento dirigido aos estudos dialetológicos: a Geografia Linguística e com ela a publicação dos atlas linguísticos regionais. Por isso, Cardoso (1999) afirma que essa fase é marcada pelo início de estudos sistemáticos direcionados por essa disciplina. Os estudos geolinguísticos, regidos por excelência pela Dialetologia, são fundamentais para preencher lacunas deixadas pelos trabalhos anteriores, para aprofundar

o conhecimento das peculiaridades da língua portuguesa, que no Novo Mundo, falada por novas gentes, entrecrocando-se com outras línguas, espelhando novas experiências, enriqueceu-se, renovou-se, ganhou e resguardou formas e sons que permitem a cada brasileiro inserir-se num universo maior – o da comunidade lusofônica – sem, no entanto, deixarem de garantir-lhe identidade cultural própria, enfim, essa tão fascinante singularidade que, hoje, mais do que nunca, se começa a descobrir e respeitar. (BRANDAO, 1991, p.24)

A partir de então, os atlas regionais começam a ser publicados, entre eles: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), de Rossi (1963); *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), de Ribeiro et al. (1977); *Atlas Linguístico da Paraíba*, de Aragão e Menezes (1984); *Atlas Linguístico do Sergipe*, de Ferreira et al. (1987); *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), de Aguilera (1994).

Após a publicação dessas cinco primeiras obras e perante a diversidade que elas apresentam em sua metodologia, os dialetólogos reconhecem

que a tarefa de unir os atlas regionais e transformá-los em um nacional não se concretizaria. A fim de tratar desse assunto, os principais dialetólogos do Brasil se reúnem, em 1996, na Federal da Bahia - Salvador, durante o seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*. O fruto dessa reunião é a retomada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB²⁴ acontecimento que marca o início da quarta fase da Geolinguística proposta por Cardoso & Mota (2006).

Graças aos esforços desses pesquisadores que, inicialmente, concentravam-se na UFBA, o projeto começa a dar os primeiros passos 44 anos depois do decreto de 1952 (anexo A). Com a finalidade de estabelecer os critérios a serem seguidos, é criado um Comitê Nacional com sede na Bahia e grupos de pesquisa em Minas Gerais, Paraná, Ceará, Mato Grosso do Sul, Pará e Rio Grande do Sul. A partir das reuniões desses grupos, o projeto Atlas Linguístico do Brasil vem realizando as pesquisas de campo e publicando os resultados sob a forma de artigos e comunicações até atingir a meta de publicar o Atlas linguístico do Brasil em sua íntegra.

O projeto ALiB visa à realização de um atlas nacional do Português Brasileiro, além de buscar: (i) descrever as diferenças diatópicas, diastráticas, diageracionais e diafásicas; (ii) proporcionar material aos estudiosos da língua para que possam entender/ensinar as variedades linguísticas existentes no Brasil; (iii) delimitar áreas dialetais; (iv) compor um banco de dados consistente para o auxílio na elaboração de dicionários, (v) “contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica”. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

São 250 os pontos de investigação fixados pelo projeto, inclusive as capitais dos Estados, exceto Palmas (Tocantins) e Brasília e o total de informantes corresponde a 1.100 falantes, estratificados de acordo com o sexo, a idade e a escolaridade²⁵ (18-30 e 50-65 anos).

Os questionários utilizados estão subdivididos em: questionário fonético-fonológico – QFF (159 perguntas), semântico-lexical - QSL (202 perguntas);

²⁴ Para maiores detalhes sobre o projeto ALiB, consultar o item 4.1.2, no capítulo IV, desta dissertação.

²⁵ Em cada ponto, excetuando-se as capitais, são entrevistados 4 informantes, contemplando as variáveis diagenérica e diassexual, todos com no máximo o Ensino Fundamental completo. Já, nas capitais de estado, são entrevistados 8 informantes, uma vez que são incluídos 4 com Ensino Superior.

morfossintático - QMS (49 perguntas) e há, ainda, 04 questões de pragmática e de temas para discurso semidirigido, 06 questões metalinguísticas e um texto para leitura. Para a realização das pesquisas *in loco*, bem como para a transcrição, revisão e cartografia dos dados, todo esse trabalho foi dividido entre 07 equipes regionais devidamente preparadas para todas as etapas da pesquisa²⁶.

O estágio atual do ALiB, conforme consta do site www.alib.ufba.br, até o dia 08/12/2011 é o seguinte: localidades concluídas: 229 – 91.6%; informantes documentados: 1016 – 92.4%; estados concluídos: 19 – 76%, restando apenas 21 localidades a serem visitadas. Subsidiando-se nesses dados, estudiosos de várias partes do país já produzem artigos científicos que retratam, parcialmente, a realidade linguística do Brasil.

A partir da implantação do Projeto ALiB, a mentalidade dialetológica em nosso país se expandiu, a sistematicidade e a cientificidade empreendidas no projeto se estenderam a vários territórios e abriram vias para a publicação de outros atlas linguísticos. Somando-se aos cinco já citados, 12 foram as obras concluídas de abrangência estadual: *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul* (Koch, 2002)²⁷; *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará* (Razky, 2004); *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (Cardoso, 2005); *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul* (Oliveira et al., 2007); *Atlas Linguístico do Ceará* (Bessa, 2010). Além desses já publicados, estão inéditos o *Atlas Lingüístico do Amazonas* (Cruz, 2004) e o *Atlas Lingüístico do Paraná II* (Altino, 2007), ambos resultados de teses acadêmicas defendidas respectivamente na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Estadual de Londrina.

Contamos também com sete atlas estaduais em andamento e em diferentes estágios²⁸: (i) Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES); Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA); Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO); Atlas Etnolinguístico

²⁶ As equipes estão dispostas nos seguintes estados: Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná e Rio Grande do Sul, coordenadas pelos respectivos pesquisadores: Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFC), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Abdelhak Razky (UFPA), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Felício Wessling Margotti (UFSC) / Cléo Vilson Altenhofen (UFRS). Informações complementares no site: <http://alib.ufba.br>.

²⁷ Esse volume do ALERS foi republicado em 2011, ano em que também foi publicado o volume correspondente às cartas semântico-lexicais. Ver referências.

²⁸ Somando-se a esses, é válido mencionar o Atlas linguístico do Estado de São Paulo (ALESP), projeto idealizado pelo estudioso Pedro Caruso. Esse trabalho permanece inativo devido a problemas ocorridos entre a equipe. Contudo, já foram investigadas 100 localidades, sendo dois informantes (homem e mulher) por ponto linguístico, o questionário, publicado em 1982, é composto por 317 questões divididos em duas áreas semânticas (Homem com 149 e Terra com 161), mais seis questões sobre lendas e superstições e uma de relato pessoal.

do Acre (ALAC), Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA); Atlas Linguístico do Pernambuco (ALiPE) e Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN) e dois projetados (ii): O Atlas Linguístico-sonoro do Estado do Rio de Janeiro (ALiSon-Rio) e Atlas Linguístico do Estado do Piauí (ALiPI).

Existem, ainda, 21 atlas de pequeno domínio apresentados como monografias, dissertações e teses, dos quais a maioria, desenvolvidos na USP e na UEL. De acordo com Romano (2011), estes trabalhos vêm complementar as pesquisas de maior envergadura, revelando aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticos de maneira mais pormenorizada da língua falada em determinada região.

É fato importante lembrar que, a partir da década de 60, devido, sobretudo, aos estudos crescentes nessa área e à percepção dos pesquisadores de que só a dimensão diatópica não contemplava todo o processo de diferenciação linguística, outras perspectivas foram incorporadas aos estudos dialetais. Sobre o assunto, Cardoso (2004, p.01) assevera que:

estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialectologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralingüísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

Com o advento da Sociolinguística, as dimensões diageracional, diassexual, diafásica e diastrática começaram a fazer parte dos parâmetros de alguns atlas. Esse novo conceito desenvolvido por Radtke e Thun, este da Universidade de Kiel e aquele da Universidade Johannes Gutenberg, denomina-se Dialectologia Pluridimensional e, para que um atlas seja considerado pluridimensional, é necessário que sua metodologia englobe mais de duas variáveis ou dimensões. Em outros termos, Cardoso & Mota (2006, p.21) afirmam que

do ponto de vista metodológico, a quarta fase dos estudos dialetais “coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada como “tradicional”.

Objetivamos com esse tópico salientar a importância dos estudos dialetais e geolinguísticos de nosso país, bem como demonstrar, brevemente, o progresso alcançado por essas disciplinas, fato perceptível por meio das obras, ou seja, por meio da forma como estas foram incorporando métodos dotados de maior rigor científico.

Ademais, buscamos situar três obras fundamentais que orientaram a parte dialetológica desta dissertação, a saber: *O dialeto Caipira* (Amaral, 1920) e *O falar mineiro* (Teixeira, 1938), ambas pertencentes à segunda fase dos estudos dialetais, e o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro et. al., 1977), integrante da terceira fase.

3.4 O DIALETO CAIPIRA, DE AMADEU AMARAL (1920)

Castro (2006, p. 13), em consenso com outros pesquisadores (MELO, 1971; BRANDÃO, 1991; CARDOSO, 1999), descreve o trabalho de Amaral como:

a primeira descrição ampla de uma variedade regional do português do Brasil. Por seu pioneirismo e cuidado metodológico, é considerado um marco na história da Dialetologia brasileira e na renovação de nossos estudos linguísticos. A obra, reconhecidamente, abre caminho e se constitui em incentivo e modelo para o estudo dos falares regionais brasileiros.

Em sua obra, Amaral (1982 [1920]) descreve aspectos morfológicos, fonéticos, lexicais e sintáticos do dialeto falado na antiga província de São Paulo até final do século XIX. De acordo com o autor, esse dialeto havia se expandido na região e fazia parte até mesmo na massa culta, fato este que rendeu aos paulistas “a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios vícios de linguagem”. Além disso, o *caipirismo* não fazia parte apenas da linguagem, mas também da forma de vida dos paulistas.

Esse cenário, entretanto, começa a mudar: a relação antes estreita entre negros e brancos é substituída pelo sistema capitalista, modificando assim um dos fatores da nossa diferenciação dialetal. A interferência linguística e social dos *genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados* começa, também, a afunilar; os meios de comunicação e as relações comerciais se expandem; a Província entra em contato permanente com a civilização exterior; o acesso aos estudos aumentam. Enfim, diante de tamanha modificação, o dialeto não poderia escapar ileso, fato que leva Amaral (1982 [1920], p.42) a afirmar que, em 1920:

ele acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação [...].Este acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares.

Mas quem são os falantes desse dialeto? Ou melhor, como pode ser descrito o caipira? De acordo com Castro (2006, p.39), “costuma-se atribuir a designação de caipira ao interiorano, particularmente o de zona rural, inculto e que tem hábitos diversos dos que se vêem nos grandes centros”. A linguagem, complementa a autora, é “indiscutivelmente fator relevante no reconhecimento do caipira”. Com base nesses fatores, é natural que seja a linguagem, indiscutivelmente, um fator relevante para seu reconhecimento. Essa descrição encontra-se próxima ao caipira de Amaral, pois, já naquela época, essa figura foi cristalizada pelas pessoas que viviam isoladas e tiravam da terra seu sustento, seus utensílios eram confeccionados em casa, consolidando assim uma economia restrita, sustentada pelo trabalho isolado ou pela ajuda de vizinhos de bairro.

A esse mínimo para a subsistência corresponde um mínimo social. O morador da fazenda, do sítio ou do casebre distante vai ao povoado periodicamente. Entre a família e o povoado, porém, é no bairro, estrutura intermediária de agrupamento, que os caipiras desenvolvem suas relações sociais básicas, as relações de vizinhança. [...] Os mutirões, que solucionam na vizinhança os problemas de mão-de-obra, suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar, incluem um aspecto festivo, um dos pontos importantes da cultura caipira. Em resumo, as características principais da cultura caipira

seriam, segundo Candido (1964, p.61): “1) isolamento; 2) posse de terras; 3) trabalho doméstico; 4) auxílio vicinal; 5) disponibilidade de terras; 6) margem de lazer. (CASTRO, 2006, p.47).

Assim, pois, tratando da fala caipira, no que tange às generalidades fonéticas que as distinguem do português lusitano, Amaral (1982 [1920], p.45) aponta que: (i) diferentemente da língua portuguesa, “o tom geral do frasear é lento, plano e igual”; (ii) as vogais sofrem um alongamento, favorecendo uma fala “cantada”; (iii) pronúncia das vogais átonas é clara, ou seja, não são inibidas como é comum no português lusitano.

Dentre as características fonéticas próprias do dialeto caipira, citadas pelo autor, podemos resumir algumas observações como, por exemplo, as que ocorrem com as consoantes:

o *r* inter e post-vocálico (*arara, carta*) possui um valor peculiar: é *linguo-palatal* e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico. (AMARAL, 1982 [1920], p.47)

a palatal /lh/ realiza-se como /i/ - *muié* (mulher); o /v/ é, às vezes, trocado por /b/ (vassoura/bassoura); o /d/ quase sempre é suprimido nas formas verbais de gerúndio (andando > andano); o /l/, em final de vocábulo, muda para /r/ (paper = papel); o /r/ cai em final de palavra (*muié, andá, esquecê*), entre outras alterações.

No que tange às vogais: (i) as tônicas praticamente não sofrem modificações, a não ser que estejam seguidas de /s/ ou /z/ *ciciante* no final da palavra, neste caso, vocaliza-se um ditongo dando origem ao /i/ (*rapaz > rapaiz*); (ii) quanto às vogais átonas: as finais /e/ e /o/ matem seu valor sonoro; o /e/ pretônico inicial transforma-se em /i/ nasal como (*exame > inzame*); o /e/ pretônico medial vocaliza-se como /i/ (*perigo > pirigo*); o /o/ pretônico medial passa para /u/ (*cozinha > cuzinha*) e assim por diante.

Quanto à morfologia, Amaral apresenta características como: a reduplicação de formas verbais (infinitivo=gerúndio) antecedida dos auxiliares *vir, ir,*

estar e andar (*vinha pulá(r)-pulando, ia caí(r)-caindo*); ausência de flexão genérica no particípio e nos adjetivos e derivação regressiva impulsionando novos termos como *paixão > paixa; satisfação > sastifa*.

Ao tratar da sintaxe, o autor aponta, dentre várias características, que: para indicar um sujeito “vagamente determinado” usa-se o substantivo no singular sem artigo; os pronomes ele e ela são utilizados como objeto direto. No que diz respeito aos verbos, há a preferência pelo gerúndio, pela reduplicação e pelo uso de fazer em vez de haver. Nas orações relativas, utiliza-se o *que* no fim da frase como um pronome pessoal e, nas orações negativas, é frequente a repetição do *não* depois do verbo.

O acervo lexical do dialeto caipira, apresentado, no capítulo II – Lexicologia, revela as fontes que teriam dado origem a esse falar. Antes, porém, o autor salienta que a simplicidade da linguagem observada por meio do seu vocabulário é reflexo da vida dos falantes *caipiras, roceiros*. Segundo Amaral (1920), a formação do dialeto deve-se a quatro fortes influências, a saber: (i) elementos do português falado pelos colonizadores (séc. XVI); (ii) elementos da língua tupi representados por topônimos, zoônimos e fitônimos; (iii) elementos procedentes do guarani, do castelhano, dos dialetos ibero-sul-americanos e do vocabulário sul-riograndense e; (iv) elementos de formação própria advindos da mistura do tupi, do português e de outras línguas originando diversos neologismos

Finalizando a obra, Amaral (1920) apresenta 1675 verbetes, indicados por ordem alfabética e considerados próprios do dialeto caipira. Nessa lista vocabular, o autor indica a forma dialetal mais usada, bem como a existência de outras formas, além de incluir inferências sobre a etimologia de algumas palavras.

Após essa breve síntese, fica evidente o motivo pelo qual tal obra é considerada um marco para os estudos dialetais em nosso país. Apesar de não ter formação na área da Dialetologia, é saliente o rigor acurado com o qual o pesquisador trata todas as esferas do dialeto, além de demonstrar preocupação e remontar à história desse linguajar para melhor explicá-lo. Sobre o assunto, Castro (2006, p.43) afirma que:

Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado (6/11/1875 – 24/10/1929) não teve formação acadêmica. Nem mesmo completou o curso secundário [...], entretanto, com espírito inquieto, empenho pessoal e grande capacidade de trabalho, construiu sua riqueza

intelectual. Considerando o rigor de seu trabalho e a solidez de sua formação (quando ainda não tínhamos pesquisa universitária institucional - a Universidade de São Paulo foi criada em 1934) [...] foi o primeiro grande universitário de São Paulo esse grande autodidata de Capivari. (CASTRO, 2006. p.43)

3.5 O *FALAR MINEIRO*, DE TEIXEIRA (1938)

O *Falar Mineiro* (1938), obra de José Aparecido Teixeira, é até onde sabemos o primeiro estudo focado no dialeto mineiro. Em tom romântico, o autor, no início de sua obra, parece justificá-la:

Todos cantam sua terra.

Também vou cantar a minha...

Amadeu Amaral foi bandeirante dos estudos dialetológicos. Em 1920, com seu *Dialeto Caipira*. Era necessário um paulista pra vencer a carranca agressiva da velha filologia. Antenor Nascentes seguiu suas pegadas com *Linguajar Carioca*. Com grande proficiência, Mario Marroquim cantou a lingua de Pernambuco e Alagoas. Minas ficou quieta. Quando o sopro do nacionalismo filológico varre o Brasil afora. Guardando avaramente outras minas de ouro de linguagem. Brasileiro sinto impulso de renovação. Mineiro gosto de contar a lingua de minha terra. Que aprendi na infancia saudosa [...]. (TEIXEIRA, 1938, p.07)²⁹

A obra de Teixeira perfaz o total de 100 páginas, compreendendo: Apontamentos (Capítulo I); Fonologia (Capítulo II); Morfologia (Capítulo III); Lexicologia (Capítulo IV) e Sintaxe (Capítulo V). De forma sintética, abordamos os elementos centrais de cada um deles.

O primeiro capítulo é dividido em três partes: na primeira delas, o autor destaca algumas obras que abordam o PB e que deram origem à Filologia brasileira, como as de João Ribeiro, Teodoro Sampaio, Amadeu Amaral, Antenor Nascentes e Renato Mendonça. Concomitantemente, estabelece sua posição frente ao embate da época entre língua portuguesa x língua brasileira. “E prepara assim a vitória da nossa expressão sobre a expressão portuguesa. A vitória de nossa gramática que virá sancionar os factos legítimos hoje escarmentados pelo preconceito português, dominante no espírito conservador das escolas” (TEIXEIRA, 1938, p.08). Somando-

²⁹ Lembramos que em todas as citações de Teixeira (1938) mantivemos a ortografia original.

se a essas obras, o autor afirma que a sua contribuirá para a libertação da língua pátria.

Na parte II, são traçadas definições sobre dialeto e subdialetos, bem como alguns fatores que culminam na diferenciação dialetal. Um aspecto interessante comentado pelo autor, levando em consideração a data de seu trabalho, que veio à luz um quarto de século antes de Labov, é a sua consciência sobre as motivações sociais que interferem na fala “o meio social é outra fonte abundante de fenômenos lingüísticos específicos”. Esse conhecimento o leva a diferenciar fala “popular, inculta, semiculta e culta”, de acordo com a origem social dos falantes;

O autor, na parte III dos apontamentos, define seu objeto de estudo, ou seja, o falar mineiro, entendido como uma variedade do dialeto brasileiro³⁰, analisado mediante características gerais, morfológicas e sintáticas. Para tanto, Teixeira conta com um *corpus* obtido mediante investigação nos municípios de Alfenas, São João Del-Rey, Pouso Alegre, Teófilo Otoni e Manhuaçu, concentrados nas regiões do Triângulo e em zonas centralizadas.

No capítulo II, são comentados aspectos fonéticos³¹ do subdialeto³². As vogais, na descrição do pesquisador, são todas pronunciadas calma e sossegadamente, “caracteriza-se por uma grande suavidade na pronúncia, nela impera, mais do que em qualquer outra, a lei do menor esforço” (TEIXEIRA, 1938, p.12). Em relação às consoantes, destacamos algumas peculiaridades como, por exemplo, a queda da labial /m/ e das linguais, /l/, /n/, /r/ e /s/, em posição final (imagem > image); a permuta do /m/ pelo /b/ (melancia > balancia) e do /v/ pelo /b/ (vassoura > bassoura) e a roticização, ou seja, a troca de /l/ para /r/, em alguns encontros consonantais como /bl/, /cl/, /gl/, /lc/, /ld/, /lv/, assim como acontece na fala popular do Rio e São Paulo.

Para explicar este último processo e outros como a nasalização, Teixeira (1938, p.23) remonta às influências indígenas impregnadas em nossa língua. Pautando-se em Sampaio (1901), ele afirma que a permuta do /l/ em /r/, a

³⁰ Para Teixeira, a língua portuguesa é um dialeto e o falar mineiro um subdialeto/variedade dentro desta.

³¹ A maioria dos fenômenos descritos está presente na fala popular brasileira independentemente de influência regional.

³² O referido autor faz separação de usos conforme a classe social dos falantes, por exemplo, classe culta, inculta, e assim por diante. Devido ao espaço físico limitado de que dispomos, não abordaremos essas discrepâncias.

nasalação, por ele considerada um *vício*, bem como a queda ou a troca de consoantes seriam herança tupi. Acreditamos que esse câmbio das consoantes |>r originando variantes fonéticas (*arma, carma* em vez de *alma* e *calma*), pela descrição – o esforço acentuado da língua e da garganta - parece tratar-se do /r/ retroflexo, já descrito por Amaral (1920), pois Teixeira (1938, p.23) salienta que:

O mameluco, conquistador dos sertões, não respeitava em vocábulos portugueses a letra – l – a não ser como inicial de palavra. No meio ou no fim desta, letra caía ou se transformava em –r -. Não dizia, por exemplo, *alma, calma, palma*, mas sim – *arma, carma, parma*, e os - ll – finais, acaso respeitados, quando não caídos de todos, pronunciava-os com esforço tão acentuado da língua e da garganta, que bem lhe traía a instintiva repugnância sinão a incapacidade de os exprimir. Haja vista a dificuldade com que o Jeca paulista pronuncia as palavras – *revolver, palmital* e outras semelhantes. É que o vício de origem ancestral ainda lhe perdura.

Sobre o assunto, vale ressaltar, ainda, que nosso autor parece não se posicionar quanto à natureza da roticização, haja vista que mais adiante, na página 67, Teixeira atribui, com base em Jacques Raimundo, esse mesmo fenômeno à contribuição africana. Entretanto, o restante do livro não nos autoriza confirmar a origem desse processo.

No Capítulo III, são levantadas características morfológicas presentes no subdialeto mineiro e, não raramente, o autor recorre a fatos gerais da língua portuguesa ou faz comparações com os subdialetos do Rio, São Paulo e Alagoas. Sinteticamente, elencamos alguns apontamentos: o substantivo não se flexiona no plural (*as moça, os mininu*); o plural de *ão* é, quando realizado, feito com “ões” (*cidadões, capitões*) e os pronomes de tratamento, “na língua do povo”, são: *vancê* (você), *micê* (vossa mercê); *ocê* (você), *siô, sior* (senhor), *siá, sá, siora* (senhora). No decorrer no capítulo, existe, ainda, a conjugação de alguns verbos regulares e irregulares bem como a análise dos advérbios e das preposições, de acordo com as normas do subdialeto em questão.

Com base nos conceitos da Filologia, no Capítulo IV, o autor faz uma breve explanação sobre a descoberta e colonização de Minas Gerais. e adverte que em linguística, o estudo da história de um povo elucida os fatos da língua. O objetivo do pesquisador, ao fazer esse apanhado histórico, é demonstrar as influências

linguísticas exercidas, principalmente, pelos bandeirantes paulistas, pelas mãos dos quais Minas Gerais entrou na história brasileira.

É certo que numerosos bandos de aventureiros frequentemente arriscavam-se às selvas mineiras, na sede de ouro e do braço índio pra lavoura. Estas minúsculas expedições, porém, não passavam as nascentes do S. Francisco. O desbravamento do sertão inconfidente e seu povoamento começa somente com as bandeiras – este feito épico da história patria. (TEIXEIRA, 1938, p.51)

As primeiras bandeiras visavam a guerras e eram compostas por índios escravos, mamelucos, agregados, aventureiros e chefes latifundiários; as segundas, por sua vez, tinham por objetivo a colonização a fim de extrair o ouro e as pedras das minas, formadas, sobretudo, por negros importados da África. A partir de então, tem início o ciclo do ouro e com ele a constituição de uma nova economia nacional, fato responsável por atrair grandes populações, pela abertura de matas e povoações constituídas pelos índios, negros e aventureiros do nosso país. Em seguida, surgem os colonizadores lusitanos vindos do Douro, do Minho e das Beiras, todos atraídos pelo ouro.

Verificamos, pois, que a história de Minas funde-se com a do Brasil, uma mistura étnica formada pelos indígenas, africanos e portugueses, estes últimos “caldeando-se com o primitivo paulista, constituem o cerne étnico do povo mineiro [...] deste amalgama resultam muitos traços fisionômicos do subdialeto mineiro” (TEIXEIRA, 1938, p.54). Movido por esse cenário linguístico, o léxico do subdialeto em questão se origina triplamente do português arcaico, da derivação e composição dialetais e da contribuição estrangeira.

Finalizando a obra, o Capítulo V traz peculiaridades sintáticas. Antes, no entanto, Teixeira, inflamado de patriotismo, delonga-se sobre a necessidade de uma gramática nossa que leve em consideração aspectos linguísticos correntes no solo brasileiro, invoca aqueles que também defenderam, na literatura, essa questão, como Mário de Andrade, Jorge Amado, José Lins do Rego, Oswald de Andrade, Monteiro Lobato, entre outros.

Dentre as características sintáticas expostas no capítulo, citamos: a falta de flexão do verbo para adequar-se ao sujeito, exceto quando este é coletivo; o revestimento acusativo dos pronomes pessoais (*manda eu, pega ele, ta olhando*

nós); a utilização do pronome oblíquo *mim* como sujeito (*me dá o livro pra mim estudar*); a colocação do pronome *me* anteposto ao verbo (*me diga, me faça o favor*); a reduplicação do pronome (*ele se casou-se*) e o uso redundante do *mas* e *porém* (*eu tive lá, mas porém não encontrei não*).

Como já comentamos, trabalhos como o de Amaral (1920) e Teixeira (1938), apesar da grande contribuição para a descrição do Português Brasileiro, não se orientaram por procedimentos metodológicos sistemáticos, por isso, nos faltam informações exatas quanto ao número de informantes e pontos investigados, quais as variáveis selecionadas, entre outras especificidades. Muitas vezes, esses autores parece serem guiados não só pela paixão à pesquisa, mas, sobretudo, pelo amor devotado ao seu falar, como no caso de Amaral, ou até mesmo pela língua vernácula, como verificamos em Teixeira, em várias partes de sua obra. Essa mesma paixão continua, até hoje, a mover pesquisadores da área e, conforme os estudos evoluem, as técnicas também se aprimoram, é o que podemos observar, passados 39 anos do *Falar Mineiro*, com o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977).

3.6 ESBOÇO DE UM ATLAS LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS (RIBEIRO ET AL., 1977).

Fruto do trabalho de quatro professores e investigadores de campo: Mario Roberto Lobúglio Zágari, José Passini, Antônio Pereira Gaio e José Ribeiro, os quais, sabendo das dificuldades de elaborar um atlas linguístico nacional, assim como fora instituído pela Portaria Ministerial à Casa Rui Barbosa, por meio do decreto 30.643 de 1952, partiram para a investigação de seu estado, ou seja, Minas Gerais.

Na impossibilidade de empreendermos uma busca nacional, tarefa ainda a realizar-se, elegemos nosso estado como campo a ser pesquisado. Cremos que até que, se em cada estado fosse desenvolvido um mesmo trabalho, sob uma coordenação central, encarregada de manter a unidade do inquérito linguístico, o Brasil poderia, antes de 1990, ter suas primeiras cartas preliminares publicadas (RIBEIRO et al., 1977, p. 19).

Transpondo obstáculos, como o número limitado de pesquisadores, a falta de recursos e de materiais, mesmo com a ajuda da Universidade Federal de Juiz de Fora, o projeto do EALMG foi aprovado em 1969 e a coleta de dados se

estendeu por seis anos. Nesse ínterim, especificamente em 1975, dois anos antes da publicação, falece um dos idealizadores e diretores da equipe, José Ribeiro, que, embora não tenha conseguido partilhar da concretização do árduo projeto, é exaltado pelos companheiros do projeto: “Mas, da lembrança de sua vida, há algo que vai nos acompanhar: a lealdade de seus propósitos e seu amor ao trabalho e à pesquisa. (RIBEIRO et al., 1977, p. 21).

Pautados nos trabalhos de Nascentes, Silva Neto e Rossi, autores de obras³³ até então publicadas no âmbito da Dialetoлогия, a metodologia empregada, no EALMG, compreendeu duas modalidades de pesquisa: (i) a direta, *in loco*, realizada em 116 cidades mineiras com um questionário de 415 perguntas (temas: tempo, moradia, utensílios, alimentação, divertimentos, animais e topografia) aplicado a informantes³⁴ estratificados de acordo com os parâmetros dialetológicos³⁵, em sua maioria, do sexo masculino; (ii) a indireta, por meio do envio de questionários a 672 localidades que, segundo os autores, contribuiu para esclarecer aspectos lexicais que haviam ficado obscuros nas gravações.

O resultado desse trabalho foi mapeado e publicado em 1977, materializando o primeiro dos quatro volumes que haviam sido previstos no projeto. Sua disposição é feita da seguinte forma: o Plano da Obra, que apresenta, sinteticamente, o conteúdo dos quatro volumes previstos³⁶ (p. 17); Resumo (p. 18); Introdução, que traça, resumidamente, a história do EALMG e as dificuldades de seus idealizadores (p. 19-21); o capítulo I, no qual é apresentada a Metodologia empregada na pesquisa e na transcrição dos dados (p. 23-35); o capítulo II - Localidades: (i) os municípios investigados; (ii) o povoamento de Minas Gerais; (iii) e as fichas com dados dos 50 primeiros pontos investigados (p. 37-69). Na sequência, nos apêndices, estão dispostas as fichas utilizadas na pesquisa (a do informante, a

³³ Guia para Estudos Dialeológicos, de Serafim da Silva Neto (1955); Bases para a Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil, de Antenor Nascentes (1958). Atlas Prévio dos Falares Baianos, de Nelson Rossi (1963).

³⁴ Não foi determinado, para a pesquisa, o número de informantes por localidade. Na maior parte dos casos, foram entrevistados um informante principal e outro (s) auxiliar (es).

³⁵ A escolha do informante [...] obedeceu a uma seleção rigorosa: a) pessoa nascida na localidade em estudo, originária de família igualmente ali nascida e criada; b) idade variável de 30 a 50 anos [...]; c) se casado, o cônjuge deve ser também oriundo da mesma localidade; d) iletrado, se possível analfabeto. (RIBEIRO, et al., 1977, p.28)

³⁶ Não há perspectiva de publicação dos demais volumes devido ao falecimento de Zágari, em 15 de maio de 2010. O segundo volume traria resultados obtidos nos últimos 51 pontos investigados e cartas lexicais e fonéticas dos campos *homens* e *animais*; o terceiro seria composto por cartas do campo *água* e *terra* e, ainda, apresentaria resultados da parte sociolinguística da pesquisa; por fim; o quarto volume apresentaria a *sistematização e tentativa de interpretação das formas, segmentos e construções obtidos*.

do local), bem como os dados dos informantes correspondentes às 50 primeiras localidades entrevistadas (p. 71-80). No capítulo III, são apresentadas as cartas linguísticas do volume: 05 de identificação, 45 mistas (24 fonéticas, 21 lexicais), e 28 sintéticas (25 isoléxicas e 3 três isófonas), ao todo 78, que registram o falar mineiro limitado aos campos semânticos *tempo* e *folgedos infantis de rua*. É perceptível a complexidade dessa obra frente às duas sobre as quais já discorreremos, ao todo são 116 pontos investigados para o registro das peculiaridades fonéticas e lexicais do dialeto mineiro.

Em um artigo, intitulado *Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, Zágari (2005, p.47) relata que:

O resultado dessas entrevistas, após 10 (dez) anos e mais de 6.000 (seis mil) horas de gravação, permite concluir: Minas Gerais apresenta acentos, fones, ritmos de fala e preferências lexicais distintas em, pelo menos, três de suas regiões, independentemente de seus estratos sociais. Há um falar no sul e no Triângulo que se distingue do Norte, os quais, por sinal, se diversificam do da região formada pela Zona da Mata, Metalúrgica, Vertente, Belo Horizonte e arredores.

O autor, a partir dessa constatação, afirma a existência de três falares mineiros, delimitados, segundo ele, pela geografia e história do estado. O primeiro deles é denominado falar *baiano* que parte do Norte e vai até o Leste-Oeste de Minas, dentre suas características linguísticas destacam-se: a predominância das vogais prêtonicas baixas, a presença da africada e a nasalidade ocorrendo fora da sílaba tônica [...]. O segundo falar, o *paulista*, abarca todo o Triângulo Mineiro e o Sul do estado, como característica marcante apresenta o /r/ retroflexo, além de um ritmo de fala mais veloz, contrastando com o ritmo mais arrastado do Norte. E, por fim, o falar *mineiro* - influenciado pela colonização durante o ciclo do ouro e diamante -, no qual se desfaz, constantemente, os ditongos quando finais e antecidos de sibilante.

A divisão proposta pelo pesquisador pode ser observada por meio de algumas das cartas linguísticas do EALMG; nas cartas 6 (*sereno*), 8 (*mormaço*), 11 (*neblina*), 19 (*relâmpago*), 23 (*zelação*), 35 (*pegador*) e 46 (isófona do ☯☞☼ e do ☯☹☼), por exemplo, verificamos que a abertura das vogais prêtonicas, por influência do estado da Bahia, é predominante no Norte mineiro, abrangendo, entre outras, as cidades de Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Raydan,

Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro e Paracatu.

A carta (47), responsável por apresentar a isófona do /r/ retroflexo, registra esse rótico como norma entre a região que compreende o Sul e o Triângulo Mineiro, ou seja, áreas que fazem divisa com São Paulo. Tal fenômeno encontra-se registrado, ainda, em cartas como as de número 2 (*arco-íris*), 3 (*arco-da-velha*), 8 (*mormaço*) e 29 (*salto mortal*). Essa variante do fonema /r/ foi descrita por Amaral e por Teixeira como particularidade dos respectivos falares descritos e, é importante lembrar que, segundo alguns pesquisadores, foram os paulistas, falantes do dialeto caipira, que desbravaram Minas Gerais, os responsáveis pela propagação do rótico. Segundo Head (1987, p.18) “parece evidente que o ponto de irradiação do dialeto caipira em geral, e da pronúncia típica do /r/ em particular, teria sido São Paulo, de onde partiram os bandeirantes”.

3.7 O /r/ RETROFLEXO

As variantes provindas do fonema /r/ são condicionadas por uma gama extensa de fatores que podem ser de ordem linguística e social. De acordo com Callou et al. (1997, p. 465) esse fonema “apresenta, em posição de coda silábica, um elevado grau de polimorfismo, prestando-se exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil”. Corroborando, Aguilera (2008a, p. 01) assevera que:

O /r/ em coda silábica é o fonema com possibilidade de se realizar com o maior número de variantes no português do Brasil, principalmente quando se consideram as dimensões diatópico-regionais. Essas variantes realizam-se sob diversas formas: tepe ou alveolar simples, vibrante alveolar múltipla, fricativa velar surda e sonora; fricativa glotal surda e sonora; vários graus de retroflexão, ou apenas com apagamento.

Importa-nos, neste trabalho, dentre essas variantes, discutir sobre o [“] assinalado por Silva (2007, p.39) como “pronúncia típica do dialeto caipira do /r/ em final de sílaba”, já descrito, aqui, conforme os termos do próprio Amaral (1920).

Em recente trabalho, Aguilera e Silva (2011) expõem que, ao lado de fenômenos fonéticos que podem caracterizar uma proposta de divisão dialetal do Brasil, como a realização das vogais pretônicas ou a das consoantes fricativas

surdas e sonoras [s] e [z] em coda silábica, o /r/ retroflexo vem ocupando, nos últimos 50 anos, seu espaço na discussão de pesquisadores, como Amaral (1920), Head (1973, 1978 e 1987), Brandão (1991, 2007), Callou et al. (1997); Castro (2006, 2009) e Aguilera (2008b).

É fato, entretanto, a ausência de estudos que englobem todas as regiões brasileiras e que demonstrem a distribuição geográfica e a vitalidade dessa variante fônica. Silva Neto (1963), por exemplo, ao referir-se ao /r/ retroflexo, aponta como área de ocorrência desse rótico os estados de São Paulo, sul do Mato Grosso e norte do Paraná; Cunha (1985) e Melo (1971) levantam que o [ʀ] é característico do norte de São Paulo e sul de Minas, Brandão (1991, p.22), além desses, acrescenta os estados de Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina e salienta que:

Visualizada num mapa do Brasil, a isoglossa formada pelas áreas de abrangência da variante retroflexa ora beira o litoral, ora interrompe-se, ora se direciona para o interior, numa descontinuidade que só uma pesquisa mais ampla poderá retificar ou ratificar. Como não há trabalhos globais sobre aproximadamente 80% do território brasileiro, não existe, no momento, como concluir sobre o papel que poderá representar esse fone na delimitação das áreas dialetais brasileiras.

Conforme os trabalhos geolinguísticos foram se expandindo, observamos que as zonas de ocorrência do /r/ retroflexo também aumentaram, graças às publicações dos atlas regionais. Hoje, podemos afirmar que sua realização concentra-se no interior dos estados do Paraná, de São Paulo, do Mato Grosso do Sul, no sul dos estados de Goiás, do Mato Grosso e de Minas Gerais.

Aguilera e Silva (2011) registram que, até onde foi possível verificar, esta variedade de rótico não foi trazida pelos portugueses durante a ocupação da terra recém descoberta, nem constava do acervo fonético dos autóctones brasileiros. Ilustrando esse cenário, Silva Neto (1963, p.33) lembra que “nos maiores povoados do litoral os aborígenes ensaiavam os primeiros passos no aprendizado do português: mas nenhuma palavra pronunciavam com f, l ou r”. A hipótese mais viável, da qual comungamos, seria atribuir a origem do /r/ caipira no PB ao contato do português com o tupi, uma vez que o tupi seria uma língua desprovida dos fonemas /r/ e //, pelo menos em coda silábica. Se tomarmos como parâmetro topônimos, zoônimos e fitônimos herdados do tupi, constatamos que, realmente, tais

fonemas não aparecem no contexto de coda nos nomes oriundos dessa língua indígena, como se pode observar em alguns exemplos: *Tatuapé, Guaraci, Curitiba, Tietê, Paraná, Tibagi, tatu, guará, arara, jabuti, urubu, pitanga, jabuticaba, pacova, arará*, em que o padrão silábico é sistematicamente CV (consoante/vogal).

Por outro lado, complementam as autoras, se pensarmos na realização lusitana alveolar e velar do /l/ em coda silábica, como em *mal, sol, falta, calma*, é fácil deduzir a dificuldade de nossos indígenas e dos mestiços na realização da lateral em contexto CVC (consoante/vogal/consoante). A tentativa de aproximar a lâmina da língua ao palato, na realização da lateral em coda, poderia ter, naturalmente, levado à realização de um /r/ retroflexo. Tal fone teria se formado entre os paulistas, mamelucos e indígenas e se irradiado pelos territórios conquistados e ocupados pelos bandeirantes nos séculos XVII e XVIII. Sobre a origem do [ʀ], vista por um ângulo linguístico, para Head (1987, p.21), esta variante fônica é o resultado de um processo de variação e mudança que abrange as consoantes líquidas anteriores.

Na subseção seguinte, buscamos nos atlas publicados no período de 1963 a 2008 a vitalidade do /r/ retroflexo³⁷.

3.7.1 O /r/ RETROFLEXO NOS ATLAS ESTADUAIS E NO REGIONAL³⁸

O *Atlas prévio dos falares baianos* – APFB (ROSSI, 1963) contém 24 cartas em que o /r/ retroflexo foi documentado. Dos 50 pontos, em 23³⁹ deles ocorre pelo menos um registro deste rótico, havendo informantes que apresentam sistematicamente esta variante, como o 20 B com 10 registros e o 29 A com 12 ocorrências. Dentre os itens lexicais que mais favorecem o [ʀ], temos: a[ʀ]co (íris, da velha, celeste), ca[ʀ]canhar, te[ʀ]çol, laga[ʀ]tixa, la[ʀ]gatixa, cabo ve[ʀ]de, mestiço preto com cabelo liso e tipo de boi branco: a[ʀ]vação. Dos 100 informantes do APFB, 24 apresentam pelo menos um registro do retroflexo, e destes, 15 são mulheres e nove são homens. A faixa etária não parece condicionar a presença ou a ausência

³⁷ A seção 3.7.1 foi extraída do artigo de Silva e Aguilera (2011).

³⁸ O único atlas brasileiro que contempla os estados de uma região e não apenas um estado é o ALERS – Atlas linguístico e etnográfico da região Sul (ALTENHOFEN et al., 2011).

³⁹ O levantamento de todas as respostas mostrou a presença do retroflexo nos seguintes pontos e informantes: 1A (1), 5GL (2), 6A (2), 8B (2), 9A (1), 9B (2), 11A (1), 11B (1), 20 A (2), 20B (10), 21 A (1), 22 A (1), 22B(3), 23 A (1), 23B (2), 25 A (1), 29 A (12), 33 A (2), 34A (1), 35B (1), 42A (4), 43A (1), 43B (1), 50A (1).

deste rótico uma vez que as 14 mulheres⁴⁰ distribuem-se equilibradamente pelas duas faixas (Faixa I entre 25 e 45 e Faixa II, entre 50 e 80 anos). Já entre os homens, sete deles estão na faixa II. Quanto à distribuição diatópica, considerando que a Bahia compreende sete mesorregiões (do Extremo Oeste, do Vale São Franciscano, do Centro Norte, do Centro Sul, do Sul, do Nordeste, e a Metropolitana de Salvador), o /r/ retroflexo é mais frequente na Mesorregião do Centro Norte e do Centro Sul e na do Vale São Franciscano, não tendo sido registrado, apenas, na Mesorregião do Extremo Oeste.

No *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais*⁴¹ – EALMG- (RIBEIRO et al., 1977), um dos *corpora* desta pesquisa, o [ʀ] está registrado em 53 pontos dos 116 investigados, sobretudo nas localidades que compõem as zonas do Triângulo, Alto Paranaíba, Alto São Francisco, Campos das Vertentes e Sul. Está, pois, na rota dos bandeirantes do século XVIII, que iam à busca de ouro e de pedras preciosas pelos caminhos do atual território mineiro em direção a Cuiabá.

No *Atlas linguístico de Sergipe* – ALSE – (FERREIRA et al., 1987) e no Atlas linguístico de Sergipe II - ALSE II – (CARDOSO, 2005), o /r/ retroflexo está sistematicamente documentado nos pontos 61 (Brejo Grande), 62 (Propriá), 64 (Gararu) e 65 (Currálinho), os dois primeiros na microrregião de Propriá e os dois últimos na microrregião do Sertão Sergipano do São Francisco. As cartas do ALSE, em que o /r/ está em coda e se realiza como [ʀ] nessas localidades, são as de nº 3- *arco-íris*; carta 4- outras designações para *arco-íris* (a[ʀ]co-da-velha e a[ʀ]co-celeste); carta 13- *ma[ʀ]gem*; carta 17- *onda* (ca[ʀ]neiro e carneiro de ma[ʀ]), 45- *papa grossa de farinha de mandioca* (esca[ʀ]dado forma roticizada de escaldado), carta 50- *cinza ainda quente* (resca[ʀ]do por rescaldo), 65- *ca[ʀ]canhar*, 69- *soutien* (po[ʀ]ta-seio, co[ʀ]pinho, co[ʀ]pete), 79- *olho esbugalhado* (esbu[ʀ]gado), 84- *tipo de mestiço de pele preta, cabelo liso* (cabo ve[ʀ]de), 94- *abo[ʀ]to*, (97- *cisco que cai no olho* (a[ʀ]gueiro), 99- *conjuntivite* (do[ʀ]dólho, do[ʀ]dóio, do[ʀ]dói), 113- *cambalhota* (sa[ʀ]to mo[ʀ]ta, 137- designações do boi conforme a idade – 2ª fase (*ma[ʀ]mote* por *mamote*), 144- *onde se põe o gado a pastar* (so[ʀ]ta por *solta*), 147- *rabo do cavalo* (ca[ʀ]da por *cauda*). Alguns registros de [ʀ], alternando com o velar, ocorrem ainda nos pontos 52 Tomar do Geru e 53 Estância, que integram as microrregiões do

⁴⁰ Não consta a idade da informante 11A.

⁴¹ A análise detalhada do /r/ retroflexo com base nos dados do EALMG encontra-se no capítulo V desta dissertação

Sertão do Rio Real e do Litoral Sul Sergipano, nas cartas 65, 69, 94, 97 e 137, sempre na voz masculina, ou seja, a do informante B. Quanto ao ALSE II, com registros de /r/ retroflexo, temos os pontos já mencionados: 62, 64 e 65, sobretudo este último, conforme se comprova com as cartas de nº 33- *bolha de queimadura* (bo[ʀ]bulha, ba[ʀ]bulha), 40- *calça de comprimento aquém do normal* (sa[ʀ]ta riacho), 47- *corrente que se usa pendente no pescoço* (vo[ʀ]ta), 49- *pirão preparado com água em que se cozinham ovos* (esca[ʀ]dado, esca[ʀ]fado), 54- *quarto de dormir* (qua[ʀ]to e 91- *cuíca* (po[ʀ]ca). Nessas cartas, o [ʀ] distribui-se de forma equilibrada nas falas feminina e masculina. Quanto à variável externa, ponto linguístico, essas localidades se situam ao longo do curso do rio São Francisco, via usada para a passagem sul ↔ norte dos bandeirantes e mineiros durante os séculos XVII e XVIII.

O *Atlas linguístico do Paraná* – ALPR- (AGUILERA, 1994) traz nove cartas mistas⁴² com o /r/ em coda silábica interna (*terça, árvore, pernilongo, hortelã, borboleta, arco-íris, lagarto, parteira* e *tuberculose*), cinco com /l/ em coda, interna ou externa, passível de roticização⁴³ (*alçapão, sol, girassol, anzol* e *calcanhar*) e duas cartas com r em coda final (*coador*⁴⁴ e *flor*). As nove cartas que trazem as variantes com o /r/ em coda silábica interna mostram que o [ʀ] predomina em quase todas as mesorregiões⁴⁵, exceto nos pontos 27 (Guaíra) e 32 (Marechal Cândido Rondon), na mesorregião Oeste; 48 (Capanema) e 56 (Barracão), na mesorregião Sudoeste e 54 (Curitiba), na mesorregião Metropolitana de Curitiba, nos quais o tepe [ʀ] é categórico. No ponto 49 (Dois Vizinhos), também na mesorregião Sudoeste, o [ʀ] concorre com o [ʀ]. A maior frequência do [ʀ] foi observada nas palavras *arco-íris, lagarto (largato), parteira* e *tuberculose*.

Do ponto de vista histórico, o Paraná passou por três grandes movimentos de ocupação e povoamento a partir do século XVII: o primeiro refere-se ao contato intenso entre os paulistas da Capitania de São Vicente e os indígenas do grupo tupi que habitavam onde hoje se acham, atualmente, as cidades que compõem as mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro Oriental, Centro Sul e

⁴² O ALPR traz também uma carta sintética para a distribuição diatópica de *parteira*.

⁴³ É alta a frequência do rótico, nessas palavras, na modalidade retroflexa; no entanto deixamos de computar os casos por não se tratar de regra categórica no Paraná.

⁴⁴ O zero fonético é o mais frequente na realização dessa variante.

⁴⁵ O Paraná compreende dez mesorregiões geográficas: 1. Noroeste; 2. Centro-Ocidental; 3. Norte Central; 4. Norte Pioneiro; 5. Centro-Oriental; 6. Oeste; 7. Sudoeste; 8. Centro-Sul; 9. Sudeste; 10. Metropolitana de Curitiba. Disponível em: www.ipardes.gov.br/pdf/mapas. Acesso em 05/03/2011.

Sudeste Paranaense, desde as primeiras entradas até meados do século XIX; o segundo, com a chegada de mineiros e paulistas, no final do século XIX, à atual mesorregião do Norte Pioneiro, e o terceiro, com dois grandes movimentos: um de mineiros e paulistas em direção ao norte do estado e o outro, do sul para o oeste, pelos gaúchos e catarinenses, descendentes de imigrantes alemães, poloneses e italianos.

Os dois primeiros grupos tinham como variante dialetal o [ʷ] e o último o [ʀ] ou [r] em coda silábica. O contato entre ambos propiciou a expansão da primeira variante para todas as regiões paranaenses.

No *Atlas linguístico e etnográfico da Região Sul – ALERS* (ALTENHOFEN et al., 2011), cinco cartas oferecem o contexto de /r/ em coda: 49 (*gordura*), 50 (*corta*), 51 (*corda*), 52 (*ferendo*) e 53 (*calor*). No Paraná, foram investigados 100 pontos linguísticos; em Santa Catarina, 80; e no Rio Grande do Sul, 95 pontos, totalizando 275 localidades e o mesmo número de informantes, uma vez que só foi inquirido um informante por localidade, no caso um homem.

Altenhofen (2005, p. 188-189), com base nas cartas do ALERS, analisa a distribuição do /r/ retroflexo, *talvez a marca linguística mais significativa na área*, juntamente com outros traços fonéticos,

que formam um grupo de isoglossas que avançam, em forma de cunha, na direção sul (de Santa Catarina), seguindo o Corredor de Lajes, por onde passavam as antigas rotas migratórias dos paulistas, no comércio de gado com o gaúcho rio-grandense.

Continuando em sua análise sobre a influência de fatores histórico-econômicos na disseminação dos traços do falar paulista sobre a fala dos estados do Sul, Altenhofen (2005, p. 189) pondera:

Embora nos falte uma visão mais clara que complemente os mapas do ALERS na área de São Paulo, parece evidente uma influência paulista nesse movimento, iniciado a partir das antigas rotas de tropeiros nos séculos XVII e XVIII.

A tabela 1, elaborada pela autora, permite visualizar a produtividade da variante retroflexa em cada palavra investigada e em cada um dos três estados da região Sul, no ALERS:

Tabela 1- Distribuição do /r/ retroflexo nos dados do ALERS.

Carta tema /Estado	Paraná	Santa Catarina	Rio G. do Sul	Região Sul
49. <i>gordura</i>	35%	2%	1%	15%
50. <i>corta</i>	65%	22,5%	0,5%	22,5%
51. <i>corda</i>	65%	30%	0,5%	20%
52. <i>fervendo</i>	39%	4%	0%	15%
53. <i>calor</i>	46%	2%	0%	18%

No Paraná, o /r/ retroflexo está presente em todas as mesorregiões, principalmente, no Norte Pioneiro e no Oeste. Dos 100 pontos paranaenses investigados pelo ALERS, 72 deles apresentam esse rótico. Os dados analisados, separadamente, demonstram que, na carta (49), a concentração do [ʀ] se dá nas mesorregiões do Norte Pioneiro e Norte Central; na carta 50 (*corta*) e 51 (*corda*), a retroflexão é significativa no Oeste e Sudoeste; na carta 52 (*fervendo*), as áreas de maior ocorrência compreendem o Norte Central, o Noroeste, o Norte Pioneiro e a região Metropolitana de Curitiba e na carta 53 (*calor*), os resultados são quase os mesmos da anterior, excluindo a região Noroeste e acrescentando a Centro Sul.

Das 80 localidades investigadas pelo ALERS, no estado de Santa Catarina, 23 apresentam a variante retroflexa. O ponto Chapecó, localizado na microrregião Colonial do Oeste Catarinense, é o único que apresenta o [ʀ] nas cinco cartas; nas demais, este rótico ocorre com maior frequência nas microrregiões de Planalto de Canoinhas (cartas 49, 50, 51 e 52); Colonial Rio do Peixe (50, 51, 53) e Campo dos Curitibanos (carta 51). É importante ressaltar que a área de maior concentração, ou seja, a região do Planalto de Canoinhas faz divisa com o sul do Paraná e as outras regiões citadas estão bem próximas do estado paranaense, fato que pode ter propiciado a expansão do [ʀ].

No que se refere ao Rio Grande do Sul, apenas 5 localidades, espalhadas pelo estado, apresentam o /r/ retroflexo: Catuípe, São Luiz Gonzaga, Soledade, Santa Cruz do Sul e Barra do Ribeiro.

O *Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul* – ALMS (OLIVEIRA et al., 2007), apresenta sete cartas fonéticas com o /r/ em contexto de coda, sendo quatro em posição interna: 15.b (*fervendo*), 17.a (*gordura*), 45.a (*garfo*) e 47.a (*porta*) e três em posição externa: 8.b (*revólver*), 13.a (*calor*) e 44.a (*colher*). Traz, ainda, quatro

cartas que apresentam ambientes passíveis de roticização: 8.b (*revólver*), 14.a (*calção*), 36.a (*pulmão*) e 46.a (*fósforo*) e uma passível de metátese 23.a (*procissão*). Tais cartas registram que a variante retroflexa está presente em todos os pontos linguísticos, atingindo maior recorrência nos vocábulos *porta* e *calor* (85,94%) seguidos de *gordura* (84,38%), *ferendo* (74,22%), *garfo* (57,81%) e *colher* (68,75%). A roticização se realiza com maior ênfase (37,50%) na palavra *revólver* e a metátese não ocorre significativamente (5,47%). Para a concretização deste atlas foram entrevistados 128 informantes, quatro por localidade, estratificados de acordo com as variáveis diassexual (homem/mulher), diageracional (duas faixas etárias) e social/escolaridade (no máximo até 4ª série). Constatamos, no entanto, que tais variáveis não condicionam a produtividade do /r/ retroflexo, haja vista que o rótico se encontra amplamente difundido na fala de todos os entrevistados.

3.7.2 Outras Pesquisas sobre o /r/ Retroflexo.

Head (1978), ao comparar resultados de uma pesquisa sua sobre o [“] realizada em São Paulo e Minas Gerais com dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi, 1963), aponta que, além das influências extralinguísticas, atuam sobre o referido rótico forças linguísticas. Como fator diferencial atuante, o contexto posvocálico do /r/ favoreceria, segundo o autor, a ocorrência do /r/ caipira, fato registrado em todas as cidades de São Paulo, em São Domingos - MG e em algumas regiões da Bahia. Já em final de vocábulo, em estados como Amazonas, Ceará, Rio Grande Do Sul, Pernambuco Goiás e Minas Gerais, Head verifica que a variante retroflexa alterna com o zero fonético.

Mais tarde, em 1987, Head discute aspectos articulatórios do /r/ caipira, bem como a questão da origem desse rótico. Para o autor, o [“] não seria proveniente do contato entre línguas, nem da influência do meio geográfico, mas, resultado de um processo interno de variação e mudança que envolve o /r/ e o //l/. Sob esse prisma, o autor aponta que os respectivos fonemas apresentam características comuns, dentre elas: os dois são consoantes líquidas apicais; são, também, os únicos fonemas que se realizam como segundo membro de grupo de consoantes em início de sílaba; compõe um delimitado universo de consoantes que podem ocorrer em coda silábica, tanto interna quanto externa e; na linguagem rural

e popular, são os únicos fonemas que, em contextos determinados, sofrem vocalização⁴⁶. Mediante o exposto, Head (1987, p.15) afirma que:

a relação entre /r/ e // como membros exclusivos de uma mesma classe, quer pelas propriedades fônicas em comum, quer pela participação em conjunto de vários processos de alternância e condições de ocorrência, a descrição detalhada das características fonéticas das diversas realizações do /r/ no dialeto caipira, abre-se uma perspectiva para explicar, sem recorrer a outros elementos, a origem do “r caipira”: em termos gerais, seria a participação de /r/, junto com //, de algum processo de alternância e evolução com esse resultado dentro da respectiva variedade do português do Brasil.

Compartilhando da mesma opinião sobre a natureza do /r/ retroflexo, Cohen (2006, p.77) assevera que os fonemas /r/ e // posvocálicos em posição de coda silábica interna/externa “podem convergir ambos para um r retroflexo. Nesses casos pode-se falar de neutralização do l em favor do r e, diacronicamente, de um processo (em andamento) de desfonologização do l”.

Sem focar na origem da referida variante, Callou et al. (1997, p.471), com dados colhidos para o projeto NURC, nas cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, verificam que, dentre as 4.334 ocorrências de /r/ em coda silábica, o [ʀ] não é muito vigoroso, pois “a aproximante retroflexa, com baixo percentual de uso, recorre, mais uma vez, com maior frequência, em posição interna e é uma variante registrada apenas em São Paulo (5%) e Porto Alegre (7%)”. Mas, como explicar a baixa produtividade da variante em SP? Vale lembrar que o projeto NURC trabalha, exclusivamente, com a norma culta das capitais mencionadas e a variante retroflexa é recorrente no interior desse estado.

Lima (2003, p.58), em sua dissertação de mestrado, ao analisar a variação do /r/ posvocálico interno em Cametá-PA, aponta que um dado relevante em seus resultados é “a alta frequência da variante retroflexa (7%) que é igual à registrada em Porto Alegre e mais alta que o percentual encontrado em São Paulo”, quando comparados com o trabalho de Callou et al. (1997). Segundo o autor, em seus resultados, concernentes ao /r/ retroflexo, atuam influências sociais como: baixa escolaridade e renda familiar, idade (idosos) e sexo (homens), ao contrário daquelas que agem nos dados das pesquisadoras.

⁴⁶ “No sentido de passarem a vogais assilábicas, a participarem (junto com /s/, ou não) de “queda”(eliminação) em final de palavra e manifestarem alternância entre si como segundo membro de grupo de consoantes e/ou em posição final de palavra. (HEAD, 1987, p.15)

Em sua tese de doutorado, Castro (2006, p.49), ao verificar a vitalidade dos traços do dialeto caipira resistentes nos dialetos do Paraná e Minas Gerais, com base em seus respectivos atlas, constata que, em relação ao /r/ retroflexo, em Minas Gerais, tal rótico registrado somente em coda silábica ocorre “exclusivamente em uma larga faixa que cruza o Estado de oeste (Triângulo Mineiro) a sudeste, acompanhando toda a extensão da fronteira paulista”. Seus dados, corroborando com nossa hipótese do crédito da irradiação dessa variante aos bandeirantes, demonstram que o [ʀ] concentra-se nas “áreas mais próximas à fronteira paulista, perdendo densidade (em termos de distribuição geográfica e em termos de alternância com outras variantes) à medida que avança para o interior de Minas”; no Paraná, como já haviam atestado Aguilera (1994; 2008a) e Altenhofen et al. (2011); o [ʀ] é verificado em todo o território. Mesmo concorrendo com as variantes tepe e vibrante em determinadas regiões, sua realização é predominante por todo o norte, leste, e centro do Estado.

Brandão (2007, p.279), após fazer um intenso levantamento de trabalhos que têm por objeto o /r/ retroflexo em nosso país, salienta sobre a importância da continuidade de estudos que visem à retratação geográfica dessa variante e destaca a contribuição dessas pesquisas para o conhecimento do português do Brasil. Segundo a autora, tais trabalhos “poderão sem dúvida, lançar novas luzes sobre os condicionamentos estruturais e/ou sócio-históricos que originaram o – R retroflexo e alargar as trilhas esboçadas no mapa a seguir”:

Figura 3 - Mapa da distribuição do /r/ retroflexo, segundo Brandão (2007).



Fonte: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Nas trilhas do – R retroflexo. *Signum: estudos da linguagem*. Londrina, v. 10, n. 2, p. 265-283, 2007.

Outro estudo sobre a distribuição dos róticos em coda, com dados coletados para o ALiB, foi realizado por Castro (2009) em 38 localidades do estado de São Paulo (capital e interior). A autora concluiu que, em coda interna, 27% dos informantes da capital realizaram o /r/ retroflexo e nas localidades do interior este percentual chegou a 93%. Em final de palavra, observou 17% de realizações com [ʀ] entre os falantes paulistanos e 92% entre os paulistas.

O primeiro estudo com dados do ALiB em localidades do interior do Paraná foi feito por Aguilera (2008a, p. 11-12), em 16 localidades paranaenses, além da capital. A autora expõe que:

Os dados do ALiB – PR apontam as seguintes direções do /r/ em coda silábica: (i) o [ʀ] se mantém resistente junto a falantes urbanos na mesma proporção registrada anteriormente, em coletas realizadas há cerca de duas décadas, em atlas de base rural, como o ALPR e o ALERS; (ii) em apenas três das dezessete localidades pesquisadas predomina o [ʀ] : Barracão, Curitiba e Toledo – e nestes dois últimos concorre com o [ʀ], principalmente na fala dos mais jovens; (iii) os casos de rótico em coda interna mostram que há contextos mais favoráveis ao [ʀ] em detrimento de outros (...); (iv) a metátese, em encontros consonantais, é pouco produtiva em palavras de uso mais frequente, com produtividade mais acentuada na palavra *braguilha*>*barguilha*; (v) os róticos em coda externa ora se mantêm, ora sofrem apócope, principalmente nos verbos no infinitivo; os

nomes mantêm, com mais freqüência o rótico que se realiza, em sua maioria, como [“”] e, finalmente, (vi) os casos de roticização da líquida estão cada vez mais raros.

Observando os números registrados tanto pelos atlas quanto por trabalhos dialetológicos de menor amplitude, verificamos que não existe, ainda, uniformidade quanto à ocorrência do [“”], fato devido, como já afirmamos, às dimensões diatópicas, bem como a fatores sociais e atitudinais. Assim, é preciso que se comunguem trabalhos diatópicos que, além de determinar a área geográfica de ocorrência, analisem, também, o contexto social, bem como as atitudes dos falantes frente a essa variante.

3.8 SOCIOLINGUÍSTICA/ATITUDES LINGUÍSTICAS – CONSIDERAÇÕES

Como explicitado na metodologia desta dissertação, nossa pesquisa compõe-se de duas partes: a primeira de caráter dialetológico e a segunda sobre atitudes linguísticas. Diante disso, dividimos, também, a revisão teórica visando dispor de forma mais bem definida as discussões empreendidas.

Nos tópicos subsequentes procuramos, sinteticamente, definir a Sociolinguística e o método proposto por Labov (2008 [1972]) para tratar a mudança linguística, isto é, o estudo em tempo real e aparente, adotado para esta pesquisa. Levando em consideração a influência e a importância das atitudes no que tange à variação e mudança linguísticas, revisamos algumas obras que tratam do tema, tais como a de Lambert & Lambert (1968), a de López Morales (1993) e a de Moreno Fernández (1998), bem como alguns trabalhos pautados, especificamente, nas atitudes e crenças linguísticas dirigidas ao /r/ caipira como os de Guiotti (2002), Leite (2004), Botassini (2009) e Pastorelli (2009).

3.8.1 Sociolinguística e Mudança Linguística

Tema já discutido, a língua além de mudar de um país para outro, pode alterar-se também dentro da mesma comunidade⁴⁷ ou grupo de fala e até mesmo no

⁴⁷ Neste trabalho, adotamos a definição de comunidade de fala proposta por Moreno Fernández (1998, p.19): “una comunidade de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten unas mismas actitudes

grupo familiar⁴⁸, “porque a língua corrente varia de acordo, não só com os lugares, como também com as pessoas, as épocas, e até as circunstâncias” (SILVA NETO, 1963, p.19), ainda mais em um país pluriétnico como o Brasil. Dessa forma, um único conceito pode ser expresso de formas variadas, seja lexical, fonológica ou sintaticamente. Um exemplo disso, além das variantes do fonema /r/ que acabamos estudar, pode ser expresso pela realização das sequências d+i e t+i nas diversas regiões do país, as quais podem apresentar as variantes oclusivas e/ou africadas, como em dia/dCia e tia/t♦ia. Abordando o nível lexical, sabemos que existe para o conceito *terreno* pelo menos um par de variantes distintas que podem ser registradas no PB, por exemplo, em São Paulo como *lote* e no norte do Paraná como *data*.

Sobre o assunto Moreno-Fernández (1998, p.17) assevera que:

la lengua es variable y se manifiesta de modo variable. Con esto se quiere decir que los hablantes recurren a elementos lingüísticos distintos para expresar cosas distintas, naturalmente, y que, a la vez, existe la posibilidad de usar elementos lingüísticos diferentes para decir unas mismas cosas [...]. Hay ocasiones en que el uso de un elemento en lugar de outro del mismo nivel no supone ningún tipo de alteración semántica: tanto si se usa uno como si se usa otro, se está diciendo lo mismo.⁴⁹

Ademais, influem, no processo de variação, fatores externos como idade, sexo, profissão e escolaridade. A relação de tais elementos com a língua sempre ocupou espaço nas preocupações de linguistas e dialetólogos, mas foi com a Sociolinguística e, mais especificamente, com a teoria da Sociolinguística Variacionista de Labov que o estudo dessas relações foram sistematizados.

A Sociolinguística, conforme Alkmim (2007 p.28), surgiu no ano de 1964 em um congresso organizado por William Bright, em Los Angeles, do qual

linguísticas, unas mismas reglas de uso, un mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolingüísticos.”

Uma comunidade de fala está formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, ao menos, uma língua, mas que, além disso, compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, um mesmo critério ao avaliar socialmente fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolingüísticos. (Tradução nossa)

⁴⁸ Como demonstrou Rousselot (1891), na obra *Modificaciones phonétiques du langage étudiés dans le patois d'une famille de Cellefrouin*, a fala é disforme até mesmo entre os membros de uma família.

⁴⁹ A língua é variável e se manifesta de modo variável. Com isto se quer dizer que os falantes recorrem a elementos linguísticos distintos para expressar coisas distintas, naturalmente, e que, às vezes, existe a possibilidade de usar elementos linguísticos diferentes para dizer as mesmas coisas [...]. Há ocasiões em que o uso de um elemento no lugar de outro do mesmo nível não supõe nenhum tipo de alteração semântica: tanto se usa um como se usa o outro, se está dizendo o mesmo. (Tradução nossa)

participaram estudiosos como John Gumperz, William Labov, John Fisher, entre outros, todos interessados em assuntos que abordavam a relação entre língua e sociedade e que mais tarde realizariam trabalhos importantíssimos para a área.

Essa disciplina consiste, primordialmente, de um ramo relativo à Linguística que estuda a língua em uso, levando em consideração o contexto social no qual ela ocorre. Cabe, pois, a ela investigar os fatos sociais que englobam, determinam, mantêm ou não as variações. Para Mollica (2004, p.09), “a Sociolingüística é uma das subáreas da Lingüística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais [...]”. Segundo Silva-Corvalán (1989, p.01) a Sociolingüística apresenta

[...] una metodología propia, desarrollada principalmente en los Estados Unidos y Canadá a partir de los años sesenta, que estudia la lengua en su contexto social y se preocupa esencialmente de explicar la variabilidad lingüística, de su interrelación con factores sociales y del papel que esta variabilidad desempeña en los procesos de cambio lingüístico.⁵⁰

O foco de estudo dessa área é a variação linguística uma vez que, ao utilizar uma dentre as variantes, o indivíduo localiza-se socialmente, ou melhor, essa própria utilização o enquadra em determinada comunidade, região, esfera social e assim por diante.

Sobre o tema, Bright (1974, p.18) afirma que:

uma das maiores tarefas da Sociolingüística é demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é “livre”, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas. Neste aspecto e em outros ainda mais latos, é precisamente a diversidade linguística o objeto de estudo da Sociolingüística.

Mollica (2004, p.10) concorda com Bright ao afirmar que:

⁵⁰ A Sociolingüística é uma disciplina independente, com metodologia própria, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e Canadá a partir dos anos sessenta, que estuda a língua no seu contexto social e se preocupa principalmente de explicar a variabilidade linguística, sua inter-relação com fatores sociais e o papel que esta variabilidade desempenha nos processos de mudança linguística. (Tradução nossa)

a sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.

A Sociolinguística trabalha com certos conceitos específicos e um deles refere-se ao termo variável, que, além de ser tomado no sentido de conjunto de variantes, também significa grupo de fatores. Desse modo, as variáveis podem ser condicionadas tanto por fatores linguísticos como por fatores sociais. Os linguísticos referem-se propriamente à língua, como fonológicos, sintáticos, semânticos, discursivos e léxicos. Enquanto os sociais referem-se ao falante como idade, sexo, escolaridade, profissão, regionalidade, entre outros. Das variáveis sociais citadas discorreremos, sinteticamente, sobre a idade e o sexo.

Não é difícil entender o motivo pelo qual esses fatores interferem na maneira como os sujeitos falam. A variável extralinguística - faixa etária -, por exemplo, pode determinar as diferenças entre a fala de um adolescente e a de um idoso, ou melhor, as escolhas linguísticas opostas que cada um utiliza. Para López Morales (1993, p.114-115) “las generaciones jóvenes suelen ser más inovadoras em contraste con el conservadurismo lingüístico de las mayores”. A autor complementa, ainda, que é “posible que los jóvenes sean más sensible a las formas prestigiadas por su comunidad, quizás porque aquí suelen ser más altos los índices de escolaridad”⁵¹. Dessa forma, percebemos que, normalmente, são os falantes mais velhos que costumam preservar as formas antigas e os jovens, por sua vez, são responsáveis pela incursão de formas inovadoras.

É importante ressaltar, contudo, que a variáveis linguísticas não ocorrem isoladamente, isto é, na maior parte das vezes, uma está inter-relacionada a outra. Sobre o assunto Freitag (2005, p.120) pondera que:

para se obter resultados mais seguros, pistas mais claras e evidências mais concretas de um dado fenômeno de variação e mudança lingüística é preciso pensar a faixa etária não como um único grupo de fator, correlacionado apenas à idade cronológica dos indivíduos. É preciso desmembrar o grupo faixa etária, tornado-o um feixe de fatores, delineado por informações as mais diversas.

⁵¹ As gerações jovens podem ser mais inovadoras em contraste com o conservadorismo das maiores [...] É possível que os jovens sejam mais sensíveis às formas prestigiadas por sua comunidade, talvez, por que podem ser mais altos seus índices de escolaridade. (Tradução nossa).

Conforme princípios labovianos (LABOV,1990), tocantes à variável sexo: em uma estratificação sociolinguística estável são os homens que recorrem com maior frequência às formas linguísticas não-padrão; em fenômenos variáveis, são as mulheres que se demonstram mais receptivas às formas de prestígio e; nas mudanças linguísticas, também, são elas, as mais inovadoras.

A diferença linguística estabelecida entre os dois sexos deve-se, sobretudo, à distinção dos papéis desenvolvidos por estes ao longo dos anos, isto é, aos seus lugares dentro da configuração social. Coube aos homens exercer profissões que exigissem certas características físicas, como a força e a agilidade. Já, para mulheres, ficou a incumbência de criar e transmitir educação aos filhos. Diante disso, provavelmente, as formas linguísticas eleitas pelos gêneros tenham estreita relação com as necessidades de cada grupo. Exibir as variantes de prestígio, talvez, não seja tão importante para os falantes do gênero masculino como para os falantes do gênero feminino” (SANTOS (2011, p.49).

Segundo López Morales (1993, p.126), encontra-se maior polidez na fala feminina, porque

la lengua refleja este hecho social: el habla de las mujeres no solo es diferente al habla de los hombres sino que es *mejor* socialmente hablando. Así como se espera que la conducta social de las mujeres sea más correcta, también su habla debe serlo.⁵²

Ainda sobre o assunto Paiva (2004), assegura que as mulheres apresentam maior propensão a utilizar, ou melhor, seguir as normas linguísticas. Devido a esse fato são elas que lideram no processo de implementação de uma variante prestigiada. Todavia, quando se trata de uma variante sem prestígio as mulheres são mais conservadoras e fica a cargo dos homens o processo de mudança. Os estudos que versam sobre fenômenos de variação estável e mudança linguística “evidenciam, portanto, a maior sensibilidade das mulheres às formas linguísticas prestigiadas socialmente. Os homens, ao contrário tendem a favorecer a ocorrência de formas linguísticas de baixo prestígio social. (PAIVA, 2004, p.71)

A sistematicidade do estudo da variação linguística, com base nos fatores sociais, é atribuída a William Labov, pois, segundo Tarallo (1997, p.07), foi

⁵² A língua reflete este fato social: a fala das mulheres não é só diferente da fala dos homens, mas é melhor socialmente falando. Assim como se espera que a conduta social das mulheres seja mais correta, também sua fala deve ser. (Tradução nossa).

esse estudioso “quem, mais veemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”.

Dois grandes trabalhos de Labov merecem destaque, não somente pelo rigor científico empregado, mas, acima de tudo, por implementar por meio do último deles a Teoria da Variação Linguística/ Sociolinguística Variacionista. O primeiro, data de 1963, realizado em Massachusetts, em uma comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, localidade na qual estudou a influência de fatores como sexo, cultura, idade, posição social e crenças, na variação linguística. O segundo, publicado em 1964, aborda a estratificação do inglês de New York.

Segundo Paiva & Duarte (2003, p. 13), um dos principais axiomas da teoria da variação, proposta pelo sociolinguista, é de que “as línguas humanas estão em constante mudança, que se propaga de forma gradativa e implica períodos mais ou menos longos de variação em diversos eixos sociais”. Dessa forma, além das forças sociais atuantes na mudança linguística, o estudioso adiciona a ação do tempo, rompendo assim com as fronteiras existentes entre sincronia e diacronia, priorizando a vertente sincrônica da variação.

Tal concepção laboviana pauta-se no princípio do *Uniformitarismo*⁵³, o qual rege que as mudanças são resultados de um processo passível de observação devido à sua natureza uniforme, pois os mesmos mecanismos que propiciaram uma mudança no passado podem ser os que atuam no presente. Na realidade, para que haja uma mudança, é necessário que o processo de variação esteja completo, já que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH, LABOV, HERZOG 2006, p.126). López Morales (1993) aponta três produtos teóricos que condicionam a mudança linguística: i) as fontes de inovação linguísticas; ii) um filtro de seleção e; iii) um filtro de difusão. O primeiro abarca toda e qualquer fonte que seja capaz de introduzir uma variedade nova; o segundo canaliza as pressões estruturais (como o contexto fônico e o peso dos fatores sociais, por exemplo) impostas pelas inovações, resultando nas variantes linguísticas; o último, por sua vez, diz respeito à disseminação dessas variantes, as

⁵³ Teoria atribuída a James Hutton (1726-1797): defende que os diferentes aspectos geológicos podem ser interpretados segundo processos naturais semelhantes aos que se observam atualmente - “o presente é a chave do passado” [...]. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$teoria-do-uniformitarismo](http://www.infopedia.pt/$teoria-do-uniformitarismo). Acesso em 11/06/2011

quais ao se encontrar covariando sob as esferas temporais e sociais culminam na mudança linguística.

3.8.1.1 O Estudo em Tempo Real e Aparente

Para estudar tal fenômeno, ou seja, o da mudança linguística, Labov propõe que seja realizado o estudo em tempo real e aparente. Este último é realizado por meio da comparação da fala de gerações diferentes, ou seja, entre pessoas idosas e jovens. Caso o uso de uma variante recorra mais entre a segunda geração, possivelmente, a vitalidade dessa variante será estendida. Contudo, é relevante salientar que a esse tipo de estudo devemos acrescentar a influência de outros fatores, já mencionados e, de acordo com Paiva & Duarte (2003, p.15), esse método precisa ser analisado com cautela, pois pode “deixar o pesquisador frente a duas possibilidades: trata-se de uma mudança em progresso na língua ou de uma gradação etária que se repete a cada geração?”

Essas indagações podem ser respondidas ao conjugar o estudo em tempo aparente ao estudo da mudança feito em tempo real. Sobre o assunto, Tarallo (1997, p.71) assevera que “quando a mudança tiver sido evidenciada no tempo aparente, é fundamental que o investigador procure dar à variável a dimensão histórica do tempo real”.

Corroborando com o sociolinguista, Callou et. al (1998), afirmam que o estudo da mudança, em tempo aparente, é feito a partir da observação do comportamento linguístico de falantes em diversas faixas etárias, mas só o estudo em tempo real poderá esclarecer se os resultados obtidos remetem a uma mudança ou a uma gradação etária.

Este método, ou seja, a pesquisa em tempo real, consiste na comparação de dois recortes sincrônicos distintos e apresenta duas formas, uma delas é a que Labov (1996) denominou de *panel study* “estudo em painel”, no qual são comparadas as falas dos mesmos informantes em tempos diferentes; a outra modalidade trata do *trend study* “estudo de tendências” que compara amostras de falas aleatórias da mesma comunidade, também, em dois momentos do tempo. A primeira técnica permite detectar o comportamento linguístico que pode preencher a lacuna deixada pelo estudo feito em tempo aparente, já a segunda não aponta nada sobre esse aspecto, mas permite “depreender a direcionalidade do sistema na

comunidade lingüística e verificar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, na estabilização ou no recuo de processos de mudança” (PAIVA & DUARTE, 2003. p.17).

Vários trabalhos sobre o PB vem sendo realizados com base na união desses métodos. De acordo com as autoras citadas, entre 1980 e 1984, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, um grupo de pesquisadores, com a finalidade de estudar os fenômenos da variação e mudança linguísticas, constituiu uma amostra da fala carioca, denominada de Amostra Censo composta por 64 falantes estratificados por sexo, idade (7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 anos de idade) e escolaridade (Fundamental I, Fundamental II Ensino Médio). Nos anos de 1999 e 2000, com o objetivo de compor uma amostra para estudos em tempo real do tipo painel, a equipe, com base nas mesmas variáveis, empreendeu a recontactação dos mesmos informantes da década de 80. Entretanto, diante das dificuldades desse tipo de trabalho, apenas 16 dos 64 entrevistados foram encontrados.

Para constituir um *corpus* que respaldasse os estudos do tipo tendência, os pesquisadores da UFRJ, pautados nos mesmos parâmetros, procederam a uma nova pesquisa, desta vez, junto a 32 informantes cariocas. Dessa forma, os estudiosos dispõem de três *corpora*⁵⁴, o primeiro deles, colhido em 1980-1984, titularemos de amostra 1; o segundo, obtido em 1999-2000, chamaremos de amostra 2; e, por fim, o mais recente denominaremos de amostra 3.

A partir dessas amostras vários estudos foram desenvolvidos, dentre eles podemos citar os de Paiva (2003, p.32) que visa identificar a trajetória da variável *peixe/peixe* particularmente da sua variação *peixe/peixe* como em peixe/peixe, no comportamento linguístico do indivíduo (estudo do tipo painel) e na comunidade de fala (estudo do tipo tendência). Ainda, segundo a autora, seu objetivo é o de “verificar a ação da variável tempo sobre a alternância entre as variantes ditongada e monotongada”, na fala carioca.

Ao comparar a amostra 2, ou seja a de 1999-2000, com as demais, a autora verifica uma aparente estabilidade da variação entre as formas citadas. Isto a leva a crer que o fator tempo se apresentou inoperante nos resultados e que os

⁵⁴ Não esgotamos, aqui, os detalhes das amostras. Para uma compreensão e visualização mais bem definida consultar a obra PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (Org.). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

motivos que levam à estabilidade residem no indivíduo e na comunidade de fala. Partindo, então, para a análise do comportamento do indivíduo (estudo tipo painel), Paiva (2003) chega a algumas conclusões, dentre as quais:

- (i) os informantes recontactados que aumentaram seu nível de escolaridade tendem a reduzir os índices de ocorrência da variante monotongada. “A convergência de quase totalidade desses falantes leva naturalmente a suspeitar de um efeito positivo do aumento da escolarização sobre a trajetória da variação entre $e\text{m} / \text{em}$ ” (PAIVA, 2003, p.34-37);
- (ii) os informantes idosos, ou seja, com mais de 50 anos, também, mostraram um decréscimo quanto à monotongação;
- (ii) o recuo da variante ditongada se faz perceptível entre os informantes que apresentam entre 25 a 28 anos. Segundo a autora, os falantes mais jovens (7 a 14 anos) ao se deslocarem para uma faixa etária mais avançada (25 a 28 anos) diminuem a ditongação, tal acontecimento permite a Paiva lançar a hipótese de que a redução do ditongo reflete um caso de mudança geracional, com os indivíduos mudando ao longo da sua vida e a comunidade se mantendo estável. A referida estabilidade é estabelecida quando esses falantes atingem a última faixa etária e voltam a apresentar um menor uso da variante monotongada, como já expusemos. “Na medida em que diminui a frequência dessa variante na década de 1990, esses falantes se aproximam da média do grupo” (PAIVA, 2003, p.37).

Os resultados obtidos por meio da comparação entre a amostra 1 (1980-1984) e a amostra 3 (a mais recente), isto é, no estudo tipo tendência, evidenciam que na comunidade as tendências se repetem. Novamente, a autora constata o recuo da variante ditongada entre os informantes jovens (26 anos) e o predomínio desta mesma variante quando atingem uma idade mais velha (acima dos 50 anos). Sobre o assunto, Paiva (2003, p.39) conclui que:

a análise desenvolvida até este ponto mostra que os resultados para indivíduo e comunidade se complementam e se reforçam no sentido de apontar a existência de uma possível mudança geracional no que se refere à redução do ditongo [ey]. Embora se depreendam mudanças no comportamento lingüístico dos indivíduos, os índices de ocorrência do processo na comunidade configuram uma situação de variação estável

Destacamos que a autora analisa, ainda, fatores linguísticos atuante em seus resultados. Contudo, não os exploramos por considerar que os dados apresentados, até aqui, dão conta do nosso objetivo que era o de exemplificar trabalhos realizados no tempo real.

Outro estudo baseado nos métodos citados deve-se a Callou et al. (1998)⁵⁵. A fim de verificar se o apagamento do /r/ encontra-se em um processo de enfraquecimento, o que refletiria uma variação estável, ou de recuperação, o que denotaria uma mudança em curso, os pesquisadores realizaram uma análise em tempo aparente e em tempo real.

Os *corpora* utilizados nessa pesquisa tratam-se de três conjuntos de dados do Projeto NURC, coletados em duas sincronias diferentes, junto a locutores estratificados por sexo três faixas etárias (I 25 a 35 anos; II 36 a 55 anos e III 56 anos em diante). O primeiro conjunto composto por 66 informantes foi gravado no início da década de 70; o segundo, com 10 informantes do *corpus* anterior e, o terceiro que constitui uma nova amostra (18 informantes) foram colhidos entre 1992-1996.

No que tange aos fatores internos, os dados das três amostras evidenciam que o zero fonético se fez mais presente entre os verbos do que entre os não-verbos. Ademais, os dados revelam diferenças acentuadas entre homens e mulheres. Devido a isso, todo o restante da análise foi realizado mediante a separação morfológica e diasssexual.

A análise em tempo aparente empreendida entre os homens, em relação aos verbos, evidencia um caso de variação estável. Os falantes da primeira faixa etária não modificam o seu comportamento no período que separa as duas amostras, mas os informantes da segunda e terceira apresentam comportamentos distintos. De acordo com os resultados, nos anos 70 o apagamento do /r/, diminuí da terceira para a segunda faixa etária e aumenta da segunda para a primeira; nos anos 90, o resultado foi inverso.

Segundo Callou et al. (1998) uma provável explicação para esse aumento na segunda faixa reside no fato de o apagamento do /r/ não ser mais uma

⁵⁵ Trata-se do artigo de Dinah Callou João Moraes e Yonne Leite intitulado: Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 15/01/2012. No referido artigo não constam os números das páginas.

pronúncia estigmatizada, ao menos nos verbos, correspondendo a uma nova norma introduzida na comunidade.

Sobre os vocábulos não-verbos, os resultados indicam uma mudança em curso refletida no aumento do zero fonético por parte dos falantes mais jovens (primeira faixa etária), dos anos 70 para os anos 90.

Entre as mulheres, os pesquisadores registram uma mudança em progresso direcionando um avanço do apagamento. Eles advertem, no entanto, que tal regra se cumpre com mais efetividade entre as mulheres idosas, na década de 90, apenas nos não-verbos.

Partindo para o estudo em tempo real (tipo painel) e, portanto, comparando os dados dos informantes homens das duas recolhas (a da década de 70 e a da década de 90), Callou et al. (1998) verificaram que não há estabilidade, em outros termos, o comportamento do indivíduo não é o mesmo ao longo da vida.

Os resultados concernentes aos homens indicam a frequência do apagamento do zero fonética continua a avançar em não-verbos e em verbos, exceto, na última faixa etária, nos verbos. Aqueles relativos às mulheres demonstram que o apagamento recua entre as falantes da primeira faixa etária, aumenta entre as da segunda e permanece estável entre as idosas.

A avaliação de todos os resultados permite, dentre outras conclusões, a Callou et al. (1998) afirmar que:

a população feminina continua a implementar a regra de apagamento, uma vez que há sempre um aumento do peso relativo de 70 para 90. Por outro lado, em relação aos homens, a regra parece ter atingido seu limite e há indícios de perda do processo de apagamento, principalmente no que tange aos não-verbos [...]. Em relação à fala culta, no entanto, a avaliação da situação geral e o estudo em tempo aparente e em tempo real indicam antes um equilíbrio que a previsão de um completo apagamento, uma vez que os pesos relativos totais nas duas décadas não vão muito além de 50.

Ao teorizar o processo e os métodos para o estudo da mudança linguística, além dos componentes mencionados, Weinreich, Labov e Herzog (2006) delimitam ou cinco problemas a serem levados em consideração, a saber: (i) dos fatores condicionantes; (ii) da transição; (iii) do encaixamento; (iv) da avaliação e (v) da implementação. Centrando-se no quarto deles, os autores afirmam que (2006, p.124):

o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança lingüística que tem de ser determinada diretamente. Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta e imposta ao processo contínuo da mudança.

Guiados por motivações sociais, os falantes, normalmente, dirigem às línguas ou aos dialetos comportamentos diversos, os quais podem ser de ordem positiva e negativa, dessa forma, suas atitudes ocupam lugar determinante no processo de mudança. Conjugando-se assim dados de um estudo em tempo real e aparente e analisando-os frente ao comportamento lingüístico, podemos, além de registrar a situação atual de uma variante dialetal, delinear um dos motivos que subjaz a esse processo.

3.8.2 Definição Geral de Atitudes e Crenças

Antes de discorrer sobre estudos que compreendem a análise de atitudes e crenças, é necessário situar esses conceitos. Acreditamos que, primeiramente, é preciso separar a definição pura daquela que remete à linguagem. Para isso, pautamo-nos na acepção proposta pelos psicólogos sociais Lambert & Lambert (1968, p.78-83), para os quais a atitude consiste em:

uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante.

[...] As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos [...].

Para esses pesquisadores, as atitudes são compostas pelos seguintes elementos: os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Buscando compreender melhor essa composição, apresentamos como, possivelmente, a atitude de um indivíduo é formada frente a dada situação: um sujeito A, movido por forças sociais ligadas à religião, por exemplo, pensa/crê (crenças), ou seja, traz internalizada a opinião de que o sujeito

B é subvertido; devido a isso, os sentimentos (emoções) do sujeito A para com o B, provavelmente, serão negativos. As atitudes do A serão formadas, dessa forma, a partir do que ele crê e dos sentimentos que remete ao B e refletirão, em última instância, esses dois primeiros componentes. Com base no exposto, podemos entender as crenças como um fator de natureza cognitiva que reúne nossas percepções sobre o mundo e que, além de compor as atitudes, antecede, propulsiona e as define.

A atitude, vista sob o prisma proposto por esses psicólogos sociais, completa-se quando os componentes citados “se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e as tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos” (LAMBERT & LAMBERT, 1968, p.78).

Os autores ressaltam, ainda, que, antes dessa consolidação, as atitudes de um indivíduo podem ser flexíveis, ou melhor, passíveis de alteração devido a experiências pessoais. Entretanto, após a solidificação de seus elementos estruturantes elas se tornam *inflexíveis* e, na maioria das vezes, *estereotipadas*, ainda mais se levarmos em consideração que as atitudes envolvem forças sociais, as quais, normalmente, rotulam as pessoas de acordo com o grupo ao qual pertencem. Dessa forma, o indivíduo fica impossibilitado de distinguir a individualidade dos sujeitos ou fatos, julgando-os com base no grupo social em que estão inseridos. Por exemplo, “se uma pessoa desenvolveu uma forte atitude negativa em relação ao comunismo, ela considera e avalia qualquer ação cometida pelos comunistas de uma maneira estereotipada” (LAMBERT & LAMBERT, 1968, p.78), além disso, esse indivíduo, possivelmente, avaliará qualquer membro que pertence ao comunismo utilizando sempre os mesmos parâmetros. Assim, podemos afirmar que as atitudes, mesmo aquelas inconfessadas, regulam a vida social, pois orientam a forma como os sujeitos agem perante pessoas/grupos/fatos.

Amparados por uma visão geral do que são e de como se formam as atitudes, passamos a abordar, especificamente, as atitudes linguísticas.

3.8.3 Lambert & Lambert (1968 [1960]): o Início dos Estudos das Atitudes Linguísticas

Orientados pela Psicologia Social⁵⁶, os primeiros trabalhos que tinham por objeto a análise de atitudes não contemplavam, especificamente, a área linguística. Podemos apontar os psicólogos sociais Lambert & Lambert (1968) como precursores da introdução da linguagem nesse ramo científico, cuja implementação se concretizou por meio de uma pesquisa na qual aplicaram a técnica *matched guise* (falsos pares). O referido estudo foi realizado com alunos do Colégio Anglo-Canadense em uma comunidade franco-britânica, em Montreal, a qual denotava certa *cisma* entre montrealenses de fala francesa e os de fala inglesa. Os objetivos centrais dos pesquisadores eram detectar para qual das falas era atribuído mais prestígio, verificar como um grupo via o outro a partir de seu idioma e de que maneira as atitudes de um grupo maior influenciavam um grupo menor.

Para a realização da primeira parte da pesquisa, foram feitas gravações das vozes de cinco falantes bilíngues que ora liam o mesmo trecho em francês, ora em inglês. Foi solicitado, em seguida, a alunos-ouvintes que preenchessem uma ficha avaliativa levando em consideração a voz, por conseguinte, a personalidade do orador, deixando de lado o idioma. É importante ressaltar que, na realidade, eles ouviram dez gravações que pensavam advir de dez pessoas diferentes, contudo, tratava-se, como mencionado, somente de cinco falantes bilíngues, ou seja, foram utilizados *pares falsos*, com o objetivo de observar as atitudes que os estudantes mantinham diretamente em relação ao idioma.

O resultado desta primeira parte da pesquisa foi a seguinte: atribuição de maior prestígio e de características como beleza, inteligência, amabilidade, melhor caráter, entre outras qualidades, foram dirigidas aos supostos falantes ingleses. E o mais interessante é notar que a segunda parte do trabalho realizada no colégio Franco-Canadense obteve o mesmo resultado. Para entender melhor, é preciso saber que os próprios alunos se consideravam *mais importantes* e diziam ser *mais bem recebidos* quando falavam em inglês.

Concluindo seu estudo, Lambert & Lambert (1968, p.85) afirmam que “as reações dos estudantes franco-canadenses demonstram, pois, que as atitudes

⁵⁶ Ramo da Psicologia que se baseia no “estudo experimental dos indivíduos examinados no seu enquadramento social e cultural” (LAMBERT & LAMBERT, 1968, p.7).

dos membros de um grupo minoritário são afetadas pelos contatos com grupos que são considerados de posição social mais elevada”.

A necessidade de se enquadrar na posição de mais *status* na sociedade é refletida nas atitudes linguísticas dos informantes inquiridos, pois, mesmo aqueles alunos que tinham por língua materna o francês, isto é, os do colégio Franco-Canadense, atribuíam maior prestígio às gravações em língua inglesa. Tais informantes manifestam um sentimento de inferioridade em relação ao seu próprio idioma devido, sobretudo, à coerção que sofrem do grupo maior (idioma inglês), dessa forma, afim de “melhorarem suas posições e incentivarem seu senso de valia, os membros de grupos minoritários identificam-se, aparentemente, e incorporam, insensatamente, as atitudes estereotipadas ou prejudicadas dos que detêm o poder” (LAMBERT & LAMBERT, 1968, p.85).

Segundo estes psicólogos sociais, o sentimento de inferioridade pode acarretar duas futuras atitudes linguísticas: (i) os alunos franco-canadenses podem reagir contra esse estereótipo que se consolidou em torno de seu idioma e destacar valores que realcem sua cultura; ou (ii) podem propagar essa tendência por toda a comunidade, estimulando, assim, nas crianças francesas, o aprendizado da língua inglesa em detrimento do próprio idioma.

A técnica de Lambert & Lambert (1968), além de acrescentar a linguagem no quadro de preocupações da Psicologia Social, permite ao pesquisador reter, disfarçadamente, aquilo que os indivíduos acreditam, ou melhor, pensam/sentem em relação ao objeto de pesquisa em questão. Para Labov (2008, p.176), essa técnica é

[...] o instrumento básico agora amplamente utilizado para o estudo de reações subjetivas à linguagem [...]. Essas atitudes não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre os dialetos, mas se ela fizer dois conjuntos de julgamentos de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes da língua, e se não perceberem que é o mesmo falante, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações.

Após discutir, rapidamente, sobre o método pelo qual os psicólogos sociais inseriram o estudo das atitudes no âmbito da linguagem, apresentamos, no subtópico 3.8.4, algumas definições de atitudes linguísticas propostas por pesquisadores da área.

3.8.4 Definindo Atitudes Linguísticas

Em nosso meio, é amplamente disseminado o fato de que existem línguas, dialetos e variedades que representam classes sociais mais elevadas ou prestigiadas, característica que lhes incute, na maior parte das vezes, um lugar privilegiado na escala social, ou seja, maior *status*. Dentre tantos, podemos citar como exemplo a língua inglesa, idioma universalmente conhecido e ensinado e a variedade padrão da língua portuguesa, forma eleita como própria daqueles de posição social mais elevada.

A posição social que ocupa uma língua ou dialeto somada às crenças e aos sentimentos que o indivíduo mantém em relação aos seus usuários, define a atitude linguística, elucidada por Moreno Fernández (1998, p.179) como a

una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de “lengua” incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes.⁵⁷

Em outros termos, mas em comunhão com Moreno Fernández, et al. (2010, p.23), definem as atitudes linguísticas como “uma postura, ou comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro”.

Existem, ainda, autores como López Morales (1993) e Moreno Fernández (1998) que apontam para a existência de linhas teóricas que divergem entre si de acordo com a definição que estabelecem para atitudes linguísticas, a saber: a *mentalista* e a *comportamentalista*. Os princípios desta regem que as atitudes são interpretadas como uma “conduta, como uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua ou situação ou umas características sociolinguísticas dadas”; para a linha *mentalista*, as atitudes são entendidas como um “estado interno do indivíduo [...] uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento ou a ação individual”. Os pesquisadores dessa linha, ao emprestarem a composição

⁵⁷ Manifestação da atitude social dos indivíduos distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade, e ao falar de ‘língua’, incluímos qualquer tipo de variedade lingüística: atitudes em relação a estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialetos diferentes ou línguas naturais diferentes. (Tradução nossa)

de atitudes propostas por Lambert & Lambert (1968), apontam três elementos fundamentais: o cognoscitivo (saber ou crença); o afetivo (sentimento/valoração) e o conativo (conduta sociolinguística)”.

Tarallo (1997, p.14), ao tratar do assunto, acrescenta o conceito de identidade linguística, entendendo que as atitudes são “armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”. De acordo com essa definição, a partir do momento em que o indivíduo se posiciona positiva ou negativamente diante de uma variedade, ele se reveste de uma identidade que o diferencia de um grupo, etnia ou povo.

Para tanto, é imprescindível que o falante tenha consciência linguística, ou seja, que ele tenha a capacidade de conhecer, bem como distinguir as diferenças que englobam a língua, ou variedades que o rodeiam. Scherfer (1982 apud BARBOSA, 2002) defende que a consciência linguística “está ligada à língua, pelo poder de objetivação que esta comporta e pelas categorias de descrição que coloca à disposição”, uma vez que é “pela língua que expressões de forma fixa, de caráter comum e estereotipado podem ser transmitidas eficazmente”

Para López Morales (1993), a escolha de uma variante em detrimento de outra supõe, pelo menos, duas hipóteses: a primeira é a de que o falante conhece a existência das duas variedades e a segunda remete à *consciência sociolinguística*, isto é, o falante precisa saber qual variante é mais prestigiada em seu meio social e aproveitar-se disso para elevar-se socialmente.

A consciência *sociolinguística* regulamenta os posicionamentos linguísticos adotados pelos usuários de uma língua, ou de um dialeto e, não raramente, os levam a manifestar atitudes como: segurança, insegurança linguística e hipercorreção, ligadas diretamente à língua ou ao dialeto; estereotipação e estigmatização direcionados aos falantes; prestígio ou desprestígio dirigidos concomitantemente aos dois.

Diante disso, a partir da década de 70, pesquisadores do ramo da Sociolinguística, como Labov (2008 [1972]), López Morales (1993), Moreno Fernández (1998), Gómez Molina (1998), entre outros, vêm incorporando em seus trabalhos análises de crenças e atitudes, pois, além dos fatores sociais, muitos estudos atestam a importância do reconhecimento dos padrões de prestígio

sustentados pelas comunidades linguísticas e suas influência no processo de variação ou de mudança.

3.8.5 Sociolinguística e Atitudes Linguísticas: uma Interligação

A partir de uma pesquisa sobre variação fonética dos ditongos /ay/ e /aw/, realizada em Martha's Vineyard, Labov (2008 [1972]), deixando de lado outras variáveis, como idade, faixa etária, ocupação, grupo étnico e espaço geográfico, adotadas para sua pesquisa, e tratando a atitude como uma variável independente, constatou que quanto maior era o sentimento positivo dos informantes em relação à ilha mais relevante se mostrava a centralização, inconsciente, dos ditongos, como podemos verificar por meio da tabela 2 elaborada pelo autor (2008, p.59).

Tabela 2 - Centralização e atitude em relação a Martha's Vineyard.

Pessoas		(ay)	(aw)
40	Positiva	63	62
19	Neutra	32	42
6	Negativa	09	08

É fato inquestionável que ecoa nesses resultados a realidade social da ilha, ou seja, trata-se da região mais pobre de Massachusetts (EUA) e, como se não bastasse, apresenta um custo de vida elevado. Sua economia é voltada, basicamente, ao turismo e chega a receber 40.000 veranistas no decorrer do ano. Entretanto, essa leva de turistas dissolve-se rapidamente e não proporciona equilíbrio financeiro. Mesmo assim, devido à falta de outras fontes sustentáveis, os *vineyardenses* se veem dependentes dos turistas e, ao mesmo tempo, parte deles quer preservar sua independência. Tratando dessa realidade, Labov (2008 [1972], p.48) elucida que:

Essa transição gradual da dependência em relação aos veranistas para a submissão total a eles tem produzido reações que variam desde um desprezo ferozmente defensivo até os planos entusiastas de incrementar a economia turística. O estudo dos dados mostra que a alta centralização de (ay) e (aw) está intimamente correlacionada a expressões de grande resistência às incursões veranistas.

A situação econômica de Martha's Vineyard leva os jovens a optar por estudar fora ou a ter vontade de partir para outros lugares a fim de melhorar suas condições de vida. Conseqüentemente, são esses falantes os responsáveis pelo menor número de manutenção dos ditongos estudados, por não existirem motivos que os levem à preservação de sua variedade linguística, uma vez que não desejam ou já não moram na ilha. Dessa forma, Labov (2008 [1972], p.51) registra “um nítido contraste entre os que planejam deixar a ilha e os que planejam ficar. Estes últimos exibem forte centralização, enquanto os primeiros exibem pouca, ou nenhuma”. Já, aqueles moradores que escolheram permanecer no local e, sobretudo, mantêm laços afetivos perante sua condição de nativos, centralizam os ditongos (ay) e (aw), como forma de marcar sua identidade cultural.

Mais tarde, Labov (2008 [1972]) ao abordar a estratificação social do /r/ na cidade de Nova York, verifica, novamente, o peso de coerções sociais e, conseqüentemente, das atitudes dos inquiridos sobre os resultados. Antes de relatar algumas das constatações do sociolinguista, todavia, é necessário situar o universo e metodologia que englobam o estudo.

Para a pesquisa foram selecionados três departamentos de lojas socialmente estratificadas (superior, intermediária e inferior), cada uma delas, como se pode esperar, atende a um público de natureza social diferente. Assim, o pesquisador acredita que os funcionários dessas lojas também apresentam comportamentos guiados por essa diversidade, pois “o prestígio das lojas leva a uma avaliação social dos empregados na mesma ordem” (LABOV, 2008 [1972], p.69). Foram entrevistados 264 falantes, todos funcionários das lojas citadas, mediante a pergunta: “Por favor, onde ficam os sapatos femininos? Como resposta eles diziam: “fourth floor”. As respostas não foram gravadas, apenas anotadas pelo inquiridor, no caso, o próprio Labov.

Os números da pesquisa afirmam a existência da estratificação do /r/ nas lojas estudadas e corroboram com a hipótese inicial do autor. Entre os informantes entrevistados: na loja superior, a realização do rótico, pronúncia tida como a mais prestigiosa entre os nova iorquinos foi maior; entre os da loja intermediária a realização diminuiu, por fim; os informantes da loja mais popular foram os que menos realizaram o rótico.

Ao estudar os dados mediante a variável idade, o autor lembra que a realização do /r/ é a norma entre o grupo de maior *status* em Nova York e, por isso,

os jovens dessa classe desenvolvem mais cedo o costume linguístico de utilizá-lo. Para a classe média baixa, sobretudo, entre os idosos, a manutenção do rótico requer atenção ao modo de falar o que acaba conduzindo à hipercorreção. Um dos motivos para esse fenômeno reside no fato de que nem sempre a forma de prestígio foi essa, Labov (2008) relata que, antes da II Guerra Mundial, as escolas ensinavam que o correto era eliminar o /r/ em final de vocábulo.

Enfim, todo esse processo pelo qual passou o /r/ (mantido), isto é, em um primeiro momento, desprestígio, depois, sua elevação social, gera nos indivíduos atitudes linguísticas diversas socialmente condicionadas, como demonstra Labov (2008, p.86):

Os falantes de classe média alta que agora mudam para (r-1) em estilos formais abandonaram sua forma de prestígio e estão respondendo à forma usada por falantes mais jovens de maior *status* com os quais entram em contato. Por outro lado, muitos falantes de classe média alta aderem à sua norma original, em desafio à tendência predominante. O padrão que observamos na pesquisa das lojas de departamentos é, portanto, um reflexo de insegurança linguística da classe média baixa, o que levou a geração mais velha a adotar a norma mais recente de (r-1) em detrimento das norma mais antiga.

Nenhum dos estudos de Labov, mencionados, orientaram-se puramente pela esfera das crenças e atitudes linguísticas. No entanto, verificamos, ao analisá-los, a existência de uma linha tênue entre tais atitudes e a variação linguística.

3.8.6 Como Medir as Atitudes?

A influência exercida pelas atitudes linguísticas e, conseqüentemente, a necessidade de tratá-las como um fator atuante na mudança/variação, levaram os estudiosos a desenvolver técnicas para medi-las ou quantificá-las, tarefa nada fácil tendo em vista a natureza cognitiva, ou seja, o processo interior pelo qual as atitudes são formadas, bem como a presença intrínseca da intuição ou dedução de quem as analisa.

As técnicas empregadas para medir as atitudes linguísticas são, basicamente, determinadas pela linha teórica adotada pelo pesquisador, ou seja, a *comportamentalista* ou a *mentalista*. No primeiro caso, são mais utilizadas as

observações diretas, já que esta linha pressupõe que as atitudes são refletidas na conduta, na reação do indivíduo diante de determinada situação sociolinguística.

Já, no segundo caso, os instrumentos de pesquisas requerem maior elaboração, uma vez que, para os *mentalistas*, a atitude é um estado mental, portanto, mais difícil de ser medida e analisada. Os pesquisadores dessa vertente dispõem de dois métodos de análise distintos: (i) as pesquisas diretas, na qual as medições são feitas por meio de questionário previamente elaborado, composto por questões que propiciam respostas abertas e outras limitadas e; (ii) as pesquisas indiretas, tendo por representante a técnica *matched guise* de Lambert & Lambert (1968), que são realizadas sem que o entrevistado saiba do que se trata.

Cada uma das técnicas apresenta dificuldades de análise, as observações diretas da linha *comportamentalista*, por exemplo, oferecem pouca ou nenhuma facilidade de sistematização dos dados; as pesquisas diretas e indiretas da outra linha, por sua vez, devido ao seu caráter artificial, podem induzir as respostas dos informantes. Diante desse paradoxo, o pesquisador poderá unir métodos diferentes ou lançar mão de padrões sociolinguísticos, como a influência de variáveis linguísticas (sexo, idade, escolaridade, profissão, entre outras), com vistas a um maior aproveitamento dos dados.

3.8.7 Algumas Manifestações de Atitudes Linguísticas

Quando tratamos de língua ou variedade de língua vale lembrar que, normalmente, tudo o que foge aos padrões estabelecidos pelos que se acham detentores da norma culta é visto como errado, logo os indivíduos e, conseqüentemente, sua fala são alvo de atitudes negativas movidas por coerções sociais.

Como já discutido, os indivíduos, movidos por questões sociais, tendem a transpor para a língua ou dialeto aquilo que acreditam sobre os seus usuários, ou seja, se o falante for oriundo de uma escala de menor *status* social, assim será avaliada, também, sua maneira de falar. Ainda, segundo Silva (2007, p.12), os “falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais (ou pelo menos não as discriminam), a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas”. A junção de tais atitudes determina as variantes de prestígio e as variantes estigmatizadas. Na sociedade atual, tende a ser

classificada como prestigiosa a variante padrão registrada na gramática e institucionalizada nas escolas. Para Labov (1990) essa variante seria a forma linguística empregada com mais frequência por falantes da classe mais elevada na hierarquia social em seus estilos de fala mais formal.

Normalmente, as variantes que fogem dos parâmetros normativos, seja na esfera lexical, fonética ou sintática, costumam ser estigmatizadas. Dessa forma, é perceptível que os princípios reguladores dessas variantes, na maioria das vezes, excedem critérios puramente linguísticos. Sobre o assunto, Silva (2007, p.12) assevera que, geralmente, “o que se determina como sendo uma variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação

Várias pesquisas buscam abarcar os motivos definidores do que seria, dentro de uma determinada comunidade, considerado como uma variante estigmatizada. No subtópico 3.8.8, discutimos algumas delas, especificamente, aquelas que versam sobre o /r/ retroflexo.

As atitudes linguísticas de um falante são manifestadas de diversas formas. As mais disseminadas entre os estudos que versam sobre o tema abordam o prestígio e o desprestígio linguístico, a segurança e a insegurança linguística, a estereotipação e a estigmatização. Sendo assim, tratamos, resumidamente de cada um desses conceitos.

O prestígio linguístico, de acordo com Moreno Fernández (1998, p.189)⁵⁸

puede ser considerado bien como una conducta, bien como una actitud. Esto quiere decir que el prestigio es algo que se tiene y se demuestra, pero también es algo que se concede. Se podría definir el prestigio como un proceso de concesión de estima y respeto hacia individuos o grupos que reúnen ciertas características y que lleva a la imitación de las conductas y creencias de esos individuos o grupos.⁵⁹

Moreno Fernández (1998) lembra que, ao abordar o prestígio linguístico, é coerente optar por um conceito apenas, ou seja, considerá-lo como uma conduta (algo que se tem) ou como uma atitude (algo que se concede).

⁵⁸ Acreditamos que seja desnecessário conceituar o desprestígio, pois o consideramos o contrário do conceito já definido, ou seja, do prestígio linguístico.

⁵⁹ Pode ser considerado como uma conduta, ou como uma atitude. Isto quer dizer que o prestígio é algo que se tem e se demonstra, mas também é algo que se concede. Pode-se definir o prestígio como um processo de concessão de estima e respeito entre os grupos que reúnem certas características e que leva à imitação das condutas e crenças desses indivíduos ou grupos.(Tradução nossa)

Segundo o autor, a maioria dos sociólogos e sociolinguistas abordam o fenômeno como uma atitude e o analisam mediante pesquisas que registram a segurança e a insegurança linguística dos falantes. Normalmente, o alto grau de prestígio concedido a uma língua, ou dialeto somado à consciência linguística, provoca nos indivíduos segurança linguística ou insegurança, no caso contrário.

Segundo Calvet (2004, p.72), pode-se falar de segurança linguística “quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram *sua norma a norma*”. Ou seja, trata-se daquelas pessoas que acreditam falar segundo os padrões impostos, ou que acreditam ser a sua variedade a mais bonita/correta, devido a isso, sentem-se seguros em relação à forma como se comunicam e apresentam, geralmente, fidelidade linguística em relação à sua língua ou dialeto. Já a insegurança existe, de acordo com Calvet (2004, p.72), “quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso”.

Em geral, os falantes que se sentem inseguros tentam de maneira forçosa adequar sua fala à variedade que consideram prestigiosa e, na tentativa de fazerem isso, acabam esquecendo sua própria origem. Sendo infieis a sua variedade, emergem em um processo de hipercorreção o que pode acarretar uma forma de falar tida como *ridícula* por aqueles que realmente dominam a variante prestigiada. Labov (1976, p. 200) ilustra, a partir de uma pesquisa junto à burguesia nova-iorquina, esse percurso: insegurança>infidelidade>hipercorreção:

Les fluctuations stylistiques, l'hypersensibilité à des traits stigmatisés que l'on emploie soi-même, la perception erronée de son propre discours, tous ces phénomènes sont le signe d'une profonde insécurité linguistique chez les locuteurs de la petite bourgeoisie [...]. En général, les New Yorkais éprouvent une forte répugnance pour l'accent de leur ville. La plupart d'entre eux se sont efforcés de modifier leur façon de parler, et on leur fait un vrai compliment quand on leur dit qu'ils y ont réussi [...].⁶⁰

⁶⁰ As flutuações estilísticas, a hipersensibilidade a traços estigmatizados que algumas pessoas empregam, a percepção errônea do próprio discurso, todos esses fenômenos são sinal de uma profunda insegurança linguística entre os falantes da pequena burguesia[...]. Em geral os nova-iorquinos têm certa aversão pelo sotaque de sua cidade. A maior parte deles se esforça por modificar seu modo de falar, e recebem como um verdadeiro elogio alguém lhes dizer que conseguiram mudá-lo [...]. (Tradução Nossa)

Existe, ainda, o que Labov (1976) denominou de prestígio encoberto (*covert prestige*) que está ligado ao valor que um determinado grupo de falantes delega a uma forma linguística desprestigiada. “A noção de prestígio encoberto está associada à noção da identidade social, ao orgulho lingüístico, à pertinência a uma dada classe social ou comunidade de fala” (RONCARATI, 2008, P.52). Para se integrar a um grupo social, o indivíduo adere às formas linguísticas partilhadas nesse meio. Tais formas, mesmo que condenadas pela sociedade normativa, ganham *status* e definem a identidade do grupo. .A fim de ilustrar esse tipo de prestígio tomamos com exemplo os adolescentes e o seu universo linguístico, na maior parte das vezes, composto por gírias, normalmente, vista com maus olhos pela sociedade, mas assinaladoras de individualidade para os seus usuários. A noção de prestígio encoberto está associada à noção da identidade social, ao orgulho linguístico, à pertinência a uma dada classe social ou comunidade de fala.

Com base nos trabalhos e definições expostos, verificamos que existem três tipos de falantes, os quais podem ser divididos de acordo com suas atitudes: os primeiros são aqueles que se sentem inseguros e que, conseqüentemente, renegam sua própria forma de falar, ou se agrupam socialmente e constituem suas próprias regras, em outras palavras, são desleais à língua ou à variedade com a qual têm contato desde que nasceram; os segundos são aqueles que se mantêm leais no que tange à sua maneira de se comunicar, independentemente de ser considerada como a de prestígio ou não e, finalmente, existem aqueles que simplesmente não têm consciência de que sua fala é vista com menosprezo ou prestígio. Em outras palavras, eles não sabem que suas escolhas linguísticas, geralmente, irão determiná-los perante os outros.

A atribuição de prestígio ou desprestígio, a segurança ou insegurança linguística podem, ainda, impulsionar atitudes mais conflitantes e que estão interligadas, como, por exemplo, o preconceito, a estereotipação e a estigmatização.

O preconceito, associado a um juízo de valor dirigido antecipadamente às pessoas ou a um grupo, consiste em um julgamento generalizado e superficial que não leva em consideração a individualidade do sujeito. Trata-se de uma ideia preconcebida sustentada, normalmente, por estereótipos o que leva a afirmar que o ponto de partida do preconceito é a estereotipação, processo que categoriza subjetivamente as pessoas mediante padrões cristalizados na sociedade. Em outros

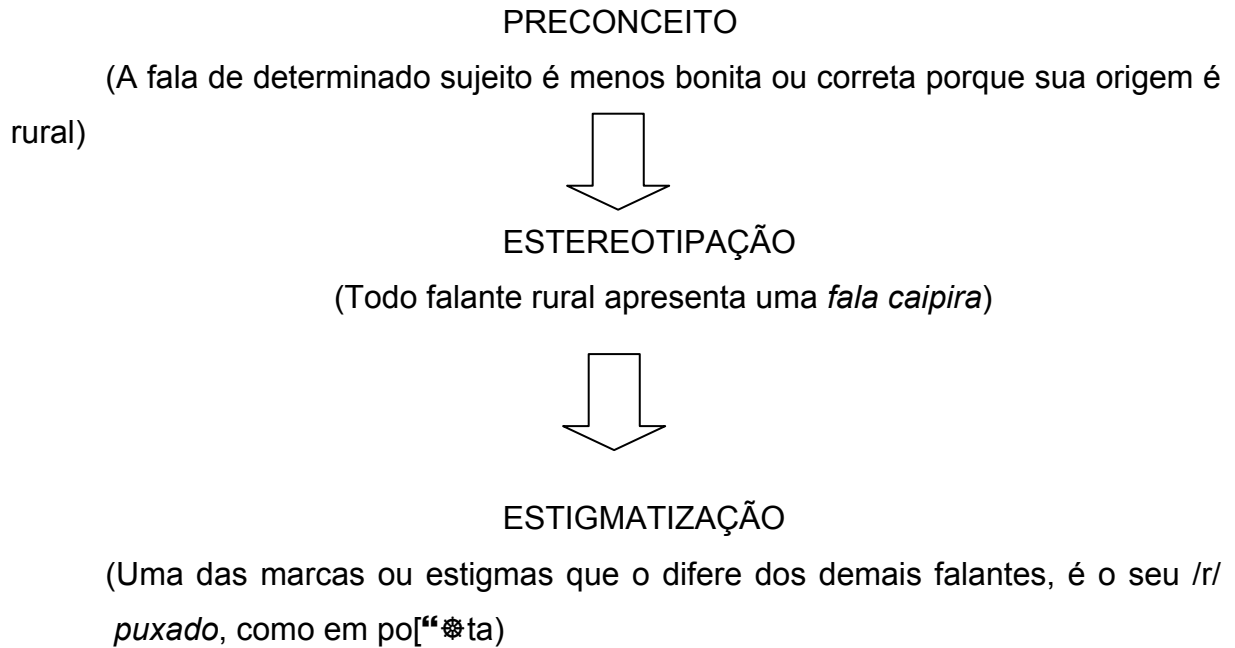
termos, é a tipificação e a redução de alguém ou de algum grupo tendo em vista características específicas.

Essas mesmas peculiaridades que servem para incluir os indivíduos ou grupos em determinada categoria ou tipo, podem impor-se como marcas ou rótulos, ou seja, em estigmas, os quais são atribuídos mediante aspectos como gênero, etnia, fala e posição social. Vistas de maneira preconceituosa, tais marcas selecionam os sujeitos. Em outros termos,

[...] quando um indivíduo tem um atributo que o torna diferente dos outros, talvez menos desejável, deixamos de considerá-lo comum. Ou seja, um indivíduo possui um traço que se impõe à atenção e pode afastar as pessoas, que deixam de ver seus outros atributos. Tal traço é o estigma. Os que não possuem serão os *normais*, capazes de discriminar e reduzir as chances dos que o possuem, com base em ideologias e em interferências sem fundamento. (FAGGION, 2010, p.62)

Frosi et al. (2010) acrescenta que o termo estigma remete às marcas feitas com fogo ou cortes, pelos gregos, nas faces dos escravos, traidores ou criminosos a fim de separá-los das demais pessoas. Atualmente, contudo, o termo passou a englobar, além de sinais físicos, os sociais. Isto quer dizer que as pessoas por meio de rótulos marcam, estigmatizam as outras, tratando-as como diferentes, banindo-as e colocando-as à margem da sociedade. Devido ao seu papel excludente e, por muitas vezes, traumatizante, a estigmatização implica maiores consequências negativas que o preconceito, por estar além deste, como se fosse uma forma mais forte de sua manifestação. Assim como os estereótipos, os estigmas provêm do preconceito e, ao mesmo tempo, o sustentam.

Ao aplicar o percurso dos três conceitos discutidos em um exemplo linguístico podemos visualizá-los com mais clareza:



No exemplo, verificamos que a fala de um sujeito hipotético é pré-julgada devido à sua origem, em seguida, ela é categorizada mediante um estereótipo (caipira) circundante no meio social e, por fim, uma de suas características, no caso o /r/ retroflexo, transforma-se em uma marca, ou seja, um estigma que irá separar esse *falante caipira* dos demais.

Grosjean (2001, apud FROSI et al., 2010, p.24) aponta sete consequências dessas atitudes que revelam influência sobre línguas diferentes, entretanto, acreditamos que, exceto os casos 2 e 6, essas consequências se aplicam também aos dialetos/variedades linguísticas:

- 1- A língua majoritária é aprendida pelos grupos majoritário e minoritário;
- 2- A língua majoritária é aprendida como primeira língua pela segunda geração;
- 3- Os falantes da língua minoritária revelam insegurança quanto ao que pensa sobre a(s) língua (s);
- 4- O uso da língua minoritária é mais restrito;
- 5- Ocorre a substituição da língua minoritária;
- 6- Os falantes temem o risco de revelar aculturação incompleta por empréstimos ou alternâncias de código;
- 7- A consciência étnica provoca reforço da lealdade e solidariedade no grupo.

É possível verificar que todas as consequências apontadas pelo autor revelam o abandono, menor uso ou sentimento de insegurança em relação à língua considerada minoritária. Apenas no caso de número sete, detectamos um ponto positivo, ou seja, a afloração do sentimento de lealdade do sujeito diante de sua língua/dialeto.

3.8.8 Alguns Trabalhos sobre Atitudes Linguísticas: Pesquisas Brasileiras

O registro de todos os sentimentos e atitudes linguísticas, aqui discorridos, podem ser verificados nos vários trabalhos realizados na área. Recentemente, no Brasil, a quantidade de pesquisas sobre o tema tem aumentado consideravelmente enfocando diversas vertentes, como línguas estrangeiras; línguas em contato e variedades dialetais e complementando, sobretudo, a análise de dados sociolinguísticos.

Um quadro apresentado por Silva-Poreli (2010) e adaptado para esta dissertação, ilustra alguns trabalhos⁶¹ feitos sobre o tema.

⁶¹ Em comunhão com a autora, lembramos que não procuramos esgotar todas as pesquisas nesse quadro, pois não temos acesso a todos os trabalhos que foram realizados até então. Vale lembrar que incluímos no quadro mais duas obras, a de Guiotti (2002) e a de Silva-Poreli (2010).

Quadro 1 - Algumas pesquisas brasileiras sobre crenças e atitudes linguísticas.

Autor	Titulação	Nome	Local de publicação e fonte
Lenard (1976)	Dissert.	Lealdade Linguística em Rodeio – SC	LENARD, Andrieta. Lealdade linguística em Rodeio (SC) . Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976. (Resumo)
Alves (1979)	Dissert.	Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo	ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo : abordagem prévia. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000056349 >.
Santos (1996)	Tese / Livro	Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino de língua portuguesa	SANTOS, Emmanoel dos Santos. Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.
Ramos (1997)	Artigo	Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque	Revista de Estudos da Linguagem – Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 1997. Disponível em: < http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/05-Jania-Ramos.pdf >.
Moralis (2000)	Dissert.	Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas	MORALIS, Edileusa Gimenez. Dialetos em contato : um estudo sobre atitudes linguísticas. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000215182 >
Bisinoto (2000)	Dissert. / Livro	Atitudes sociolinguísticas em Cáceres – MT	BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Atitudes sociolinguísticas : efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, 2007. ⁶²
Confortin (2001)	Artigo	Atitudes linguísticas de falantes bilingües	Revista do Instituto de Letras PUC Campinas , Campinas, v. 20. 1/2, p. 123-135, 2001.
Barbosa (2002)	Dissert.	Brasilienses e a idéia do não-sotaque	BARBOSA, Adriana de Oliveira. Brasilienses e a idéia do não-sotaque . Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000242103 >.
Guiotti (2002)	Dissert.	O Estudo da Variante Retroflexa	GUIOTTI, L. P. O Estudo da Variante Retroflexa na Comunidade de São

⁶² A dissertação de Bisinoto foi defendida em 2007, e seu livro publicado em 2009, pela Pontes Editora.

		na Comunidade de São José do Rio Preto	José do Rio Preto. Dissertação de Mestrado, UNESP, São José do Rio Preto, 2002.
Leite (2004)	Dissert.	Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco	LEITE, Cândida Mara Brito. Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000318505 >.
Bergamaschi (2006)	Dissert.	Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas	BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomeneghi. Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas. Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: < http://tede.uces.br/tde_arquivos/1/TDE-2007-01-18T121716Z-2/Publico/Dissertação%20Maria%20Cristina%20Z%20Bergamaschi.pdf >.
Sanches (2006)	Dissert.	Fotografias sociolingüísticas sob a perspectiva das atitudes lingüísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero	SANCHES, Rosely Áurea Soares. Fotografias sociolingüísticas sob a perspectiva das atitudes lingüísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2006.
Parcero (2007)	Tese	Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças	PARCERO, Lucia Maria de Jesus. Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000431742 >.
Amâncio (2007)	Dissert.	As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes lingüístico-social e identidade	AMÂNCIO, Rosana Gemima. As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes lingüístico-social e identidade. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000420929 >.
Aguilera (2008)	Artigo	Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira?	RONCARATTI, Cláudia; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães (Orgs.) Português Brasileiro. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007. p. 311-333.
Botassini (2009)	Artigo	Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos	Signum – Estudos da Linguagem, Londrina, v. 12, n. 1, p. 85-102, jul. 2009.
Pastorelli (2009)	Monogr.	Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina-PR:	PASTORELLI, Daniele Silva. Atitude Linguística de Falantes da Cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa? Universidade Estadual de Londrina.

		positiva ou negativa?	
Silva (2009)	Artigo	Crenças e atitudes linguísticas de falantes da região sul paranaense	ISQUERDO, Aparecida Negri; ALTINO, Fabiane Cristina; AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Orgs.). Atlas Linguístico do Brasil : descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores. Londrina, 2009, v. 1, p. 1-13.
Silva (2010)	Monogr.	Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert	SILVA, Helen Cristina da. Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná : uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert. Universidade Estadual de Londrina.
Silva-Poreli (2010)	Dissert.	Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com línguas em contato	SILVA-PORELI, Greize Alves da. Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR : um estudo das relações do português com línguas em contato. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

Selecionamos para discussão apenas algumas dessas pesquisas, especificamente aquelas que tratam do nosso objeto de estudo, ou seja, o /r/ retroflexo.

O primeiro deles, *O estudo da variante retroflexa na comunidade de São José do Rio Preto*, dissertação defendida por Guiotti (2002), na Universidade Estadual Paulista (UNESP), está baseado nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana. A autora empreendeu a pesquisa com o intuito de verificar a vitalidade da variante retroflexa, isto é, se esta variedade de rótico está em vias de desaparecimento ou encontra-se mantida, na fala de informantes naturais de São José do Rio Preto, bem como detectar a existência de outras variantes em competição e o grau de estigmatização que cerca o /r/ caipira.

Para isso, constituiu um *corpus* com 60 entrevistas registradas junto a informantes estratificados: por sexo; local de nascimento; diferenciados por duas classes sociais, uma composta por informantes graduados e que trabalham em cargos de prestígio e outra de informantes que possuem apenas o primeiro grau e que exercem profissões mais simples e divididos por três faixas etárias (15 a 30, 31 a 45 e mais de 46 anos).

A pesquisa, de natureza quantitativa, é composta por duas partes: (i) *avaliação da norma objetiva*, em que foram levados em consideração fatores linguísticos (vogal antecedente e posição do fonema) e extralinguísticos (sexo, idade, classe econômica) que interferem na realização do /r/ retroflexo. Para tanto, Guiotti partiu de gravações de narrativas livres, leitura de texto e leitura de lista de palavras; (ii) *avaliação da norma subjetiva*⁶³, com base em um questionário composto por quatro profissões que apresentam teores de prestígio social distintos (locutor de rádio, secretário, recepcionista e faxineiro) foi medido o grau de estigmatização em torno das variantes do fonema /r/.

Os resultados obtidos na primeira parte da pesquisa revelaram que: o /r/ retroflexo ocorre significativamente na fala dos riopretenses. Dentre 2.149 ocorrências de róticos, um total de 1526 foram retroflexas, perfazendo a porcentagem de 71%, as demais se dividem em 10 % para o apagamento do /r/ e 19% para outras variedades. Os resultados demonstram, ainda, que a maior realização do /r/ caipira se deu nas gravações monitoradas; diante de vogais posteriores (abertas ou fechadas) e em posição de coda silábica. Guiotti (2002), em relação às variáveis extralinguísticas, afirma que foram as mulheres (54%) e a classe baixa (51%) que mais recorreram ao $\text{r}^{\text{caipira}}$; a variável idade, porém, não revelou diferenças significativas.

A segunda parte do trabalho revela dados contraditórios, pois apesar da atestada manutenção do $\text{r}^{\text{caipira}}$ que, segundo Guiotti (2002), se deve à forte economia desenvolvida no interior de São Paulo e ao consequente interesse dos jovens pelas músicas sertanejas e pelo estilo *country* a pesquisadora constatou um *grau médio de estigmatização* dirigido à variante retroflexa. Ou seja, existe uma

⁶³ Para essa parte da pesquisa a metodologia foi a seguinte: o informante deveria indicar, assinalando com um x, a ocupação mais provável que o locutor deveria exercer, com base apenas na pronúncia deste, lembrando que, segundo a autora, a profissão de *locutor de rádio*, seria a de maior prestígio, assim sucessivamente.

incompatibilidade entre a norma objetiva e a subjetiva entre os falantes de São José do Rio Preto.

Motivada pela convivência com alunos da Universidade Estadual de Campinas, os quais demonstram uma avaliação negativa mediante a pronúncia do /r/ retroflexo, realização típica da fala interiorana de São Paulo, abordando-a como *feia, carregada, puxada* e submetendo seus usuários a brincadeiras pejorativas, Leite (2004), também em sua dissertação de mestrado desenvolvida na Unicamp, empreende uma pesquisa qualitativa sob o título *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*.

Com a pesquisa, a autora objetivou identificar e analisar as atitudes linguísticas de estudantes universitários migrantes de São José do Rio Preto (SP), perante a realização do *“r”*. A hipótese que sustenta seu trabalho gira em torno da existência do estigma sobre essa pronúncia e, como consequência, a tentativa dos alunos de camuflá-la. Sendo assim, Leite (2004) procurou registrar se existe ou não a variação do fonema /r/, em posição de coda, na fala de alguns alunos mediada por atitudes negativas em relação a um de seus marcadores regionais, ou seja, o /r/ retroflexo.

Para tanto, foram entrevistados oito alunos⁶⁴, como objeto de estudo, a fala informal destes e como variável linguística o /r/ em posição de coda. Os informantes, quatro homens e quatro mulheres, foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: terem nascido em São José do Rio Preto e terem residido nesta cidade até sua vinda para Campinas; entre 19 e 25 anos e universitários da Unicamp. O *corpus* é constituído de entrevistas não-diretivas compostas por questões de opinião, tais como: *Já ocorreu de alguém imitá-lo quanto ao modo de falar? Em caso positivo, o que você sentiu? Em caso negativo, como seria a sua reação?; Entre esses tipos de fala – paulista e paulistano – qual você acha mais bonita, ou mais feia, ou esse julgamento não procede?; Ainda quanto a esses tipos de fala, você acha que um desses tipos detém mais prestígio do que o outro? Qual? Por quê?* As gravações, então, receberam tratamento acústico e foram transcritas manualmente, excluindo-se dos vocábulos analisados as ocorrências de /r/ em coda final.

⁶⁴ Tratava-se de quatro alunos universitários iniciantes e quatro concluintes. Para a parte subjetiva da pesquisa foram, ainda, utilizados depoimentos de mais quatro alunos naturais de Campinas, contudo, a autora afirma que os principais informantes são os oito de São José do Rio Preto.

Os resultados de Leite (2004) revelam uma co-variação englobando as variantes retroflexa (43%), vogal colorida (33%)⁶⁵, alveolar (14%), *tap* (5%) e palatal (4%). Esses números, quando analisados de acordo com o tempo de residência dos informantes, na cidade de Campinas, apontam diferenças. Entre os alunos ingressantes, por exemplo, a norma é o /r/ retroflexo (49%), seguido da vogal colorida (25%) e da alveolar (18%), já, entre os alunos concluintes esses números mudam, respectivamente, para 34%, 47% e 8%.

Na sua interpretação, a autora explica que os falantes, ao perceberem a diferença entre seu /r/ típico, ou seja, o caipira, e o /r/ campineiro⁶⁶, tentam reproduzir este último e avaliam positivamente as variantes alveolar e a vogal colorida em detrimento da retroflexa, posição que reflete o estigma que recobre esse rótico. Leite (2004, p. 89) ainda relata que:

a efetividade do estigma evidenciou o estereótipo relacionado à variante aproximante retroflexa. Dessa forma, para não pronunciar a variante estereotipada, os estudantes “optaram” por outras variantes: a aproximante alveolar e vogal colorida, uma vez que as avaliam como uma forma prestigiosa. Os estudantes também julgam que as variantes aproximante alveolar e vogal colorida representam uma pronúncia “intermediária”, característica do dialeto de Campinas. [...] Nos depoimentos dos informantes, podemos perceber a expectativa de que com o tempo, ou seja, com o passar dos anos em Campinas, a pronúncia que têm do /r/ retroflexo irá alterar, de tal forma que encontrarão uma pronúncia “intermediária”, tal qual a dos campineiros.

Na parte subjetiva da pesquisa, todos os informantes, ou seja, tanto os naturais de Campinas como os de São José do Rio Preto revelam atitudes negativas, às vezes inconfessadas, em relação ao /r/ retroflexo. Entre os oito riopretenses, cinco evidenciam sentimento de vergonha do ☹“❄” e não aceitam a

⁶⁵ Pautada em Ladefoged (1993), Leite (2004, p.66) afirma que a vogal “colorida refere-se à vogal rotacizada”. A autora complementa que “as vogais rotacizadas são também designadas vogais retroflexas, apesar de serem produzidas através de, pelo menos, dois movimentos articulatórios distintos: (i) o retroflexo, realizado com a ponta da língua levantada (curvada para cima) e apontada em direção ao palato duro e; (ii) o arqueado (*bunched*), realizado com a ponta da língua retraída e apontada para baixo, enquanto o dorso da língua é erguido em direção ao palato e arqueado”.

⁶⁶ Segundo a autora, supostamente o /r/ em coda silábica, na fala de Campinas, estaria em um estado mais avançado, se comparado a outras cidades do interior paulista, no que se refere ao enfraquecimento desse segmento, tendendo à vocalização ou ao apagamento. Esse enfraquecimento seria o responsável pela impressão, de oitiva, dos informantes que julgam pronunciar uma variante de /R/ avaliada como “intermediária” e indicada como característica do falar campineiro. Entretanto, os resultados alcançados mostram que há variação lingüística do rótico e que a variante mais freqüente é o /R/ caipira. Tal constatação contraria a alegada existência de um /R/ característico do falar campineiro.

rotulação de caipira, todos eles concordam que essa variante é característica de uma fala interiorana, mas, para se livrar do estigma afirmam que são naturais de “*um interior não tão interior*”, alegando que São José do Rio Preto é uma cidade *grande*, desenvolvida que não apresenta, por exemplo, o /r/ tão puxado, como o de Piracicaba. Já, os campineiros se auto-afirmam como detentores de uma fala intermediária, em outros termos, dotada de um /r/ menos marcado representativo das cidades interioranas.

Enfim, resumidamente, o estudo de Leite (2004, p.131-134) permite as seguintes conclusões: (i) os riopretenses sabem da existência do estigma que permeia o /r/ retroflexo e, por isso, tentam mudar essa pronúncia recorrendo ao falar *intermediário* de Campinas, fato comprovado pelos alunos concluintes, optantes mais assíduos de outras variantes; (ii) diante disso, é possível afirmar a existência da consciência linguística entre os informantes entrevistados; (iii) ademais, os resultados atestam a admiração dos informantes de São José do Rio Preto para com o município de Campinas, caracterizando-o como detentor de um poder econômico forte que o destaca perante as demais cidades do interior, tal fato é transferido para a linguagem e, conseqüentemente, para os sentimentos a ela dirigidos.

O artigo *Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos*, de Botassini (2009) também aborda atitudes específicas em relação ao /r/ caipira. A autora, baseada na metodologia da Sociolinguística Variacionista, analisou as crenças e atitudes de dez informantes selecionados perante as variantes do fonema /r/ em coda silábica.

Dentre os entrevistados, seis são naturais de Maringá –PR, dois do Rio de Janeiro e dois do Rio Grande do Sul, todos, entretanto, residentes na cidade de Maringá há mais de dez anos. De acordo com a autora, a escolha pelos informantes cariocas e gaúchos se deve à diferença dialetal que ambos apresentam, principalmente no que concerne ao /r/ em coda, quando comparada à fala maringaense. A pesquisa foi composta por cinco partes: narrativa, descritiva, questionário fonético-fonológico; leitura e perguntas específicas centradas nas atitudes e crenças dos falantes.

Esse *corpus* apresentou um total de 772 ocorrências de róticos em coda, dentre elas: o retroflexo (38,6%), o velar (14,9%), o apagamento (22%), a vibrante alveolar múltipla (12, 6%) e o tepe (11,9%). Levando em consideração que a maior parte dos informantes são naturais de Maringá e que o /r/ retroflexo é marca

dialetal característica dessa região, os resultados não surpreenderam. Embora a variante retroflexa ocorra com muito mais frequência que as demais variantes na fala desses informantes, quatro deles, “afirmaram não gostar do som dessa variante, preferindo outras formas”. Assim, percebe-se o preconceito linguístico com relação a essa variante, estigmatizada até mesmo pelo falante nativo, que a considera muito *caipira*, demonstrando, portanto, um caso de deslealdade linguística. (BOTASSINI, 2009, p.101).

Resultado contrário a autora registra entre os informantes cariocas e gaúchos (com exceção do inf.9), pois eles mantiveram sua *identidade e lealdade linguística* manifestando orgulho de sua origem e de sua fala mesmo morando há mais de uma década em Maringá.

Outro trabalho realizado também em 2009 com falantes de Londrina – PR, aponta para resultados diferentes daqueles obtidos por Botassini (2009). Trata-se da monografia de especialização de Pastorelli, defendida na Universidade Estadual de Londrina sob a orientação de Aguilera. Intitulada *Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa?*

Com o intuito de verificar as crenças e atitudes de falantes londrinenses e de outras naturalidades dirigidas, especialmente, ao /r/ retroflexo Pastorelli inquiriu 10 informantes. Os dados coletados pela autora, mediante questionários semidirigidos, diferentemente do esperado, remetem à noção de consciência linguística, mas não de preconceito. Em outros termos, foi comprovado que os falantes reconhecem o referido rótico como característica do falar norte-paranaense, contudo, não o estigmatizam, ao menos, explicitamente.

O crescente número de pesquisas que se debruçam sobre as atitudes linguísticas atesta a relevância desses estudos, os quais oferecem, sobretudo, complementação aos trabalhos de natureza dialetológica e sociolinguística. Tal união permite aos falantes e pesquisadores aprofundar os conhecimentos sobre sua língua/variedade, por isso, acoplamos, nesta dissertação, duas linhas teóricas (Dialetoлогия e Atitudes Linguísticas - ramo da Sociolinguística) objetivando não só demonstrar possíveis mudanças, mas também, analisá-las à luz das atitudes de seus falantes.

4 METODOLOGIA

[...] Las actitudes influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüístico que se producen en las comunidades de habla. Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza – aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.⁶⁷ MORENO FERNANDEZ (1998, p.179)

A presente pesquisa partiu de duas dimensões teóricas diferentes, mas não excludentes. A primeira delas, a da Dialetologia Pluridimensional e a outra, a de crenças e atitudes linguísticas, um ramo da Sociolinguística, e, de acordo com os princípios teórico-metodológicos de cada uma, foram selecionados os *corpora*, bem como o tratamento dado a cada um deles.

4.1 OS *CORPORA* DESTA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação tem como base quatro *corpora*: o primeiro é constituído por dados linguísticos de 07 cartas do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al., 1977) que apresentam o /r/ em coda silábica (contexto interno/externo) referentes a seis municípios do Triângulo Mineiro: Frutal, Campina Verde, Iturama, Ituiutaba, Prata e Uberlândia; o segundo e o quarto são formados por dados obtidos por meio da pesquisa *in loco* realizada para esta dissertação, em janeiro de 2011, nas cidades do Triângulo Mineiro já citadas e o terceiro inclui materiais sonoros transcritos e revisados pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil, em 2009, nos municípios de Campina Verde e Uberlândia.

⁶⁷ [...] As atitudes influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguística que ocorrem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino - aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem a contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou de uma mudança linguística. (Tradução nossa)

4.1.1 *Corpus* I: as Cartas do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais⁶⁸.

O primeiro *corpus* é composto por dados retirados de sete cartas do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al., 1977), fruto do trabalho de quatro professores e investigadores de campo: José Ribeiro, Mario Roberto Lobúglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio.

Do montante de cartas do EALMG, que ao todo somam 78, 07 passaram a integrar o primeiro *corpus* de análise desta dissertação, ou seja, as cartas que apresentam o /r/ em coda silábica, nos respectivos temas: carta 2 - *arco-íris*; carta 3 - *arco-da-velha*; carta 5 - *orvalho*, carta 8 - *mormaço*; carta 26 - *estrela dalva*; carta 29 - *salto mortal* e a carta 47, que traz a isófona do /r/, elaborada com base nos registros de *carta, porta, esquerdo* e *arco*.

Delimitadas as cartas, procedemos ao levantamento dos pontos nos quais o /r/ retroflexo, tema principal desta pesquisa, foi registrado. Verificamos sua ocorrência em 53 das 116 localidades de Minas Gerais, especialmente nas mesorregiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Alto São Francisco, Campos das Vertentes e Sul. Vale lembrar que a consulta às cartas apresentam uma fotografia da fala característica da região que se pretende estudar. De acordo com Castro (2006, p.18), “a apresentação dos dados em cartas permite uma visualização imediata e clara dos fenômenos. Acrescente-se que os atlas apresentam dados em transcrição fonética, forma objetiva de representar os sons da fala”.

4.1.2 *Corpus* II – Pesquisa Dialetológica Realizada, *in loco*, para a Dissertação.

Para a constituição do segundo *corpus*, pelo fato de o primeiro apresentar um número elevado de localidades (53), e considerando o tempo exíguo para a realização do mestrado, chegamos a um impasse: Como selecionar os municípios para compor a rede de pontos para o *corpus* de dados tanto dialetológicos como os de crenças e atitudes, uma vez que pretendíamos entrevistar quatro informantes por localidade? Tratamos, primeiramente, de escolher uma região fisiográfica, ou seja, a do Triângulo Mineiro. Os motivos que nos levaram a tal

⁶⁸ No capítulo III deste trabalho, no subitem 3.6, encontra-se uma descrição mais aprofundada da obra.

escolha foram dois: i) na carta 47, do EALMG, que apresenta a isófona da variante retroflexa, verificamos que essa região se encontra na zona de ocorrência contínua, isto é, em 1977, o [“] era regra categórica; ii) nessa área, como já mencionado, alguns pontos foram, também, investigados pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil - PR, fator que creditaria maior confiabilidade aos dados. Dessa forma, determinamos seis municípios para compor a rede de pontos desta pesquisa: Campina Verde, Frutal, Ituiutaba, Iturama, Prata e Uberlândia, dos quais o primeiro e o último coincidem com pontos de inquérito do ALiB e todos com os pontos do EALMG.

4.1.2.1 Perfil dos Informantes, Instrumento de Pesquisa e Variáveis Adotadas.

Em cada ponto foram entrevistados quatro informantes, selecionados de acordo com as variáveis extralinguísticas sexo, idade e escolaridade, seguindo os parâmetros do ALiB. A estratificação dos informantes obedeceu aos seguintes critérios:

- Naturalidade: objetivando registrar a fala característica dos municípios em questão, os informantes e seus pais deveriam ser nascidos na localidade investigada; caso tivessem morado em outra cidade, esse tempo não poderia ultrapassar um terço de suas vidas;
- Idade: com a finalidade de colher tanto marcas passadas que se mantêm na fala de informantes mais idosos, quanto as que se registram no presente, que, de certa forma, estão sendo introduzidas na fala atual, estabelecemos duas faixas etárias, também de acordo com os parâmetros do ALiB: I- 18-30 anos e II – 50-65. Em alguns casos, devido à dificuldade de encontrar informantes, exatamente, dentro desses parâmetros, entrevistamos pessoas que ultrapassaram a idade fixada. Os casos ocorridos, na primeira faixa etária, deram-se em Iturama com a jovem (33 anos) e, em Uberlândia, com o informante de 32 anos. Já, entre os idosos, as ocorrências foram entre os seguintes informantes: idosa de 67 anos de Campina Verde; idoso (69 anos) de Frutal; idoso (66 anos) de Ituiutaba; e, por fim, idoso (70) e idosa (68) de Prata. Dentre todos, o mais saliente, isto é, o que mais se distancia dos parâmetros trata-se do idoso pratense de 70 anos. A justificativa para entrevistá-lo reside em vários aspectos que contribuiriam para com a pesquisa, tais como o fato de ele ser natural de Prata e nunca ter morado em outra cidade, assim como seus pais. Além da prontidão em ser entrevistado, ele usou sua

popularidade no município para nos ajudar a encontrar outros informantes. Todos os outros informantes citados, também apresentaram aspectos que compensavam o fator idade. Contudo, seria, demasiadamente, extenso relatar cada caso;

- **Escolaridade:** optamos por entrevistar somente pessoas com, no máximo, o Ensino Fundamental completo, tomando por base as palavras de Silva (2010, p. 40) para quem, em geral, as pessoas com um grau de escolaridade maior tendem a utilizar uma fala mais próxima da norma culta; e as de Vôtre (2004, p.51), “[...] a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever [...]”, sendo assim, esse fenômeno tende a crescer quando o falante possui formação superior.

Para encontrar nossos informantes dispusemos de muito trabalho e, em vários, momentos, recebemos muitos não. Em contrapartida, contamos, na maior parte das vezes, com a hospitalidade mineira. Nossos próprios informantes indicavam outros, nos davam seus endereços ou, até mesmo, acompanhavam-nos até a casa de parentes, vizinhos e/ou amigos. Foi preciso, como em todo trabalho dessa natureza, um bocado de paciência, persistência e disposição. Os perfis dos informantes estão dispostos no quadro 2.

Quadro 2 - Perfil dos informantes da pesquisa de 2011.

Ponto 1 - Campina Verde		
Sexo	Idade	Escolaridade
1-Masculino	22	8 ^a série
2-Feminino	18	8 ^a série
3-Masculino	50	8 ^a série
4-Feminino	67	1 ^a série
Ponto 2 - Frutal		
5-Masculino	19	8 ^a série
6-Feminino	19	8 ^a série
7-Masculino	69	8 ^a série
8-Feminino	50	1 ^a série
Ponto 3- Ituiutaba		
9-Masculino	19	8 ^a série
10-Feminino	22	7 ^a série
11-Masculino	66	4 ^a série
12-Feminino	63	4 ^a série

Ponto 4 - Iturama		
13-Masculino	26	8ª série
14-Feminino	33	3ª série
15-Masculino	64	4ª série
16-Feminino	60	1ª série
Ponto - 5 Prata		
17-Masculino	31	7ª série
18-Feminino	23	8ª série
19-Masculino	70	1ª série
20-Feminino	68	1ª série
Ponto - 6 Uberlândia		
21-Masculino	32	8ª série
22-Feminino	27	8ª série
23-Masculino	51	4ª série
24-Feminino	63	1ª série

O instrumento de coleta de dados (anexo B) utilizado para essa parte da pesquisa é de caráter dialetológico, cujo propósito foi investigar a presença/ausência do /r/ retroflexo na linguagem oral dos falantes das seis localidades selecionadas. As perguntas que compõem o questionário foram retiradas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) dos Questionários do ALiB 2001 (Comitê Nacional, 2001), explicitadas na seção 4.1.3.1 deste capítulo. Acrescentamos apenas quatro questões de relatos semidirigidos com a finalidade de tornar a entrevista mais informal, distrair a atenção do informante do foco da pesquisa, ou seja, a realização do /r/, e obter dados mais naturais: 1) Você conhece/sabe alguma receita daqui da região? 2) O que você e a sua família costumam fazer nos finais de semana? 3) Você conhece outra cidade? Qual? 4) Você gosta de morar aqui? Por quê?

As entrevistas foram realizadas por mim, inquiridora principal, e um auxiliar. Sempre que possível, buscamos fazê-las na casa do informante ou em algum lugar silencioso, entretanto, em alguns momentos fazíamos no local de trabalho, no hotel em que estávamos hospedados e, em dois casos, na receptiva praça da típica cidadezinha mineira.

As gravações foram registradas por um mini gravador digital com as seguintes características: marca *Panasonic RR-US450*, dimensões de 35mm x 100,2mm x 24mm, alimentado por 2 pilhas AAA, tempo total de gravação 66 horas e

50 minutos (Modo SP), 38 horas e 30 minutos (Modo FQ) / 19 horas e 10 minutos (Modo HQ), com microfone embutido de alta sensibilidade e função ZOOM. O aparelho pode gravar até 99 arquivos que podem estar distribuídos em 5 pastas.

Em seguida, todo material foi transferido para o computador por meio do programa *Adobe Audition 1.5*, em formato MP3 e, depois, para a transcrição, todas as gravações foram ouvidas com o auxílio do programa *Winamp*, o qual oferece vários atalhos que imprimem maior celeridade ao trabalho.

Para a transcrição dos dados utilizamos a fonte *Sil Doulos IPA* (alfabeto fonético internacional), tamanho 14. Após esse passo, as entrevistas foram revisadas sempre com o foco direcionado para o /r/ em coda silábica.

Os dados foram levantados, codificados e submetidos ao programa *Goldvarb 2001*, o qual oferece resultados percentuais e os pesos relativos de cada variável linguística e extralinguística. Além das tabelas feitas com o auxílio desse programa, também elaboramos gráficos com a finalidade de dispor, de forma clara e prática, os resultados desta pesquisa.

As variáveis internas adotadas para toda a análise do material dialetológico, isto é, tanto dos dados do ALiB quanto os desta pesquisa foram: (i) posição do rótico na palavra; (ii) vogal precedente; (iii) tonicidade da sílaba; (iv) extensão do vocábulo e (v) classe morfológica (nome/substantivo), as variáveis externas compreendem posição geográfica, sexo e idade dos informantes.

4.1.2.2 Aproveitamento dos dados do *corpus* II.

Como um de nossos objetivos era realizar um estudo em tempo real do tipo tendência (*trend study*), ou seja, observar o comportamento de uma variável, com base em amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, em dois períodos distintos (Labov, 1996), comparamos os dados colhidos recentemente com os do *corpus* I, cartas do EALMG (1977).

É válido, entretanto, ressaltar que, apesar de esta pesquisa ter sido realizada em localidades coincidentes com as do atlas, os perfis dos informantes entrevistados se diferem, assim como os questionários utilizados. Nossos entrevistados, como já demonstramos, foram estratificados pelas variáveis idade e sexo e os do EALMG não. Além disso, a idade que os informantes do atlas já

apresentavam em 1977 (de 30 a 50 anos) somada à falta de dados que indiquem sua localização exata, impossibilitaram-nos de recontactar os mesmos sujeitos

A opção por seleccionar os informantes segundo a variável extralinguística idade, possibilitou-nos, ainda, analisar, em tempo aparente, o material colhido, em 2011, pois, verificamos as diferenças existentes entre a fala dos jovens e idosos, no que concerne ao /r/ retroflexo.

Quanto ao instrumento de pesquisa, lembramos que o nosso foi baseado no questionário fonético-fonológico do ALiB e adaptado para apurar, especificamente, a variante caipira. Já, o do EALMG pautou-se em uma metodologia própria que visava à retenção de vários aspectos fonéticos e lexicais por meio de um questionário de 415 perguntas (temas: tempo, moradia, utensílios, alimentação, divertimentos, animais e topografia).

Em face de tais discrepâncias, alertamos que os dados do *corpus I* (EALMG) servem apenas como ponto de partida para a aludida comparação com o *corpus II* (pesquisa de 2011).

Para a análise e discussão dos dados nos pautamos nos resultados apresentados pelo programa *Goldvarb 2001*, nas tabelas e gráficos elaborados e, em seguida, os tratamos à luz do referencial teórico adotado para esta pesquisa, como Amaral (1920), Silva Neto (1960), (Rossi, 1963), Head (1973, 1978 e 1987), Labov (1972, 1976, 1990), Ribeiro et al.(1977), Ferreira et al. (1987), Aguilera (1994, 2008), Brandão (1991, 1995, 1997, 2007), Monaretto (1997), Callou et al. (1997), Castro (2006), Cohen (2006), Oliveira et al. (2007), Altenhofen et al.(2011) Aguilera e Silva (2011), entre outros.

4.1.3 *Corpus III*: Dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) –PR.

O terceiro *corpus*, já mencionado, que serviu como fonte de análise, foram as entrevistas feitas pelo ALiB- PR, no ano de 2009, nas cidades de Campina Verde e Uberlândia. Na realidade, esse projeto seleccionou 22 municípios interioranos em Minas Gerais, além da capital, como pontos de inquérito; dentre esses, 20 coincidem com as localidades fixadas pelo EALMG e duas com as desta pesquisa.

4.1.3.1 Aproveitamento dos Dados do *Corpus* III

Das 22 localidades investigadas pelo ALiB, em Minas Gerais, utilizamos os dados de duas delas nesta dissertação: Campina Verde e Uberlândia. Trata-se dos registros sonoros de 08 informantes (dispostos no quadro 3), coletados em 2009 pela regional do Paraná, estratificados de acordo com as diretrizes já citadas.

Quadro 3 – Perfil dos informantes do ALiB (2009).

Campina Verde		
Sexo	Idade	Escolaridade
A-Masculino	19	8 ^a série
B-Feminino	25	8 ^a série
C-Masculino	65	4 ^a série
D-Feminino	66	4 ^a série
Uberlândia		
A-Masculino	23	8 ^a série
B-Feminino	27	7 ^a série
C-Masculino	49	3 ^a série
D-Feminino	57	3 ^a série

Desse material revisamos e analisamos as 32 questões do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) dos Questionários do ALiB 2001 (Comitê Nacional, 2001), com as respostas que apresentam o /r/ em coda silábica em diferentes contextos fônicos, como:

- (i) em coda interna: *torneira, gordura, fervendo, árvore, borboleta, tarde, catorze/quatorze, pernambucano, certo, perdão, perfume, dormindo, perdida, perguntar* e *esquerdo*;
- (ii) em coda final, distribuídas entre nove verbos no infinitivo: *varrer, botar, montar, trabalhar, rasgar, beijar, encontrar, perguntar, sair* e quatro substantivos: *colher, liquidificador, calor* e *mulher*;
- (iii) com /l/ em coda, passível de roticização: *pólvora* e *almoço*;
- (iv) com o encontro consonantal /pr/ passível de metátese: *prateleira, procissão* e *braguilha*.

Posteriormente, com a finalidade de incorporar nosso material de análise, comparamos os resultados obtidos por meio desses dados com os da pesquisa de 2011. Nos dados do ALiB, também, aplicamos a técnica de análise baseada no tempo aparente, ou seja, averiguamos se existe ou não alguma tendência discrepante entre as falas dos informantes da primeira e da segunda faixa etária. Depois, verificamos a existência ou não de ortogonalidade entre o *corpus* II e III e buscamos demonstrar os fatores operantes nos resultados.

4.1.4 *Corpus* IV - A Pesquisa sobre Crenças e Atitudes Linguísticas dos Informantes.

Para a constituição deste 4º *corpus*, entrevistamos os mesmos informantes do *corpus* II nos quais aplicamos o instrumento de pesquisa adaptado para apurar as suas crenças e atitudes sobre a linguagem local, em particular sobre a realização do [“].

Como base teórico-metodológica, adotamos os princípios da Psicologia Social desenvolvidos por Lambert & Lambert (1968). Esses estudiosos analisaram atitudes linguísticas por meio de um artifício denominado técnica dos *falsos pares*. Na realidade, eles apresentavam a ouvintes ingleses e franceses uma gravação, ora lida em francês, ora em inglês, advinda, entretanto, da mesma pessoa. Os indivíduos que ouviam as gravações, porém, pensavam que se tratava de falantes diferentes. Esses ouvintes, em seguida, preenchem uma ficha avaliativa apontando defeitos e qualidades ligados ao caráter, beleza, postura, entre outras características do dono da voz. Assim, Lambert & Lambert acreditavam verificar os julgamentos das pessoas diante de outras, baseados apenas na voz e, nesse particular, na língua que utilizam.

Neste trabalho, com as devidas adequações, utilizamos um método semelhante ao dos psicólogos sociais: pedimos a dois informantes homens, um natural do interior do Paraná e que traz como característica o /r/ retroflexo e outro da região da Zona da Mata de Minas Gerais que apresenta o /r/ glotal, que não participariam da parte dialetológica da pesquisa, para lerem um texto que oferece várias palavras com /r/ em coda interna. Optamos por trabalhar com essas duas variantes porque tanto os dados recentes coletados pelo ALiB-PR, quanto os do EALMG, demonstram que, na região Sul, incluindo o Triângulo Mineiro, o /r/

retroflexo, apesar de ser na maioria dos casos predominante, encontra-se em concorrência com outros róticos, sobretudo, com o glotal.

Para a leitura, utilizamos o mesmo texto apresentado durante a disciplina de Sociolinguística, no ano de 2009⁶⁹.

Foco na firmeza

O novíssimo creme politensor de soja contém um ativo com a proteína do grão que, segundo o fabricante, proporciona um efeito tensor imediato, mas, até aí, a promessa é idêntica à dos outros produtos do mercado. O grande fator diferencial seria o exclusivo dermo glicídio. Trata-se do açúcar vegetal que age nas fibras da pele para retardar a perda de flexibilidade. Assim, o produto garante aumentar em 25% a produção de colágeno, substância responsável pela firmeza dos tecidos. Além disso, o lançamento leva um composto que estimula a renovação celular. Está disponível em versões para diversas faixas etárias, na fórmula diurna e noturna e pode ser encontrado nas farmácias, mercearias e mercados.

Essas leituras foram gravadas, com o mesmo aparelho já mencionado e, no final da pesquisa, apresentadas aos informantes para que preenchessem uma ficha avaliativa⁷⁰, na qual apontavam sua opinião no que diz respeito à aparência, profissão, postura, caráter, inteligência, e outros, dos donos das vozes. Vale ressaltar que, de acordo com os dados de que dispúnhamos tanto do ALiB quanto do EALMG, o rótico utilizado por esses informantes do Triângulo Mineiro é o retroflexo, dessa forma, eles ouviriam uma gravação mais próxima da sua fala e outra mais distante.

4.1.4.1 Aproveitamento dos dados do *corpus* IV

Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente, apresentados por meio de gráficos e tabelas e ponderados de acordo com o referencial teórico adotado por estudiosos, como Bright (1974), Labov (1972; 1976;

⁶⁹ O texto foi selecionado pela doutoranda Jacqueline Ortelan Botassini e adotado pela classe nos trabalhos de conclusão da disciplina.

⁷⁰ Esta ficha, com adaptações, foi retirada do trabalho de Bergamaschi (2006) que trata, também, de atitudes linguísticas e se inspira no método de Lambert. Ver anexo C.

1990), Silva Corvalán (1989) López Morales (1993), Tarallo (1997), Moreno Fernández (1998), Calvet (2004), Mollica (2004), Alkmim (2007), entre outros.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE E DOS DADOS

No subtópico 5.1, apresentamos os resultados concernentes à análise do primeiro *corpus* selecionado para esta pesquisa, isto é, as cartas do EALMG (RIBEIRO et al., 1977) que trazem o /r/ em coda silábica. Demonstramos, assim, a frequência da variante retroflexa, com ênfase, nas cidades pesquisadas. Ademais, comparamos os dados levantados com outros estudos realizados sobre o mesmo tema (CASTRO, 2006; BRANDÃO, 2007) a fim de corroborar nossos resultados.

5.1 O /r/ RETROFLEXO NO *ESBOÇO DE UM ATLAS LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS* (RIBEIRO et al., 1977).

Das 78 cartas que integram o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG -* (RIBEIRO et al., 1977), seis apresentam vocábulos que trazem o /r/ retroflexo em contexto de coda silábica. São elas: carta 2- *arco-íris*, carta 3- *arco-da-velha*, carta 5- *orvalho*, carta 8- *mormaço*, carta 26- *estrela dalva* e carta 29- *salto mortal*⁷¹. Nos dois últimos casos, especificamente nos termos *dalva* e *salto* ocorre o fenômeno do rotacismo⁷². O EALMG traz, ainda, uma carta sintética (47) com a isófona da referida variante cuja elaboração envolve as palavras *arco*, *carta*, *porta* e *esquerdo*, observando que as três últimas não estão entre as cartas mistas. A análise desse material nos permitiu observar em quais das 116 localidades investigadas o “r” se fazia presente, na década de 70, bem como detectar o número de ocorrências do /r/ caipira registrado pelo atlas. Na tabela 3, é possível visualizar os resultados obtidos.

⁷¹ Ver anexos D, E, F, G, H e I.

⁷² Esse fenômeno consiste na troca da lateral alveolar /l/ por uma vibrante /r/ (*Dalva* > “r”, *mortal* > “r”)

Tabela 3 - Ocorrências do /r/ retroflexo, no EALMG, por carta e localidades.

Cartas	2. arco- íris	3. arco-da- velha	5. orvalho	8. mormaço	26. estrela dalva	29. salto mortal
Pontos linguísticos ⁷³	26, 27, 34, 43, 44, 71, 79, 80, 85, 86, 87, 88 89, 90, 5C, 7A	24, 26, 28, 33, 34, 40, 41, 42, 46, 51, 71, 73, 80, 85, 89, 5A, 5B	6A	26, 27, 28, 29, 30, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 50, 62, 72, 78, 79, 80, 85, 87, 90, 5A, 5B, 5C, 7 ^a	80	25, 28, 79
	16	17	1	25	1	3
Total	N.º de ocorrências: 63			N.º de pontos: 36		

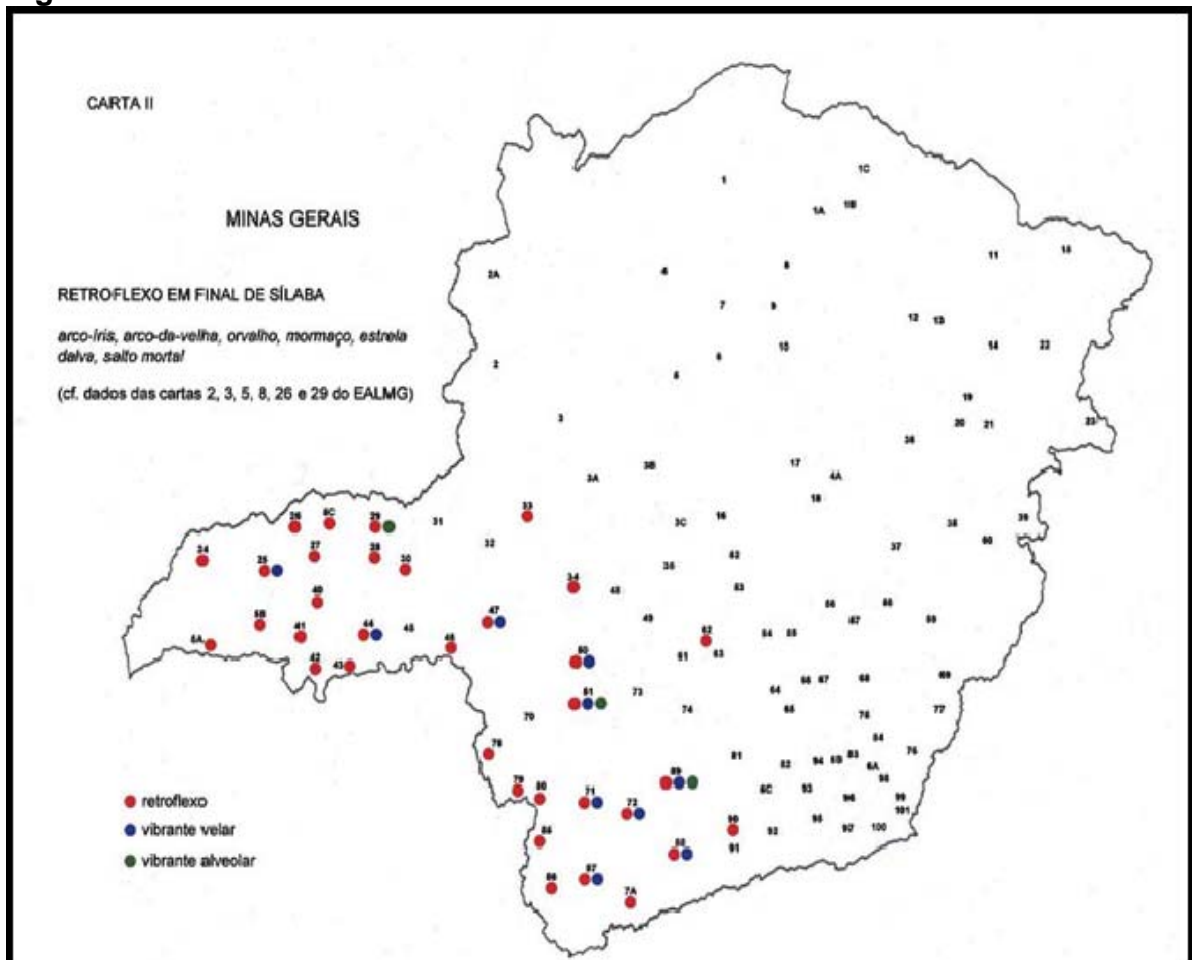
Verificamos por meio dos dados expostos na tabela 3 que *mormaço* é o vocábulo que mais favorece a realização do /r/ retroflexo, seguido de *arco*, *mortal* e, por último, em contexto passível de roticização, *dalva* > ㉟㉟㉟“❖❖❖. A abrangência da respectiva variante, nas seis cartas, recobre 36 pontos de inquérito do EALMG perfazendo 31% do total de localidades (116). Os pontos nos quais a variante retroflexa se manifesta nas cartas 2 e 3 constituem uma área limítrofe com o leste de São Paulo, e outra no extremo oeste, na região do Triângulo Mineiro, próxima ao norte de São Paulo. Próximas a essas duas áreas, encontram-se, no centro-oeste mineiro, as localidades 33 e 34 (CASTRO, 2006). Na carta 5, foi registrada somente uma ocorrência na região sudeste de Minas. Quanto à carta 8, observamos que o

⁷³ Os pontos linguísticos que representam os números do quadro são: 24. Santa Vitória; 25. Ituiutaba; 26. Centralina; 27. Monte Alegre; 28. Uberlândia; 29. Araguari; 30. Indianópolis; 33. Patos de Minas; 34. São Gotardo; 40. Prata; 41 Comendador Gomes; 42. Frutal; 43. Planura; 44. Veríssimo; 46. Sacramento; 47; 50. Bambuí; 51. Piui; 62. Pará de Minas; 71. Alfenas; 72. Varginha; 73 Formiga; 78. São Sebastião do Paraíso; 79 Guaxupé; 80. Muzambinho; 85- Poços de Calda; 86. Ouro Fino; 87. Pouso Alegre; 88. Caxambu; 89. Lavras; 90. Andrelândia; 5A. Iturama; 5B. Campina Verde; 5C. Tupaciguara; 6A. Silverânea e 7A. Itajubá.

rótico caipira se estende por toda a região contígua ao estado paulista e os pontos manifestos nas cartas 26 e 28 concentram-se ao leste de SP.

Castro (2006, p.111) elabora, com base nos seis mapas citados, uma carta (figura 4) que traz as localidades nas quais só ocorre o /r/ retroflexo e aquelas nas quais esse rótico alterna com a vibrante velar, com a vibrante alveolar, ou com ambas. Dentre seus resultados, a autora constata que à medida que nos distanciamos da fronteira paulista em direção ao interior mineiro, “a área de ocorrência do retroflexo se torna menos densa não só em termos da distribuição geográfica da variante, como em termos de sua alternância com outras realizações”.

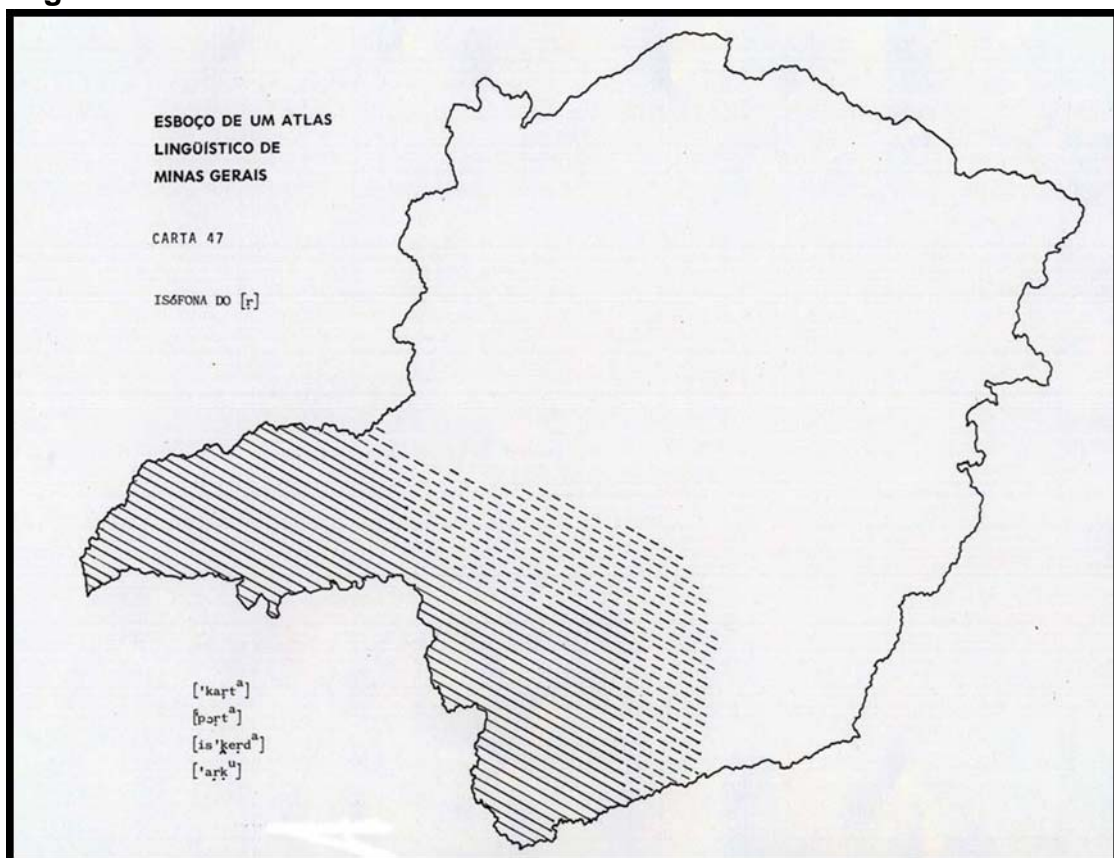
Figura 4 - Carta II Retroflexo em final de sílaba.




Fonte: CASTRO, Vandersí Sant' Ana. *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas Lingüísticos regionais brasileiros*. 2006. 225 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.


Os dados da carta de Castro (2006) podem ser contrastados e complementados pelo estudo da carta 47, responsável por apresentar a isófona da variante, por meio da qual verificamos que o número de localidades que apresentam o /r/ retroflexo sobe para 53, ampliando a porcentagem total para 45%, ou seja, quase metade dos municípios investigados. Apresentamos, na figura 5, a carta em questão.

Figura 5 - Carta 47 Isófona do /r/ retroflexo.



Fonte: RIBEIRO, José et.al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.


As hachuras contínuas representam a região na qual a variante caipira predomina e as intercaladas delimitam o espaço onde esta coocorre com outras variantes de /r/. Por meio da linha isoglóssica apresentada e das cartas anteriores, verificamos que o  se manifesta preponderantemente, como já

assinalamos, nas zonas do Triângulo Mineiro e do Sul⁷⁴ do estado demonstrando, assim, a existência do falar *paulista* proposto por Zágari (2005), bem como de sua característica principal, o 

Ao contrastar a carta II (CASTRO, 2006) e a carta 47 do EALMG (RIBEIRO et al., 1977), delimitamos os pontos específicos nos quais o /r/ retroflexo prevalece e também aqueles que estão dentro da área de transição.

Dentro da zona de predominância da variante caipira temos as cidades, na região do Triângulo: Araguari, Campina Verde, Centralina, Comendador Gomes, Frutal, Ituiutaba, Iturama, Monte Alegre, Prata, Sacramento, Santa Vitória, Uberaba, Uberlândia e Veríssimo. Já na região Sul, verificamos os municípios de: Alfenas, Caxambu, Formiga, Guaxupé, Itajubá, Lavras, Muzambinho, Ouro Fino, Passos, Poços de Caldas, Pouso Alegre, São Sebastião do Paraíso e Varginha. Na zona de alternância, estão localizados municípios como os de: Barbacena, Dolores do Indaiá, Patos de Minas, São Gotardo, Bambuí, São João Del Rey, entre outros.

Observamos, assim como Castro (2006), algumas divergências entre a carta 47 e as demais, a saber: alguns pontos que não apresentam o /r/ retroflexo nos seis primeiros mapas constam, entretanto, da carta 47, dentro da área de coocorrência (31, 32, 48, 49, 61, 63, 73, 74 e 81) e até mesmo na região de predomínio do rótico retroflexo (pontos 45 e 70). Comungamos da opinião da autora de que tais fatos podem ser creditados às lacunas deixadas em alguns pontos e também a uma possível complementação de dados feita por meio da análise dos vocábulos *carta*, *porta* e *esquerdo* que fundamentam a carta de isófona, mas que não apresentam cartas exclusivas no atlas. Outra observação se refere às localidades 25, 29, 44, 71, 72 e 87, pois, na carta 47, encontramos esses pontos na área de uso exclusivo da variante retroflexa, contudo nas demais cartas essa variante se alterna com outras. Segundo Castro (2006, p. 115) “isso faz pensar que a instabilidade do retroflexo talvez alcance mais do que a área de transição retratada na carta 47”.

Salvo as discrepâncias, as 07 cartas analisadas para esta dissertação mantêm um aspecto em comum, isto é, apontam para a concentração do  na

⁷⁴ Como exposto, no capítulo 3, o /r/ retroflexo abrange, ainda, parte do Alto Paranaíba, do Alto São Francisco e Campos das Vertentes. Para melhor visualização das zonas de Minas apresentadas no EALMG, ver anexo J.

região limítrofe ao estado de São Paulo e perde força conforme adentra o centro e o norte mineiro.

Ratificando nossa análise, Brandão (2007, p. 269), ao trabalhar, também, com os dados do EALMG, afirma a existência de 63 ocorrências do $\text{r}^{\text{caipira}}$ antecedendo os fonemas /k/, /t/, /d/, /v/ e /m/ e relata que a extensão desse rótico compreende o sul de Minas, sobretudo, a zona fronteira com o estado de São Paulo e parte do Rio de Janeiro, recobrando, integralmente, as zonas do Triângulo e do Sul e determinadas áreas do Alto do Parnaíba, Alto do São Francisco, da Mata e Campo das Vertentes.

Em meio ao universo de localidades que apresentam predominantemente o rótico em questão, selecionamos, por motivos já apontados no capítulo 4, a mesorregião do Triângulo Mineiro e, dentro desta, as cidades de Campina Verde, Frutal, Ituiutaba, Iturama, Uberlândia e Prata.

Apesar da presença de outros fenômenos, como o lambdacismo e a ausência de resposta, o estudo individual de cada um desses pontos mediante os seis mapas linguísticos e, sobretudo a carta 47, ratificam o predomínio do $\text{r}^{\text{caipira}}$ na zona do Triângulo Mineiro. Vejamos:

- em Campina Verde (5B) e Frutal (42), a variante caipira está documentada nas cartas 3 (*arco-da-velha*) e 8 (*mormaço*). Na carta 2 (*arco-íris*) a resposta para a questão não foi obtida; na 26 (*estrela dalva*) e 29 (*salto mortal*) nos referidos pontos não consta o registro das lexias;
- o /r/ retroflexo, em Ituiutaba (15), encontra-se presente na carta 29, na qual, além de ocorrer no vocábulo *mortal*, incide no termo *salto* > $\text{r}^{\text{caipira}}$; nas cartas 2 e 8 não foi obtida a resposta; na palavra *arco*, da carta 3, verificamos o processo de lambdacismo, ou seja, a troca de /r/ para // resultando em $\text{r}^{\text{caipira}}$ e, na carta 26, a lateral alveolar // permanece mantida;
- observamos a presença do /r/ caipira, no município de Iturama (5A), por meio das cartas 3 e 8. Já nas de número 26 e 29 não existe o registro desse ponto linguístico e, na carta 2, a resposta não foi obtida;
- na cidade de Prata (40), a variante retroflexa encontra-se manifesta somente na carta 3. Nas cartas 2 e 8, houve abstenção da resposta, na 26, o // foi mantido e, na 29, tal ponto não apresenta registro;

- no que diz respeito à cidade de Uberlândia (28), encontramos o rótico, em questão, manifesto nas cartas 3, 8, 29 e 47. Ocorre, ainda, o lambdacismo no léxico *arco* da carta 2 e, na 26, a lateral alveolar em *dalva* se mantém.

5.2 O /r/ RETROFLEXO NO TRIÂNGULO MINEIRO: A PESQUISA *IN LOCO* REALIZADA EM 2011.

5.2.1 Uma Particularidade: o Tratamento do Zero Fonético.

Três décadas após a publicação do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977), voltamos às seis localidades já mencionadas, situadas na região do Triângulo Mineiro, a fim de verificar a atual situação do /r/ caipira nessa área. Pautados na fala de 24 informantes, colhida mediante aplicação do questionário, explicitado no capítulo IV, desta dissertação, obtivemos o total de 710 ocorrências distribuídas entre três variantes: retroflexa, glotal e zero fonético. A tabela 4 apresenta tal distribuição.

Tabela 4 - Ocorrências das variantes, segundo a pesquisa de 2011.

Variantes	Ocorrências n°	Ocorrências %
Retroflexa	512	73
Apagamento	154	21
Glotal	44	6
Total	710	100%

De acordo com a Tabela 4, o rótico mais utilizado foi o retroflexo, seguido da elisão do /r/ e, por último, o glotal, o menos produtivo. O estudo em tempo real atesta que, mesmo depois de 33 anos, o rótico continua predominando entre os falantes do Triângulo Mineiro, assim como foi descrito no EALMG.

Para nossa análise, optamos por isolar os casos de apagamento devido a dois motivos: (i) os contextos para sua realização, demonstrados neste subtópico, já eram previstos, ou seja, não se apresentam relevantes para a análise do nosso objeto de estudo; (ii) para realizar a rodada binária, como o próprio nome

sugere, seria necessário trabalhar apenas com duas variantes; escolhemos, pois, os róticos retroflexo e glotal, descartando o apagamento.

O zero fonético ocorreu, principalmente, nos seguintes casos: (i) na sílaba final dos verbos no infinitivo (96%); portanto, quando o fonema recaía em posição externa (96%); (ii) precedido da vogal central /a/ (40%); (iii) nos vocábulos dissílabos (35%) e; (iv) em sílabas tônicas (86%). Situados nesses contextos, os itens lexicais nos quais o apagamento predominou foram: *botar* (89%), *varrer* (88%), *rasgar* (83%), *montar* (80%) e *trabalhar* (70%). Nos vocábulos *encontrar*, *beijar*, *perguntar* e *sair* essa variante concorre com o /r/ retroflexo, apresentando respectivamente os seguintes percentuais de uso: 43%, 41% e 37% para os dois últimos.

Sobre a queda do rótico em posição de coda, Oliveira (apud HORA, 2009, p.39) afirma que “o apagamento é muito mais freqüente e saliente em posição de final de palavra do que no interior dela e sua ausência em final de palavra é mais comum em verbos do que em não-verbos”. Uma década antes, Callou et al. (1997, p.471-473), ao analisarem ocorrências do /r/ em posição posvocálica, no interior e no final de vocábulo, em cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife), observaram “comportamento nitidamente distinto nas duas posições. Em sílaba interna, o fenômeno quase não ocorre (3% em média), no contexto final, o percentual de perda aumenta significativamente”. As autoras complementam, ainda, que a queda se dá “quase sempre como marcador de infinitivo e, em alguns verbos, no futuro do subjuntivo”.

Brescancini e Monaretto (2008), por sua vez, ao analisarem dados da região Sul do Brasil, verificaram uma taxa alta de apagamento apresentada pela classe dos verbos condicionada pelos fatores: posição final de palavra, verbos no infinitivo e faixa etária mais jovem. Hora (2009, p.40), ao considerar as posições em que ocorrem os róticos, constata que, “nos verbos, o apagamento no final, é bastante produtivo, o que não acontece nos nomes, principalmente na região sul do Brasil”.

Apenas em alguns vocábulos obtivemos o apagamento fora dos padrões expostos. São os casos dos seguintes substantivos, elencados por ordem de ocorrência: *colher* (27%), *mulher* (20%), *liquidificador* (18%), *borboleta* e *catorze* (12%), contudo, os maiores índices apontam para os termos nos quais o rótico recai em coda externa, confirmando, assim, estudos anteriores. Nas demais palavras,

esse fenômeno não se fez presente, o que permite afirmar que, nos verbos no infinitivo, portanto com o rótico em posição externa, a norma é a elisão do /r/.

Os números apontam que o zero fonético se estende de forma equilibrada entre os homens (47%) e as mulheres (53%), bem como entre os jovens e os idosos, pois os percentuais se repetem. Sendo assim, não podemos inferir que as variáveis extralinguísticas foram atuantes nestes resultados.

5.2.2 Algumas Considerações sobre o Tratamento do Restante dos Dados.

Após separar e tratar dos casos de zero fonético, submetemos o restante dos dados, novamente, ao programa *Varbrul*, versão *Goldvarb* 2001, a fim de obter os pesos relativos (PRs)⁷⁵ que demonstram se as variáveis independentes adotadas são estatisticamente relevantes para a aplicação da regra, isto é, para a realização das variantes em estudo. Depois de levantar os PRs, o programa executou a rodada binária (*binomial*), feita por meio do cruzamento de todos os fatores, excluindo aqueles que não se mostraram favoráveis. Como resultado desse processo, o programa apresentou a rodada mais e a menos significativa.

Os únicos fatores apontados pelo *Goldvarb* como relevantes para a ocorrência do /r/ caipira em detrimento do /r/ glotal foram: a extensão do vocábulo, item lexical e o sexo dos informantes. As demais variáveis foram descartadas pelo sistema, tanto as linguísticas: posição do rótico, classe morfológica, vogal precedente e tonicidade da sílaba como a extralinguística idade.

Vale lembrar, ainda, que abordamos, primeiramente, a totalidade dos dados, isto é, sem fracioná-los por ponto de inquérito. Dessa forma, apresentamos, no subtópico 5.2.3, as influências das variáveis atuantes na realização do [r̥] no que diz respeito à somatória de todas as ocorrências registradas na pesquisa feita em 2011. A partir do item 5.2.4 até o 5.2.4.4 descrevemos e analisamos a manifestação do /r/ retroflexo em cada localidade da nossa rede de pontos.

⁷⁵ De acordo com as diretrizes do *Goldvarb* 2001, se o peso relativo for superior a 0,50, considera-se como favorável à aplicação da regra; se for inferior a 0,50, é pouco favorável; e se for exatamente 0,50, ou próximo dele, é neutro.

5.2.3 Análise e Descrição da Totalidade dos Dados Colhidos em 2011: a Distribuição do [“r”] Mediante as Variáveis item Lexical, Extensão do Vocábulo e Sexo dos Informantes.

Os dados levantados, nas seis localidades, excetuando-se a queda de /r/, somam um total de 556 róticos, distribuídos entre 512 ocorrências da variante retroflexa (93%) e 44 da glotal (07%). Nosso estudo em tempo real confirma, dessa forma, a estabilidade do /r/ retroflexo no Triângulo Mineiro. Entretanto, conforme demonstramos ao analisar as cartas do EALMG, em 1977, não havia nessa região ocorrências da variante glotal, fato presente, hoje, em todas as cidades, seja em maior ou menor grau. Podemos, assim, inferir a possibilidade de uma implementação desse rótico na área investigada.

Em virtude da alta produtividade da variante caipira, torna-se difícil estabelecer as variáveis que a regem, haja vista que sua presença deve-se mais ao fator horizontal, isto é, diatópico, do que aos fatores verticais. No entanto, pelos cruzamentos de dados, como já apontamos, duas variáveis linguísticas e uma extralinguística, ou seja, item lexical, extensão do vocábulo e sexo privilegiam a ocorrência da referida variante.

A variável linguística *item lexical* apresentou vários *knockouts*⁷⁶, isto é, termos que apresentaram em 100% dos casos o /r/ retroflexo, o que levou à exclusão de tais itens da rodagem binária. Os vocábulos em questão, expostos por número de ocorrências, foram: *varrer* (03), *botar* (03), *rasgar* (03), *montar* (05), *trabalhar* (07), *procissão* (07), *encontrar* (11), *beijar* (13), *liquidificador* (19), *perdida* (20), *borboleta* (21), *tarde* (24) e *gordura* (24).

Suprimidos os *knockouts*, elaboramos a tabela 5 que apresenta, em porcentagem e peso relativo, a dinamicidade da variável *item lexical* na realização do /r/ retroflexo.

⁷⁶ Situação na qual um fator, dentro de um grupo, não apresenta comportamento variável em relação às variantes em estudo, apresentando 0% ou 100% de aplicação.

Tabela 5 - Ocorrências dos róticos, excetuando-se os *knockouts*.

Item lexical	Ocorrência de ʁ/ʁ̃ %/ Peso relativo (PR)
Árvore/perdão/calor	96%/PR= .695
Mulher/dormindo	95%/PR= .675
Colher	94%/PR= .613
Torneira/garfo/esquerdo	92%/PR= .510
Catorze/braguilha/fervendo/pernambucano	90%/PR= .497
Perguntar/pólvora	88%/PR= .432
Sair/perfume	86%/ PR= .373
Certo	80%/ PR= .273
Prateleira	34%/PR= .0047

Além dos casos mais numerosos de *knockouts*, isto é, das palavras *liquidificador*, *perdida*, *borboleta*, *tarde* e *gordura*, os pesos relativos gerados pela rotação *binomial* evidenciam que, diante das duas variáveis dependentes, os termos *árvore*, *perdão*, *calor*, *mulher*, *dormindo* e *colher* são os mais suscetíveis para a realização do /r/ retroflexo. Em contrapartida as menos propícias são *prateleira/partilera*, *certo*, *sair*, *perfume*, *perguntar* e *pólvora*.

Os PRs indicam, também, que os vocábulos trissílabos e dissílabos propiciam um ambiente linguístico mais favorável para a ocorrência do ʁ/ʁ̃ quando comparados às palavras polissílabas, como demonstramos na tabela 6.

Tabela 6 - Ocorrência do ʁ/ʁ̃ quanto à variável extensão da palavra.

Extensão	Ocorrências %	Ocorrências em Peso Relativo
Trissílaba	94%	.550
Dissílaba	93%	.540
Polissílaba	83%	.142

Por fim, de acordo com os processamentos do *Goldvarb 2001*, os fatores de ordem linguística, responsáveis pela variação existente entre as duas variantes dependentes foram apenas *item lexical* e *extensão da palavra*. Nos

demais, o alto índice de ocorrência do [r̥] não deixa espaço para sua concorrente.

Os condicionantes extralinguísticos (sexo e faixa etária) dispostos na tabela 7 e seus PRs indicam suas respectivas influências quanto ao uso dos róticos estudados.

Tabela 7 - Ocorrências do /r/ retroflexo nas variáveis extralinguísticas.

Variáveis: diassexual e diagenérica	Ocorrências em %	Ocorrências Peso Relativo
Homem	96	.641
Jovem	94	.559
Idoso	90	.437
Mulher	88	.354

No que se refere à variável extralinguística, o /r/ retroflexo é mais produtivo na fala dos homens (96%) frente à das mulheres (88%), indicando que os responsáveis pela incursão do /r/ glotal são as informantes femininas. Tal fato pode estar ligado ao desprestígio que é dirigido à variante caipira, atestado mediante estudos que versam sobre atitudes linguísticas, já discutidos no capítulo III. Segundo López Morales (1993) e Moreno Fernández (1998), as mulheres apresentam um grau de consciência linguística mais apurado, isto é, elas se preocupam e sabem mais quais são as variedades tidas como *melhores* na sociedade e, diante disso, tendem a adequar sua fala aos parâmetros sociais. Além disso, como lembra Silva Corvalán (1989), o próprio papel que a mulher exerce na estrutura social, dentre eles, o de cuidar e zelar pela educação dos filhos, implica um maior cuidado com a fala.

Apesar de o programa ter descartado a influência diageracional, podemos afirmar que, embora numericamente as diferenças se mostrem menos expressivas, os jovens (94%) são mais sensíveis à utilização do [r̥] quando comparados com os informantes da segunda faixa etária (90%). Guiotti (2002), com base em dados da fala de São José do Rio Preto –SP apura, também, que o [r̥] é executado fortemente entre os informantes jovens.

Isto posto, a análise da variável idade nos permite afirmar, ainda, que, ao contrário do que previam Amaral (1920) e Head (1973), o /r/ retroflexo, uma das

marcas mais autênticas do dialeto caipira, não está em vias de desaparecimento. Podemos afirmar, com o mesmo valor de verdade, que o estudo em tempo aparente demonstra que tal variante tende a ser mantida na fala do Triângulo Mineiro, pois se encontra presente na fala de todos os informantes, independentemente da idade, com incidência maior entre os jovens que são, por excelência, os propulsores de mudanças linguísticas.

5.2.4 Análise e Descrição dos Dados por Localidade: Considerações.

Após descrever e analisar a totalidade dos dados colhidos, em 2011, apresentamos a dinamicidade do /r/ retroflexo em cada localidade investigada. Nessa parte, devido ao fato de trabalhar com dados fracionados, não utilizamos a referência de peso relativo do *Goldvarb 2001*, pois, não seria possível, com o número reduzido de registros, gerar a rotação binomial. Assim, pautamo-nos apenas nos números percentuais gerados pelo programa.

Mantivemos, também, a exclusão do zero fonético da análise, priorizando nosso objeto de estudo, ou seja, a variante caipira diante de sua possível concorrente, a variante glotal. É importante lembrar, ainda, que deixamos a descrição e análise do material obtido nos municípios de Campina Verde e Uberlândia por último, pois, além de apresentá-los, relacionamos nossos resultados com os do ALiB .

A distribuição do [ʀ] pelos seis pontos linguísticos apresenta os seguintes percentuais de uso: 80% em Prata; 88% em Ituiutaba; 94% em Campina Verde e em Frutal ; 95% em Uberlândia e 99% em Iturama;

Constatamos, pois, que o /r/ caipira é praticamente categórico, exceto na fala dos informantes dos dois últimos municípios, fato que explicitamos com mais detalhes ao tratar separadamente de cada localidade.

5.2.4.1 O /r/ retroflexo em Frutal –MG.

No município de Frutal, obtivemos o total de 83 róticos, dentre eles 79 retroflexo (94%) e 04 glotal (06%). As únicas palavras sobre as quais incidiram as ocorrências da variante glotal foram *braguilha* (33%), *prateleira* (50%) (em suas formas metatéticas), *catorze* (33%) e *certo* (25%).

A variante em questão foi registrada, em *barguilha* e *certo*, pela informante jovem; em *partilera*, pela idosa, e em *certo*, pelo idoso. Embora os números sejam pouco expressivos, podemos inferir que a variável sexo (feminino) foi atuante na realização do r^{glotal} .

O caráter sobressalente da variante caipira se apresenta de tal forma que não é possível registrar a influência das variáveis linguísticas adotadas para a análise. Podemos apenas conjecturar que as palavras passíveis de metátese se mostraram suscetíveis para a realização do r^{glotal} frente ao $\text{r}^{\text{retroflexo}}$. Essa suposição, no entanto, necessitaria de um *corpus* mais abrangente que pudesse, de fato, comprová-la.

5.2.4.2. O $\text{r}^{\text{retroflexo}}$ em Iturama – MG.

Em Iturama, o $\text{r}^{\text{retroflexo}}$ é praticamente unânime, uma vez que seu percentual de uso atinge 99%. Dos 90 róticos registrados na fala ituramense, 89 são retroflexos e apenas 01 foi manifesto sob a forma glotal, no termo *prateleira* > $\text{p}^{\text{glotal}}\text{r}^{\text{glotal}}\text{e}^{\text{glotal}}\text{l}^{\text{glotal}}\text{e}^{\text{glotal}}\text{i}^{\text{glotal}}\text{r}^{\text{glotal}}$ pela informante jovem. Acreditamos que essa ocorrência isolada não pode ser tomada como parâmetro para verificar as influências das variáveis, visto que dentre os 29 róticos utilizados pela entrevistada somente 01 não foi retroflexo. Todavia, é interessante ressaltar que, novamente, o r^{glotal} esteve presente na forma metatética e na fala da informante mulher, harmonizando-se com os resultados alcançados em Frutal.

Perante os números apresentados, podemos afirmar que, na fala de Iturama, o $\text{r}^{\text{retroflexo}}$ é categórico e não está condicionado a variáveis de ordem linguística ou extralinguística.

5.2.4.3. O $\text{r}^{\text{retroflexo}}$ em Ituiutaba – MG.

Por meio do material colhido, na cidade de Ituiutaba, constatamos a ocorrência de 96 róticos, destes 84 são $\text{r}^{\text{retroflexo}}$ e 12 são r^{glotal} , representando 88% e 12% respectivamente.

No vocábulo *pratadeira/partadeira*, salvo a informante jovem, todos realizaram a metátese e, na oportunidade, utilizaram a variante glotal. Nos termos *pólvora/porva*; *certo, mulher*; *braguilha/barguia*, *perfume*, *dormindo*, *sair*, *perguntar* e

torneira o /r/ glotal recorreu em 25%, sempre na fala da informante idosa. Dentre os róticos utilizados por essa entrevistada, 60% correspondem ao [r̥] e 40% ao [r̥̥]. Assim, é possível afirmar que os resultados dessa localidade, responsáveis por refletir uma diminuição da variante caipira, estão condicionados pelas dimensões diassexual e diageracional representadas pela mulher da segunda faixa etária.

Diante do exposto, os condicionantes linguísticos parecem não exercer um papel significativo nos saldos obtidos. Convém, no entanto, destacar que, mais uma vez, o /r/ glotal reincidiu nas palavras passíveis de metátese e, novamente, na fala feminina.

5.2.4.4. O /r/ retroflexo em Prata – MG.

Entre os pratenses, apuramos o menor índice de uso da variante caipira, isto é, 80% (72/90) e, conseqüentemente, o maior uso da variante glotal 20% (18/90). Ao buscar os motivos para tais resultados, constatamos que o [r̥̥] nas palavras *prateleira/partileira*, *pernambucano*, *colher* e *certo*, ocorreu duas vezes e em *fervendo*, *árvore*, *calor*, *tarde*, *catorze*, *perdão*, *perfume*, *perguntar* (coda interna) e *esquerdo*, apenas uma vez. Nos demais, tal rótico não foi utilizado. Dessa forma, não se apurou uma sistematicidade que evidencie o favorecimento das variáveis linguísticas nos resultados, pois, o /r/ glotal precede ora a vogal /a/, como em *árvore* e *tarde*, ora a vogal /e/, como em *perdão*, *perfume* e, igualmente, a vogal /o/, como em *calor*. A variante transita, do mesmo modo, entre vocábulos dissílabos e trissílabos.

No que se refere aos fatores verticais, os resultados apontam para influências do sexo e idade dos investigados, haja vista que foi a informante jovem a maior responsável pela inserção da variante glotal, pois, dentre o total de 18 recorrências desse rótico, 14 se devem a essa entrevistada, 03 ao informante idoso e 01 à idosa.

A partir do item 5.3 até o 5.3.6 ultimamos a análise descritiva com os dados colhidos pelo ALiB, em 2009, e por nós, em 2011, nas cidades de Campina Verde e Uberlândia. Abordamos o /r/ retroflexo e as variáveis que o norteiam da mesma forma que fizemos com os materiais anteriores.

5.3 CAMPINA VERDE E UBERLÂNDIA: A COMPARAÇÃO DOS DADOS DO ALiB (2009) COM OS DA PRESENTE PESQUISA - UM ESTUDO CORROBORATIVO.

Dos vinte e três pontos de inquérito fixados pelo ALiB⁷⁷, em Minas Gerais, dois coincidem com os da presente pesquisa: Campina Verde e Uberlândia. Servimo-nos, dessa forma, do material sonoro colhido nessas duas cidades pela equipe do Paraná, no ano de 2009, para compará-los com os dados colhidos por nós, a fim de incorporá-los e ratificá-los. Trata-se, na realidade, das entrevistas realizadas junto a oito informantes (quatro por localidade), naturais desses municípios e estratificados por sexo, faixa etária (I: 18 a 30 anos e Faixa II: 50 a 65 anos) e com o nível Fundamental de escolaridade.

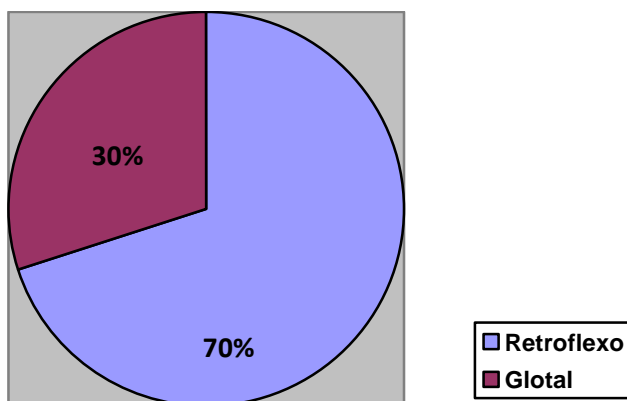
O recorte selecionado para análise é composto pelas mesmas 32 questões que constituem o questionário desta pesquisa, ou seja, trata-se das perguntas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) dos Questionários do ALiB 2001 (COMITÊ NACIONAL, 2001) que apresentam como respostas possíveis termos com o /r/ em coda silábica, apresentadas no capítulo IV. As variáveis linguísticas e extralinguísticas que norteiam o estudo dos dados também coincidem.

5.3.1 Campina Verde: o /r/ Retroflexo em Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

A partir dos dados das entrevistas de Campina Verde-MG, registramos a ocorrência de 97 róticos distribuídos entre as variantes retroflexa (67/97) e glotal (30/97), sendo a primeira a mais recorrente, como disposto no gráfico 1.

⁷⁷ Os referidos pontos são: Januária (127), Janaúba (128), Pedra Azul (129), Unaí (130), Montes Claros (131), Pirapora (132), Teófilo Otoni (133), Diamantina (134), Uberlândia (135), Patos de Minas (136), Campina Verde (137), Belo Horizonte (138), Ipatinga (139), Passos (140), Formiga (141), Ouro Preto (142), Viçosa (143), Lavras (144), São João Del Rei (145), Muriaé (146), Poços de Caldas (147), Juiz de Fora (148) e Itajubá (149)

Gráfico 1 - Realização da retroflexa e da glotal nos dados coletados em Campina Verde– MG pelo ALiB.



Embora o universo de dados, isto é, de informantes e de palavras, seja reduzido, verificamos que nos vocábulos *fervendo*, *liquidificador*, *calor* e *mulher* ocorre exclusivamente o /r/ retroflexo; em seguida estão *colher*, *tarde*, *catorze*, *perguntar*, *esquerdo*, *beijar* e *sair*, atingindo 75%. As palavras que menos favorecem o [ʀ] são *gordura*, *árvore*, *perfume* e *dormindo*. Nas demais o retroflexo e o glotal coocorrem.

Obtivemos uma ocorrência de roticização, no termo *pólvora*, sob a forma retroflexa 🗨️🗨️🗨️🗨️🗨️🗨️🗨️ na fala do informante masculino idoso. Sobre as respostas com encontro consonantal passíveis de metátese (*braguilha*, *prateleira* e *procissão*), o [ʀ] foi o mais utilizado (42%), seguido da manutenção do encontro consonantal (33%) e do /r/ glotal (25%).

Quanto à classe morfológica, foram os substantivos (69%), em coda silábica interna (55%) que se mostraram mais propensos para realização da variante caipira. Vale alertar, aqui, que nos verbos o /r/ em coda tende a ser elidido, como foi demonstrado no subtópico 5.2.1. Tratando, ainda, das variáveis linguísticas, observamos que os fatores que favorecem o [ʀ] são: vogal anterior /e/ (36%), vocábulos dissílabos (43%) e sílaba tônica (55%); em contrapartida, a sílaba átona, a vogal posterior fechada /o/ e as palavras polissílabas são as que condicionam o menor uso do rótico, haja vista que os percentuais são respectivamente 45%, 27%, e 13%.

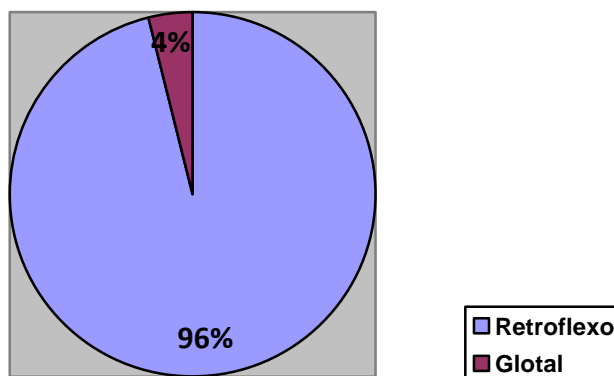
Submetidos às variáveis extralinguísticas, os resultados apontam interferências diasssexuais e diageracionais no uso do [ʀ]. Entre os homens existe uma recorrência significativa do uso do /r/ retroflexo (84%) frente ao /r/ glotal (16%); já entre as mulheres, os números apontam para 52% e 48%, respectivamente, ou seja, há uma variação bastante marcada na fala feminina quanto à realização dos róticos. No que concerne à variável diageracional, o [ʀ] é mais produtivo entre os jovens (83%) frente à variante glotal (17%). Na faixa II, esse percentual cai para 52% e alterna com o [h] (48%).

Os números retratados indicam que os homens são mais sensíveis à utilização da variante retroflexa, seguidos dos jovens. Esses resultados revelam que, apesar da alternância de róticos na faixa II, o [ʀ] não corre risco de ser extinto do subdialeto de Campina Verde, pois é muito produtivo entre os jovens, responsáveis pela propagação de traços dialetais.

5.3.2 Campina Verde: o /r/ Retroflexo nos Dados da Recente Pesquisa.

Os dados colhidos em Campina Verde, para esta dissertação, apontam a ocorrência de 95 róticos distribuídos entre as variantes retroflexa e glotal, excetuando-se os casos de apagamento. Em apenas 4% dos casos (4/95) o /r/ glotal foi realizado, sendo o /r/ retroflexo a norma, 96% (91/95), como indica o gráfico 2.

Gráfico 2 - Realização da retroflexa e da glotal nos dados coletados em Campina Verde– MG para esta dissertação.



O levantamento dos dados revela que o [ʔ] ocorreu em quase todos os itens lexicais, exceto em *prateleira/partileira*, *torneira* e *fervendo*, nos quais há uma rivalidade entre as variantes retroflexa e glotal. Essa transição entre os róticos foi registrada três vezes pelo informante masculino e uma vez pela informante feminina, ambos da segunda faixa etária. Dessa forma, verificamos que somente a variável extralinguística idade evidenciou alguma diferença relativa ao uso das variantes retratadas, pois, entre os jovens, a recorrência do /r/ retroflexo é unânime e entre os idosos o percentual desce para 96%.

5.3.3 Campina Verde: Comparação entre os Dados do ALiB-PR (2009) com os Dados desta Pesquisa (2011).

Com a finalidade de demonstrar a atuação das variáveis extralinguísticas, as quais mostraram ser mais atuantes que as linguísticas, elaboramos a tabela 8 que apresenta as discrepâncias existentes entre o material colhido pelo ALiB-PR e pela autora na cidade de Campina Verde.

Tabela 8 - Atuação das variáveis extralinguísticas nos dados do ALiB e nos da recente pesquisa, na cidade de Campina Verde.

	Pesquisas	ALiB (2009)		(2011)	
		Róticos	[ʔ]	[h]	[ʔ]
Variáveis Extralinguísticas	Homens	84%	16%	97%	03%
	Mulheres	52%	48%	99%	01%
	Jovens	83%	17%	100%	0%
	Idosos	52%	48%	96%	04%

A diferença mais evidente estabelecida entre as coletas é a que ocorre entre os informantes do sexo feminino e entre os da faixa II do ALiB. Na tentativa de buscar uma resposta que abarque esse fenômeno, analisamos, separadamente, a fala desses indivíduos, a fim de detectar em qual deles a alternância de róticos é mais frequente. Os resultados indicam que os maiores responsáveis pela transição

das variantes são as informantes mulheres, pois a jovem utiliza em 40% dos casos a variante glotal e a idosa em 65%.

Subsidiados por esses dados, partimos para a comparação das características dessas falantes. Tratamos primeiramente das informantes jovens: (i) a do ALiB tem 25 anos, ensino fundamental completo, atualmente exerce a profissão de recepcionista, mas já trabalhou como doméstica, babá, locutora e tratorista; é solteira e morou, ao todo, oito anos em outros municípios de Minas (7 anos em São Simão-MG, 11 meses em Uberaba e 11 meses em Uberlândia); (ii) a informante desta pesquisa tem 18 anos, possui, também, o ensino fundamental completo, trabalha como balconista (primeiro emprego), é solteira, morou apenas um ano, na cidade de São Francisco de Sales, a 50 quilômetros de Campina Verde. A primeira relata, ainda, que aprecia a leitura de jornais e revistas, já a segunda afirma que não tem esse hábito.

No que diz respeito às informantes jovens, podemos hipotetizar que a do ALiB, devido à vida social mais ativa, isto é, residência em cidades maiores e maior mobilidade profissional, apresenta maior transição entre as duas variantes de /r/, haja vista que a complexidade social aumenta o nível da variação linguística (LÓPEZ MORALES, 1993).

Vale destacar, ainda, que em meio a uma conversa informal, a informante do ALiB afirmou que, quando trabalhava como locutora, tentava disfarçar seu /r/ *puxado*. A partir disso, constatamos, também, uma variação mediada pela consciência sociolinguística que se faz mais presente na vida daqueles sujeitos cujo histórico social é mais complexo, além disso, López Morales (1993) afirma que tal fator incide principalmente sobre as mulheres.

Quanto às informantes idosas, verificamos que: (i) a inquirida pelo ALiB tem 66 anos, ensino fundamental incompleto, é casada, sempre trabalhou como doméstica e morou em outras cidades por cinco anos, dois em São José do Rio Preto-SP e três em Lorena-SP; (ii) a entrevistada para esta dissertação apresenta apenas um ponto incomum com a anterior, ela nunca morou em outras cidades, sequer viajou para outros estados. Essa informante relatou que conhece apenas algumas localidades limítrofes à Campina Verde.

Averiguamos, novamente, que a mobilidade social do informante pode alterar sua fala. O município de Lorena, no qual a inquirida do ALiB permaneceu por três anos, fica a 240 quilômetros do Rio de Janeiro e, segundo os dados

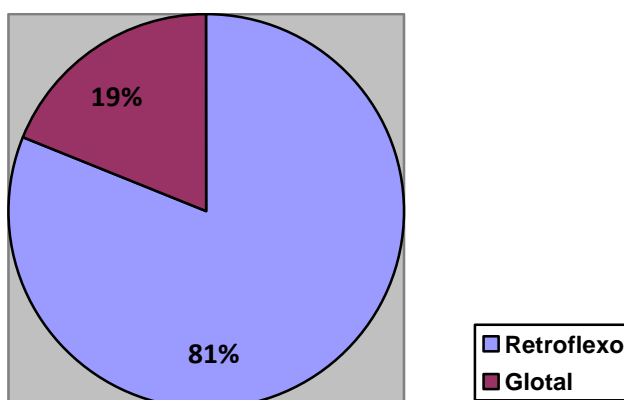
preliminares do referido projeto, a variante de /r/ característica desse estado é a velar r^{v} , realização próxima da glotal sonora r^{g} . Assim, podemos supor que a variação registrada na fala dessa informante se deva à influência do tempo em que residiu fora. Trata-se, no entanto, de uma hipótese, pois, para apurar se esse fator é tão relevante quanto parece, precisaríamos de uma pesquisa mais aprofundada instrumentalizada por questões relativas a esse aspecto.

Enfim, levando em consideração a totalidade dos dados, constatamos que são os homens jovens os mantenedores do /r/ retroflexo. Diante disso, é possível afirmar que essa variante tende a continuar predominante na fala de Campina Verde, uma vez que sua recorrência é altamente significativa na fala dos jovens. Ademais, os dados retratados, tanto os do ALiB quanto os desta pesquisa, conferem com os registros do EALMG (1977), nos quais o [ʀ] é descrito como um dos aspectos fonéticos predominantes nessa localidade.

5.3.4 Uberlândia: o /r/ Retroflexo em Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

Os dados coletados pelo ALiB-PR em Uberlândia indicam a ocorrência de 85 róticos, dentre eles 69 retroflexos e 16 glotais, apresentando os percentuais 81% e 19% respectivamente, como podemos observar no gráfico 3.

Gráfico 3 - Realização da retroflexa e da glotal nos dados coletados em Uberlândia – MG pelo ALiB.



Os vocábulos nos quais obtivemos exclusivamente o [ʀ] foram *árvore*, *borboleta*, *tarde*, *catorze*, *esquerdo*, *calor* e *certo*; já entre aqueles que menos

favoreceram seu uso estão *gordura*, *perdão* e *prateleira*. No que se refere às demais variáveis linguísticas, os dados apontam que os substantivos (75%); a posição interna (72%); a vogal precedente /e/ (44%) e as palavras trissílabas (54%) são os contextos mais favoráveis para a realização do /r/ caipira.

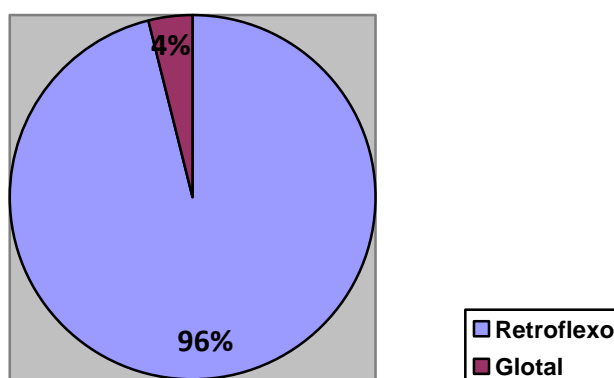
A roticização em *pólvora* foi registrada duas vezes: uma na fala da informante jovem ([ʁ]) e outra na fala do informante idoso ([h]). Já, a metátese foi detectada, apenas no termo *braguilha* e em todos os entrevistados, em 75% dos casos com o /r/ retroflexo.

Ao examinar as influências das variáveis extralinguísticas, constatamos que, assim como nos resultados de Campina Verde, são os homens (93%) e os jovens (100%) os que mais verbalizam o [ʁ] em relação às mulheres (70%) e aos idosos (56%).

5.3.5 Uberlândia: o /r/ Retroflexo nos Dados desta Pesquisa.

Os quatro uberlandenses entrevistados, para esta dissertação, apresentaram 95 róticos, sendo 91 ocorrências retroflexas e somente 04 glotais. Os resultados em percentuais estão dispostos no gráfico 4.

Gráfico 4 - Realização da retroflexa e da glotal nos dados coletados em Uberlândia – MG para esta dissertação.



Devido à prevalência do /r/ caipira, os fatores linguísticos não incidem satisfatoriamente nos resultados. Os únicos casos nos quais se manifestou o [h] foram: (i) na palavra *certo*, pela informante idosa; (ii) em *perfume*, pelo informante idoso e; (iii) no vocábulo *esquerdo* e *prateleira/partileira*, pela informante jovem.

Nem mesmo as variáveis extralinguísticas parecem condicionar diferenças significativas, pois os números apontam saldos semelhantes. Em 96% dos casos, os homens utilizaram a variante retroflexa e as mulheres em 95%, entre os jovens sua recorrência atingiu 98% e na fala dos idosos 94%.

5.3.6 Uberlândia: Comparação entre os Dados do ALiB-PR (2009) com os Dados desta Pesquisa (2011).

Ao correlacionar os resultados das duas pesquisas, deparamo-nos com o mesmo impasse que ocorreu ao analisarmos os materiais sonoros colhidos em Campina Verde, ou seja, registramos maior incidência do /r/ retroflexo nos dados de 2011 quando comparados aos dados do ALiB. Sendo assim, adotamos os mesmos procedimentos a fim de detectar o fator que implicaria as diferenças, apresentadas na tabela 11, entre as mulheres e os informantes da segunda faixa etária.

Tabela 9 - Atuação das variáveis extralinguísticas nos dados do ALiB e nos da recente pesquisa, na cidade de Uberlândia.

	Pesquisas	ALiB (2009)		(2011)	
		Variáveis Dependentes	[""]	[h]	[""]
Variáveis Extralinguísticas	Homens	93%	07%	96%	04%
	Mulheres	70%	30%	95%	05%
	Jovens	100%	0%	98%	02%
	Idosos	56%	44%	94%	06%

Verificamos, pois, que os responsáveis pelo menor uso do /r/ retroflexo foram os dois informantes idosos, sobretudo mulher. No conjunto dos dados, esta é quem realiza os 30% de [h] e sua fala analisada isoladamente apresenta 60% dessa variante. Já o informante masculino verbaliza apenas 18% de /r/ glotal.

Buscamos na ficha desses informantes possíveis motivos que expliquem a variação dos róticos em suas falas. O sujeito masculino/idoso, entrevistado pelo ALiB, tem 49 anos e seis meses, é casado, possui o ensino fundamental incompleto (3ª série), já trabalhou como recepcionista em padaria, mas atualmente é funcionário público (setor de manutenção) e morou nas cidades de Prata e Tupaciguara, próximas a Uberlândia. O informante entrevistado por nós, em 2011, tem 51 anos, estudou até a 4ª série, é casado, sempre trabalhou como motorista, nunca residiu em outro município, tampouco viajou.

A informante idosa, do projeto, apresenta 57 anos de idade, é casada, cursou até a 3ª série, atualmente é doméstica, mas já trabalhou em pizzaria e em frigorífico e residiu em Caraguatatuba-SP por três anos. A entrevistada por nós tem 63 anos, estudou apenas um ano, sempre exerceu a função de doméstica, é viúva e morou em Goiás durante cinco anos.

Atestamos, novamente, que a dinamicidade social implica maior variação linguística. Tal assertiva é mais evidente, ainda, no caso dos sujeitos masculinos inquiridos, pois o primeiro (ALiB), além de ter morado em outras cidades, exerceu outra profissão, fato que lhe proporciona contatos sociais mais amplos e, conseqüentemente, linguísticos. Em contrapartida, o segundo, ou seja, o da pesquisa de 2011, sempre trabalhou como motorista dentro da cidade de Uberlândia, de onde nunca saiu, nem mesmo para passear.

Essa linha de raciocínio também pode ser aplicada ao caso das informantes femininas. Além disso, apesar de as duas terem morado fora, a inquirida por nós residiu em Goiás, cidade em que os falantes também alternam o /r/ caipira com o glotal, traço que não caracteriza os falantes do município litorâneo de Caraguatatuba, onde a mulher/idoso entrevistada pelo ALiB viveu por três anos.

Salvo as discrepâncias mencionadas e justificadas, pautados em nossos dados e nos do ALiB, registramos que tanto a fala de Campina Verde como a de Uberlândia permanecem e, ao que tudo indica, continuarão a apresentar como uma de suas peculiaridades dialetais o /r/ retroflexo, assim como já fora demonstrado em 1977 pelo EALMG.

5.4 ANÁLISE DAS ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS: O QUE DIZEM OS RESULTADOS.

A fim de verificar se a distribuição do /r/ retroflexo está condicionada ou não às crenças e atitudes, colocamos para audição dos informantes entrevistados dois textos lidos por dois locutores e, na sequência, aplicamos um questionário, baseado no método-teórico de Lambert & Lambert (1968).

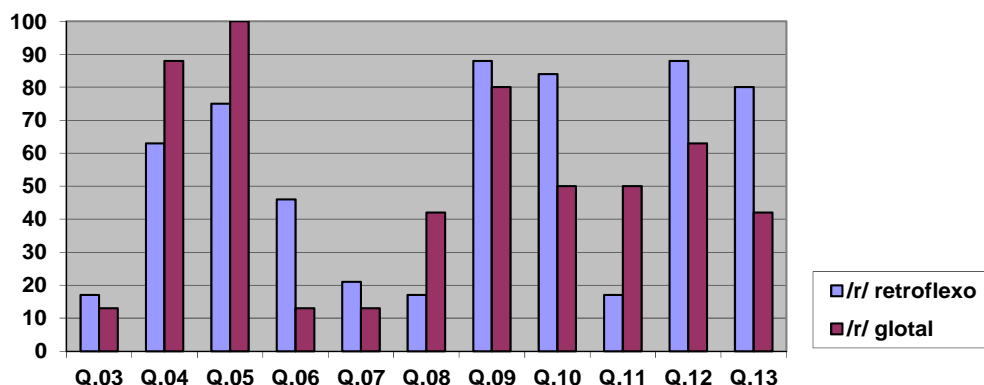
O questionário por nós elaborado versa sobre aspectos dos locutores ouvidos nesta parte da pesquisa, sendo um com a marca do /r/ caipira (falante 1) e outro com a do /r/ glotal (falante 2). As características avaliadas podem ser divididas em quatro grupos, conforme o exposto:

- (i) física e psíquica: esta pessoa que você ouviu é feia e inteligente;
- (ii) ligadas à fala: essa pessoa que você ouviu sente vergonha de falar assim; fala corretamente;
- (iii) sociais: esta pessoa que você ouviu é estudada; é atrasada, sofre preconceito social;
- (iv) atitudinais/morais: esta pessoa que você ouviu é grossa; é trabalhadora; ajuda os outros quando precisam; dá valor aos ensinamentos dos pais, é de confiança.

Aos entrevistados, no questionário, apresentamos duas opções de resposta: concordo ou discordo. Além das questões explicitadas, propomos uma pergunta direta sobre a profissão exercida pelos donos das gravações.

A análise geral dos dados revela que as questões referentes às peculiaridades física e psíquica (grupo I) não desencadearam diferenças, pois 46% dos informantes acreditam que tanto o falante do ☹️“❄️ quanto o do ☹️❄️ é feio e 96% concordam que os dois são inteligentes. Em virtude disso, apresentamos os resultados obtidos mediante os demais grupos de características, já estabelecidos.

No gráfico 4, apresentamos os números relacionados com as respostas dadas às demais perguntas.

Gráfico 5 - Resultados das crenças e atitudes dos falantes

Q.03: esta pessoa que você ouviu sente vergonha de falar assim;

Q.04: fala corretamente;

Q.05: é estudada;

Q.06: sofre preconceito social;

Q.07: é atrasada;

Q.08: é grossa;

Q.09: é trabalhadora;

Q.10: ajuda os outros quando precisam;

Q.11: engana os outros;

Q.12: dá valor aos ensinamentos do pai;

Q.13: é de confiança.

A aparente estabilidade entre as opiniões começa a tomar outra forma a partir das peculiaridades ligadas à maneira de falar dos informantes, uma vez que 13% deles concordam que o falante 2 sente vergonha da sua fala e 88% pensam que ele fala corretamente, enquanto que as respostas dadas ao falante do /r/ caipira (falante 1) atingem, respectivamente, 17% e 63%.





Nas questões seguintes, isto é, naquelas referentes às características sociais, reunidas no grupo III, registramos, ainda, uma depreciação maior dirigida ao falante 1, pois, na opinião dos informantes, ele tem menos estudo (75%), sofre mais preconceito social (46%) e representa ser uma pessoa mais atrasada (21%) quando comparado ao falante detentor do /r/ glotal que foi unanimemente (100%) caracterizado como alguém estudado e acometido de menos preconceito (13%) e atraso (13%) social.

Resultados inversos, porém, foram obtidos nas perguntas relacionadas aos aspectos atitudinais e morais dos donos das falas, pois, a partir das respostas verificamos que o desprestígio antes atribuído ao falante 1 recaí sobre o outro. Vejamos:

Questão 08: apenas 17 % acreditam que o falante do /r/ retroflexo seja uma pessoa grossa, tal porcentagem sobe para 42% quando tratamos do falante do /r/ glotal;

Questão 09: menos pessoas pensam que este falante (do /r/ glotal) é trabalhador (80%), em contrapartida, um número maior (88%) ajuíza o mesmo em relação ao falante 1;

Questão 10: somente metade dos entrevistados concorda que o falante 2 ajuda os outros quando precisam; esse número cresce para 85% quando se trata do falante 1;

Questão 11: poucos informantes (17%) julgam o falante possuidor do  “ como alguém que engana os outros, mais pessoas (50%), no entanto, avaliam dessa forma o falante do  ;

Questão 12: a alta porcentagem de 88% revela que os indivíduos pensam que o falante 1 dá mais valor aos ensinamentos dos pais frente ao falante 2 (63%);

Questão 13: uma diferença significativa aponta, ainda, que este é visto como uma pessoa de menos confiança (42%) que aquele (80%).

Conforme o exposto, verificamos que o falante que apresenta o /r/ retroflexo é avaliado negativamente quando estão em pauta assuntos relacionados diretamente à sua fala e a questões sociais. Contudo, quando se trata de aspectos morais, registramos que a avaliação é positiva.

Podemos afirmar, dessa forma, que existe entre os informantes entrevistados um estigma, em outros termos, uma marca que recobre a variante caipira, ou seja, subjetivamente eles acreditam que esse traço fonético é próprio de uma pessoa mais simples, menos estudada, possuidora de fala menos correta, mas que, por outro lado, ajuda mais, engana menos, trabalha mais, e assim por diante. Tal resultado pode estar associado ao estereótipo do caipira cristalizado culturalmente em nossa sociedade, isto é, o de uma pessoa dotada de menos predicados sociais, porém, mais honesta, humilde e confiável.

Outro fator importante que, possivelmente, influenciou os dados diz respeito à possível identificação linguística dos entrevistados com o falante do /r/ retroflexo, haja vista que esse é o rótico característico da fala do Triângulo Mineiro. Por meio das suas respostas, é possível inferir que, consciente ou inconscientemente, eles sabem da coerção social envolvida nessa variante, mas atribuem ao falante qualidades positivas que creem internalizadas em si mesmos.

O sentimento de identidade se torna ainda mais evidente quando analisamos as profissões atribuídas aos falantes dispostas no quadro 4.

Quadro 4 – Profissões dirigidas ao falante do /r/ retroflexo e ao do /r/ glotal.

Profissões - /r/ retroflexo	N°.	Profissões - /r/ glotal	N°.
Agricultor	03	Advogado	07
Comerciante	02	Médico	04
Estudante	02	Professor	02
Locutor	02	Agricultor	02
Advogado	01	Gerente	02
Auxiliar de escritório	01	Empresário	01
Balconista	01	Locutor	01
Empacotador	01	Açougueiro	01
Entrevistador	01	Ator	01
Funcionário Público	01	Jornalista	01
Mecânico	01	Publicitário	01
Médico	01	Não respondeu	01
Operário	01		
Pedreiro	01		
Repórter	01		
Serviços gerais	01		
Trabalhador rural	01		
Vendedor	01		
Não respondeu	01		
Total:	24		24


Por meio do quadro 4 é possível verificar que as profissões mais bem avaliadas socialmente foram, em maior número, dirigidas ao falante do /r/ glotal. Os números atestam essa assertiva, pois, 29% dos entrevistados acreditam que se trata de um advogado e 17% pensam que ele é médico. Na realidade, salvo as citações de açougueiro e agricultor que atingem 12,5% das respostas, os demais ofícios

(37,5%) requerem ensino superior, ou, no mínimo, um grau de instrução mediano. Ao agrupar os números, constatamos que as funções mais prestigiadas perfazem o total de 83,5% das respostas, as menos prestigiadas 12,5% e 4% representa uma não resposta.

Quando analisamos os cargos designados ao falante do /r/ caipira, os resultados são contrários, ou seja, 58% dos informantes atribuem a esse falante profissões que não exigem níveis altos de escolaridade, tais como agricultor, balconista, empacotador, mecânico, trabalhador rural, pedreiro, entre outros. Registramos apenas uma ocorrência para médico e uma para advogado que somam apenas 8%. Houve 4% de abstenção de resposta e 30% referem-se a ocupações que, supostamente, são mediadas pelo estudo, como, por exemplo, entrevistador, funcionário público, locutor e assim por diante.

Vale lembrar que os entrevistados, em 2011, ou seja, os donos das respostas analisadas, compõem um universo de pessoas humildes, com baixo nível de escolaridade, alguns, como expusemos, no quadro 2, do capítulo IV, estudaram apenas um ano durante a vida toda. Além disso, todos eles ocupam cargos que condizem com sua escolaridade, isto é, exercem profissões como as de motorista, faxineira, balconista, doméstica, pedreiro, entre outras. Em face disso e dos resultados obtidos nesta parte da pesquisa, enfatizamos a presença hipotética do sentimento de identidade dos informantes para com o falante do /r/ retroflexo.


Com base nesse cenário, podemos detectar, igualmente, a presença dos componentes da atitude linguística citados por Gómez Molina (1998), a saber: o componente cognitivo, no qual intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes, tais como as crenças, a consciência sociolinguística, os estereótipos, entre outros; o componente afetivo, baseado em juízos de valor acerca das características da fala e, por fim; o componente conativo que reflete a tendência a reagir perante dado contexto.

Apesar de constatado o estigma, em seu sentido lato, ou seja, de marca, do , a questão da identidade linguística ou de um possível caso de prestígio encoberto somado ao plano horizontal no qual está inserido esse rótico foram determinantes, pois, como já expusemos, dentre as variantes de /r/ registradas na primeira parte desta dissertação, a retroflexa prevaleceu. Isto nos levar a crer que, embora exista, em nossa sociedade, o estereótipo em torno da variante caipira, tal fato, nos dias atuais, não inibe, tampouco ameaça sua vitalidade

ao contrário do que previram Amaral (1920) e Head (1987). Esses resultados podem estar associados, talvez, à nova configuração do *caipira*, antes, ligado a um sujeito pobre, humilde e afastado da cidade grande e, hoje, visto como um indivíduo dotado de uma situação financeira consolidada, proprietário de terras e bens que faz questão de exhibir nos rodeios realizados, em grande parte, no estado vizinho, isto é, São Paulo. Diante dessa mudança brusca, algumas marcas, voluntária ou involuntariamente, persistiram e, como expoentes, podemos citar a fala que traz como uma de suas características principais o /r/ retroflexo e a roupa acrescida dos acessórios utilizados pelos caipiras modernos: botas, cintos, calças apertadas e camisas xadrez.

O sentimento de identidade que supomos atuar em nossos resultados pode, ainda, estar relacionado ao que Labov (1976) denomina de prestígio encoberto (*covert prestige*). O novo *status* do caipira somado a sua imagem, culturalmente construída, de pessoa honesta e respeitadora parecem ultrapassar a negatividade do estereótipo, socialmente difundido, que existe em torno do /r/ retroflexo e fazer com que os falantes da comunidade investigada prestigiem esse rótico e avaliem positivamente fazer parte do grupo que o domina. Para Paiva (2004, p.72)

as formas lingüísticas socialmente desvalorizadas podem assumir uma função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social. Isto é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras da sua individualidade. Se um indivíduo quer integrar o grupo, deve partilhar também, além das suas idéias e atitudes, a linguagem valorizada por esse grupo. Neste caso, determinadas formas de linguagem passam a possuir um *status*, na medida em que são desprovidas de prestígio no interior da sociedade.

Guiotti (2002) chega a um resultado semelhante ao estudar o retroflexo na cidade de São José do Rio Preto. Apesar de verificar um *grau médio* de estigmatização em direção ao  a autora constata a manutenção desse rótico na fala dos 60 riopretenses entrevistados. Segundo ela, tal manutenção está diretamente ligada ao crescimento econômico do interior de São Paulo, no qual o referido rótico é marca dialetal.

Vale lembrar que as inferências feitas nesta análise pautam-se nas respostas dos informantes e nos princípios que versam sobre as atitudes linguística, revistos no terceiro capítulo desta dissertação. É necessário, no entanto, realizar

pesquisas mais abrangentes que enfatizem o conceito de prestígio encoberto, bem como a imagem do caipira e do /r/ retroflexo na sociedade atual. Só assim poderemos comprovar se o *status* dirigido à variante caipira está, de fato, mudando para melhor.

5.5 POSSÍVEIS CONCLUSÕES

A análise dos dados dialetológicos, em tempo real e aparente, demonstra que:

- passados trinta e três anos, desde a publicação do EALMG, a vitalidade do /r/ retroflexo permanece no Triângulo Mineiro e tende a se estender, pois recorre representativamente na fala dos jovens. Existe, no entanto, uma tênue incursão da variante glotal feita, sobretudo, pelas mulheres, mas que não pode ser tratada como uma mudança em progresso em virtude da baixa produtividade;
- a variável faixa etária aponta maior fidelidade dos jovens em relação ao seu rótico. Resultado que pode estar atrelado à nova configuração do caipira, já comentada, somada ao crescente número de personalidades famosas que não fazem delongas ao utilizar o /r/ *puxado*, como, por exemplo, Graziella Soares Massafera (Grazi Massafera, do *Big Brother Brasil*), Ana Maria Braga Maffei (Ana Maria Braga, das receitas culinárias), Hortência de Fátima Marcari (ex jogadora de basquete), além dos comentaristas de futebol das principais emissoras de televisão paulista e dos jornalistas do Programa CQC, entre outros. Esse resultado, nos leva, também, a conjecturar que a vida da variante retroflexa é longa, haja vista que os jovens a mantêm. Por outro lado, esse resultado nos faz pensar que, possivelmente, em algum momento na vida dos informantes que, hoje, são idosos, a estigmatização da variante caipira possa ter influenciado na sua fala, justificando, assim, a menor recorrência entre eles. No entanto, tal inferência necessita de uma pesquisa que a confirme;
- a variável sexo influencia os resultados, pois foram os homens que se mostraram os maiores mantenedores do ㊦“❁;

- o contexto linguístico que se mostrou favorável para a realização da variante caipira é a posição interna frente à externa do /r/ que propicia, por sua vez, o apagamento do rótico;
- apesar das inferências das variáveis internas e externas adotadas nesta dissertação, constatamos que o fator preponderante é a localização geográfica da região estudada, ou seja, a presença do /r/ retroflexo se deve, em maior parte, ao plano horizontal e trata-se, como já expusemos, em vários momentos, de uma herança dos bandeirantes paulistas;
- com base no exposto, constatamos que tanto o estudo em tempo real feito por meio da relação entre os dados do EALMG (1977) com os que coletamos no ano 2011, como o estudo em tempo aparente realizado mediante o confronto da fala dos jovens x idosos, no material colhido pelo ALiB e por nós revela uma variação estável do /r/ retroflexo.

Os nossos dados, associados aos do ALiB:

- ratificam aqueles registrados há mais de três décadas no EALMG, isto é, a predominância do /r/ retroflexo, no Triângulo Mineiro;
- trazem à tona a variante glotal que não se encontra registrada em nenhuma das cartas do EALMG;
- ratificam, igualmente, a influência das variáveis sexo (homem) e idade (faixa I) e da variável linguística (coda interna) conforme comprovam os dados de 2011.

A análise das crenças e atitudes linguísticas, por sua vez:

- atesta a existência do estigma, meramente no sentido de marca, acerca do /r/ retroflexo envolto no estereótipo do caipira;
- revela uma relação de identidade linguística, quiçá de prestígio encoberto, dos informantes para com a variante retroflexa e demonstra que o estigma não interfere na produtividade do /r/ retroflexo;
- abre espaço para que futuros estudos pautados nesse tema façam um levantamento sobre como a sociedade vê o atual caipira e a importância que sua figura emite, principalmente, no universo jovem. Talvez um trabalho que leve em consideração esse quesito responda com mais

propriedade a mudança do curso de vida da variante caipira e nos permita lançar uma previsão oposta a de Amaral (1920) e Head (1987): o /r/ retroflexo estaria em vias de expansão e seu estereótipo, aos poucos, tende a tomar outra forma e atrelar-se à fala de uma geração de caipiras escolarizados e bem sucedidos.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras – MG: no atlas linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do atlas linguístico do Brasil. *Revista Diadorim-Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, n. 8, 2011.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A distribuição dos róticos em coda silábica nos dados do atlas linguístico do Brasil PR: um estudo geo-sociolinguístico. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. (Org.). *Estudos em fonética e fonologia no Brasil*. Goiânia: GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL, 2008a. p. 1-14.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira?. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). *Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: Editora Federal Fluminense EdUFF, 2008b. p. 311-333.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 6.ed. São Paulo: Cortez editora, 2007. p.21-48.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (Org.) *Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil: ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo Vílson. Áreas lingüísticas do português falado no sul do Brasil. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.) *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005. p. 177-208.
- ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas linguístico do Paraná II*. 2007. 223 p. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2 v.
- ALTINO, Fabiane Cristina. *Pelos caminhos da geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis*. 2001. 218 p. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2 v.
- AMANCIO, Rosana Gemima. *Um estudo sobre atitudes lingüísticas na fronteira Brasil-Argentina*. 2004. Monografia (Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1982. [1920].
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Os estudos dialetais e geolingüísticos no Brasil*. Disponível em: <http://www.lingv.ro/resources/scm_images/RRL-12-2008-Socorro-Aragao.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2011.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Bezerra de. *Atlas linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BARBOSA, Adriana de Oliveira. *Brasilienses e a idéia do não-sotaque*. 2002. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas.

BERGAMASCHI, Maria C. Zandomenighi. *Bilinguismo do dialeto italiano-português: atitudes linguísticas*. Rio Grande do Sul, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

BESSA, José Rogério Fontenele (Coord.). *Atlas linguístico do Ceará*. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

BOTASSINI, Jacqueline O. M. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de róticos. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 85-102, 2009.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Nas trilhas do –R retroflexo. *Signum: estudos da linguagem*. Londrina, v. 10, n. 2, p. 265-283, 2007.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Aspectos sociolingüísticos de um dialeto rural. In: HORA, Dermeval da (Org). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p.61-69.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. O /R/ implorivo no Norte do Estado do Rio de Janeiro. In: PEREIRA, Cilene C.; PEREIRA, Paulo R.D (Org). *Miscelânea de estudos lingüísticos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p.49-58.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BRESCANCINI, Cláudia; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v.11, n.2, 2008. p.51-66.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-24.

BUSSE, Sanimar. Um estudo geossociolingüístico da fala do oeste do Paraná. 2010. 284 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CALLOU Dinah et al. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v.14. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

CALLOU, Dinah et al. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. V. (Org.) *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. Campinas, Unicamp, 1997. v. 6, p. 465-493.

CALVET, Louis Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2004.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Para uma nova dimensão dos estudos dialetais brasileiros. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto Editora, 2006. p.15-26.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas lingüístico de Sergipe- II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice. A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?. *Gelne: Grupo de estudos lingüísticos do Nordeste*, v.4, 2004. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_sum.htm>. Acesso em: 13 jun. 2011.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialetologia no Brasil: perspectivas. *Revista Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v.15, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 237 – 269.

CASTRO, Vandersí Sant' Ana. *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas lingüísticos regionais brasileiros*. 2006. 225 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CASTRO, Vandersí Sant' Ana. *O r "caipira" em São Paulo: estudo com base em dados do atlas lingüístico do Brasil (ALiB)*. Comunicação apresentada no SILEL, Uberlândia, 17 a 19 de 2009.

CHAMBERS Jack; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

COHEN, M. Antonieta. O "R" retroflexo no português brasileiro: descrição e percurso histórico. In: RAMOS, Jânia M. (Org.) *Estudos sociolingüísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. CD-ROM.

COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB (Brasil). *Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. *Atlas linguístico do Amazonas*. 2004. 2 v. mimeo. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FABRIS, Rosana Simone. *Esboço de um atlas linguístico de Tamarana*. 1997. 75 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

FAGGION, Carmem Maria. Estigma, cultura e atitude: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da região de colonização italiana da Serra Gaúcha. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Universidade Caxias do Sul, 2010. p. 61-78

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas lingüístico de Sergipe (ALS)*. Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolingüística complexa. In: *Revista Línguas & Letras: estudos lingüísticos*, v. 6, n.11, p.105-121, 2005. Disponível em: <<http://pt.scribd.com>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmem Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Universidade Caxias do Sul, 2010.

GOMES, Christina Abreu; SOUZA, Cláudia Nívia Roncarati. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 73-80.

GÓMEZ MOLINA, José Ramón. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilíngüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia. *Revista Cuadernos de Filología*. Valencia, Universitat de Valencia, n.28,1998.

GUIOTTI, Luciana. Prudente. *O estudo da variante retroflexa na comunidade de São José do Rio Preto*. Dissertação (Mestrado) - UNESP, São José do Rio Preto, 2002.

HEAD, Franklin Brian. O estudo do r-caipira no contexto social. *Revista de Cultura Vozes*, v. 67, n. 8, p. 43-49, 1973.

HEAD, Franklin Brian. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “R Caipira”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.

HEAD, Franklin Brian. Subsídios do atlas prévio dos falares baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 1, p. 21-34, 1978.

- HORA, Dermeval da. *Fonética e fonologia*. curso de letras. Fascículo II. Universidade Federal da Paraíba, 2009. Disponível em: <<http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/mediatags/biblioteca>>. Acesso em: 17 out. 2011.
- KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo. (Orgs.). *Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil: ALERS: cartas semântico-lexicais*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008. [1972].
- LABOV, William. *Principios del cambio lingüístico*. v. 1: Factores internos. Tradução de Pedro Martín Butragueño (versión espanhola). Madrid: Gredos, 1996.
- LABOV, William The intersection of sex and social class in the course of linguist change. *Language variation and change*, n. 2, p. 205-254, 1990.
- LABOV, William. *Sociolinguistique*. Paris: Édition de Minuit, 1976.
- LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- LEITE, Cândida Mara Brito. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas.
- LEITE, Cândida Mara Brito. *O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro*. 2010. Tese. (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, 2010.
- LIMA, Alcides. A pronúncia do /r/ pós-vocálico na cidade de Cametá-PA. In: RAZKY, A. (Org.) *Estudos geo-sociolingüísticos no Estado do Pará*. Belém: UFPA, 2003.
- LINO, Fádua Maria Moisés. *Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolingüístico*, 2000. 291p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- LÓPEZ MORALES , Humberto. *Sociolingüística*. Madri: Gredos, 1993.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste*. 3.ed. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1971 [1946].
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MONARETTO, Valério Neto de Oliveira. Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios del sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

- NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.
- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958, v.1; v.2, 1961.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, [1922] 1953.
- OLIVEIRA, Derci Gomes de (Org.) *ALMS: atlas linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- PAIVA, Maria da Conceição. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p.31-46.
- PASTORELLI, Daniele Silva. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. 2011. 202 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- PASTORELLI, Daniele Silva. *Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina - PR: positiva ou negativa?* 2009. 135 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- PIZOLATO, Tania Maria de Podestá. *Esboço de um atlas linguístico de centenário do sul*. 1997. Monografia. (Especialização em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- RAZKY, Abdelhak. *Atlas Lingüístico sonoro do Estado do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: [s.d.], 2004 (Programa em CD-ROM).
- RIBEIRO, José et.al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. *Para um glossário da fala popular rural paranaense*. 2000. 180 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- ROMANO, Valter Pereira. *Novo atlas linguístico de Londrina: um estudo geossociolinguístico*. 2011. 2 v. v. I, 191 p. v.2, 4 cartas introdutórias e 47 cartas linguísticas. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 36. 2008, p. 45-56. Disponível em: <<http://www.uff.br>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

ROSSI, Nelson et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

ROUSSELOT, Pierre Jean, *Modifications phonétiques du langage, étudiées dans le patois d'une famille de Cellefrouin (Charente)*. Paris: H. Welter, 1891.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geographia nacional*. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de São Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio-1901-tupi>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

SANTOS, Viviane Maia dos. A complexa relação entre gênero/sexo e a variação no uso de pronomes em função do sujeito. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA – CNLF, 16., Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CIEFIL, 2011. v.15, n.5, p. 44-66. Disponível em: <www.filologia.org.br>. Acesso em: 20 jan. 2012.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SILVA, Helen Cristina da. *Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert*. 2010. 71f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SILVA, Thaís Cristófaru. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA-CORVALÁN, Carmem. *Sociolingüística: teoria y análisis*. Madri: Alhambra Universidad, 1989.

SILVA-PORELI, Greize Alves da. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita: um estudo das relações do português com línguas em contato*. 2010. 114p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

TARALLO, Fernando Luiz. *A pesquisa sociolingüística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

TEIXEIRA, José Aparecido. *O falar mineiro*. São Paulo: Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, 1938.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: STAHLZIWS, Ana Maria. *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE E PHILOGIE ROMANES, 22., Bruxelles. *Actes...* Bruxelles, 1998. p. 367-409.

VÔTRE, Josué Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.51-58.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2006.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobúglio. Os falares mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005. p. 45-72.

ANEXOS

ANEXO A
DECRETO Nº 30.643, DE 20 DE MARÇO DE 1952.

Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento.

O PRESIDENTE DE REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição,

decreta.

Art. 1º Fica instituído, na Casa de Rui Barbosa, o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa.

Art. 2º O Centro ora instituído realizara seus estudos e trabalhos no domínio do direito e da filosofia, e terá por campo de pesquisas a biblioteca e os arquivos da aludida Casa de Rui Barbosa e novas aquisições necessárias ao desenvolvimento dos seus trabalhos.

Art. 3º O Centro em referencia compreenderá, inicialmente, duas Secções: a de Direito e a de Filologia, dirigidas cada qual por uma Comissão de especialistas convidados pelo Ministro da Educação e Saúde, mediante parecer do Diretor da Casa de Rui Barbosa.

1º Cada Comissão de que trata este artigo estabelecerá anualmente, um plano de trabalho em cuja elaboração poderão colaborar os professôres universitários do Brasil, providos em cátedras de direito e de filologia ou em cadeiras afins.

2º A Comissão de Direito planejará publicações de bibliografia jurídica, de jurisprudência e de história do direito, organizando catálogos de publicações jurídicas, legislativas parlamentares e jurisprudência do Brasil; boletins de bibliografia brasileira e estrangeira, estudos sistemáticos de bibliografia e hemerografia de jurisprudência federal e das unidades da Federação.

3º A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliograficas, históricas literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil.

Art. 4º O Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa promoverá a publicação de seus trabalhos em arquivos e boletins periódicos, visando especialmente aos resultados das pesquisas que terão caráter estritamente objetivo.

Art. 5º Além da Biblioteca da Casa de Rui Barbosa e das aquisições imprescindíveis para atualiza-la, o Centro em causa disporá de instalações apropriadas, cujo projeto será oportunamente apresentado.

Art. 6º O Ministério da Educação e Saúde contratara os técnicos em bibliografia, arqueologia e revisão necessários aos trabalhos em cursos.

Art. 7º Os casos omissos neste Decreto serão resolvidos por meio de instruções do Ministro da Educação e Saúde.

Art. 8º Este Decreto entrara em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, em 20 de março de 1952, 131º da Independência e 64º da República.

Getulio Vargas

E. Simões Filho

ANEXO B
Questionário Fonético-Fonológico

01 – PRATELEIRA

....aquilo assim (mímica) onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala....) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?

02 – TORNEIRA

....aquilo que se abre quando se quer lavar as mão numa pia?

03 – PÓLVORA

... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem?

04 – VARRER

Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (mímica)

05 – ALMOÇO

.... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

06 – Você sabe/conhece alguma receita daqui da região? (Ex.: pão de queijo, curau, pamonha, doces, etc.)

07 – GORDURA

A carne de porco não é magra porque tem_____.

08 – COLHER

O que utilizamos para comer sopa?

09 – LIQUIDIFICADOR

.... um aparelho que é usado para fazer vitamina, sucos, etc?

10 – FERVENDO

Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, dizemos que ela está _____.

11 – BOTAR

Quando a galinha canta e vai pro ninho, se diz que ela vai _____ovo.

12 – ÁRVORE

O que é que dá sombra nas ruas, no campo? Para preservar o meio ambiente não podemos cortar a _____?

13 – O que você e a sua família costumam fazer nos finais de semana

14 – MONTAR

Para andar a cavalo, antes precisamos _____ nele.

15 – BORBOLETA

Um bichinho que voa, tem asas coloridas, que se forma num casulo....

16 – CALOR

No inverno faz frio. E no verão faz _____.

17 – TARDE

Qual é o contrário de cedo?

18 – CATORZE

O que é que vem depois do número treze?

19 – TRABALHAR

Para ganhar dinheiro, precisamos _____.

20 – RASGAR

Fazer assim (mímica) com um papel é _____.

21 – PERNAMBUCANO

Quem nasce em Minas e mineiro. E quem nasce em Pernambuco?

22 – Você conhece outra cidade?

23 – CERTO

Qual é o contrário de errado?

24 – PERDÃO

Quando se comete algum pecado, pedimos o que a Deus?

25 – MULHER

Eva foi a primeira _____.

26 – BRAGUILHA

..... a abertura da calça do homem, normalmente, fechada com botões ou com zíper? (Se você encontra um conhecido com essa parte da calça aberta, você diz: Fulano fecha a _____).

27 – PROCISSÃO

Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem?

28 – PERFUME

O que é que se passa no corpo para ficar mais cheiroso?

29 – BEIJAR

Dar um abraço é abraçar. É dar um beijo é _____.

30 – DORMINDO

A pessoa quando não está acordada, está _____.

31 – PERDIDA

Quando não achamos uma coisa, dizemos que ela está _____.

32 – ENCONTRAR

Quando se perde uma coisa, se procura até _____.

33 – PERGUNTAR

Quando você quer saber alguma coisa, você vai _____.

34 – SAIR

Qual o contrário de entrar?

35 – ESQUERDO

Este lado é o direito e este (mostrar)?

36 – Você gosta de morar aqui? Por quê

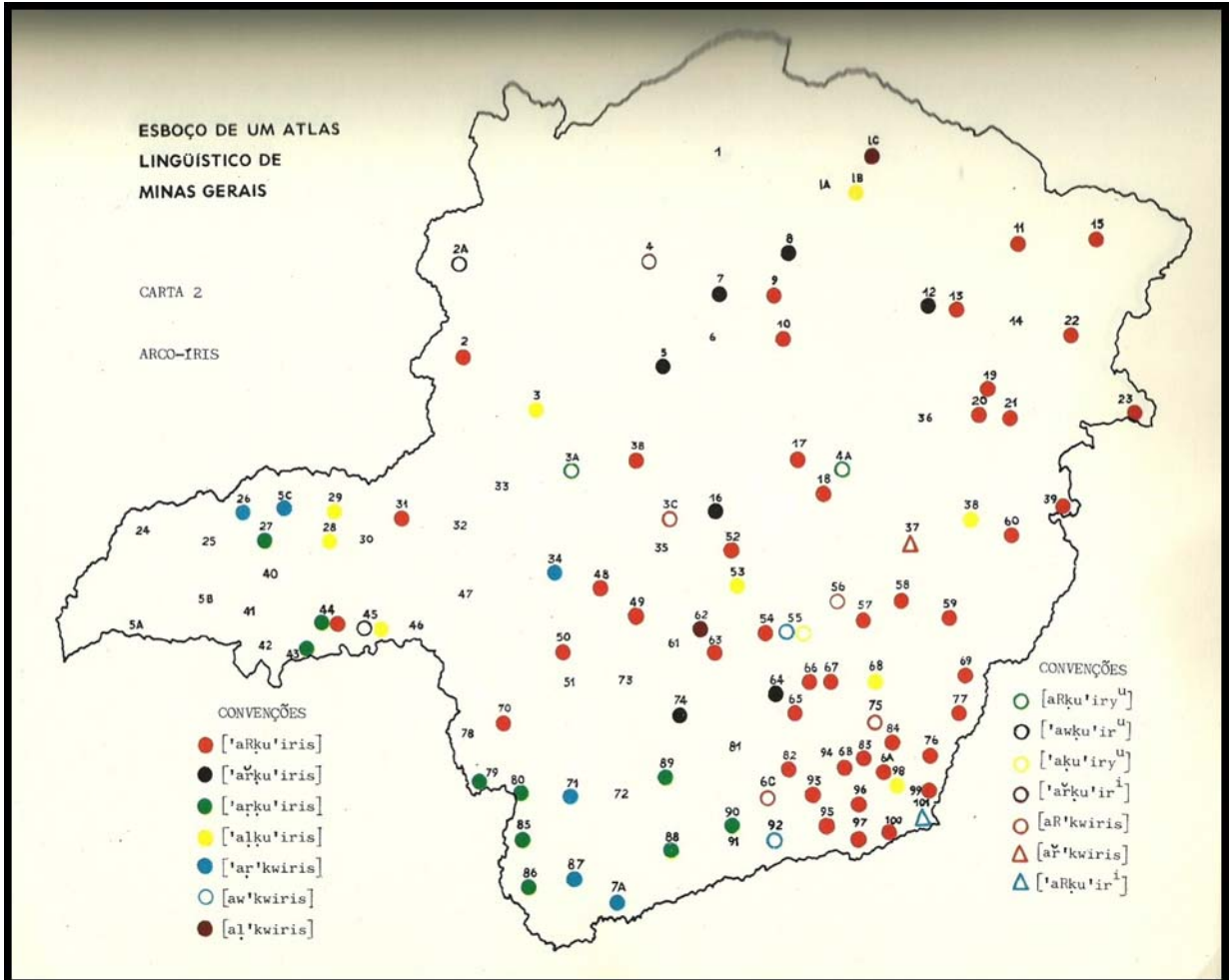
Autorização para usar a gravação para meu trabalho.

Agradecimentos

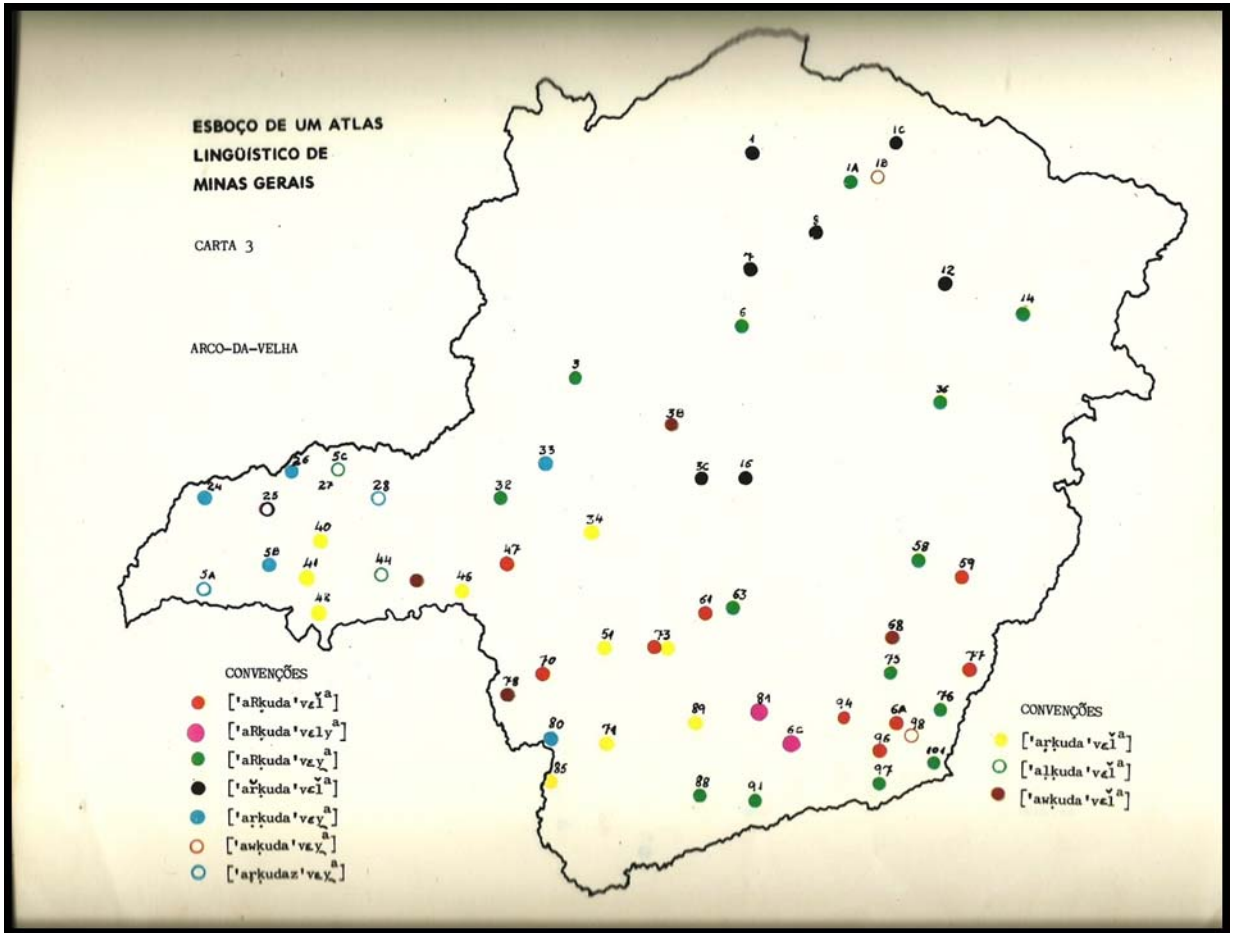
ANEXO C(ficha avaliativa)

Questões	Concordo	Discordo
1. Esta pessoa que você ouviu é inteligente.		
2. Esta pessoa que você ouviu é feia.		
3. Esta pessoa que você ouviu sente vergonha de falar assim.		
4. Esta pessoa que você ouviu fala corretamente.		
5. Esta pessoa que você ouviu é estudada.		
6. Esta pessoa que você ouviu sofre preconceito social.		
7. Esta pessoa que você ouviu é atrasada.		
8. Esta pessoa que você ouviu é grossa.		
9. Esta pessoa que você ouviu é trabalhadora.		
10. Esta pessoa que você ouviu ajuda os outros quando precisam.		
11. Esta pessoa que você ouviu engana os outros.		
12. Esta pessoa que você ouviu dá valor aos ensinamentos dos pais.		
13. Esta pessoa que você ouviu é de confiança.		
14. Esta pessoa que você ouviu exerce a profissão de:		

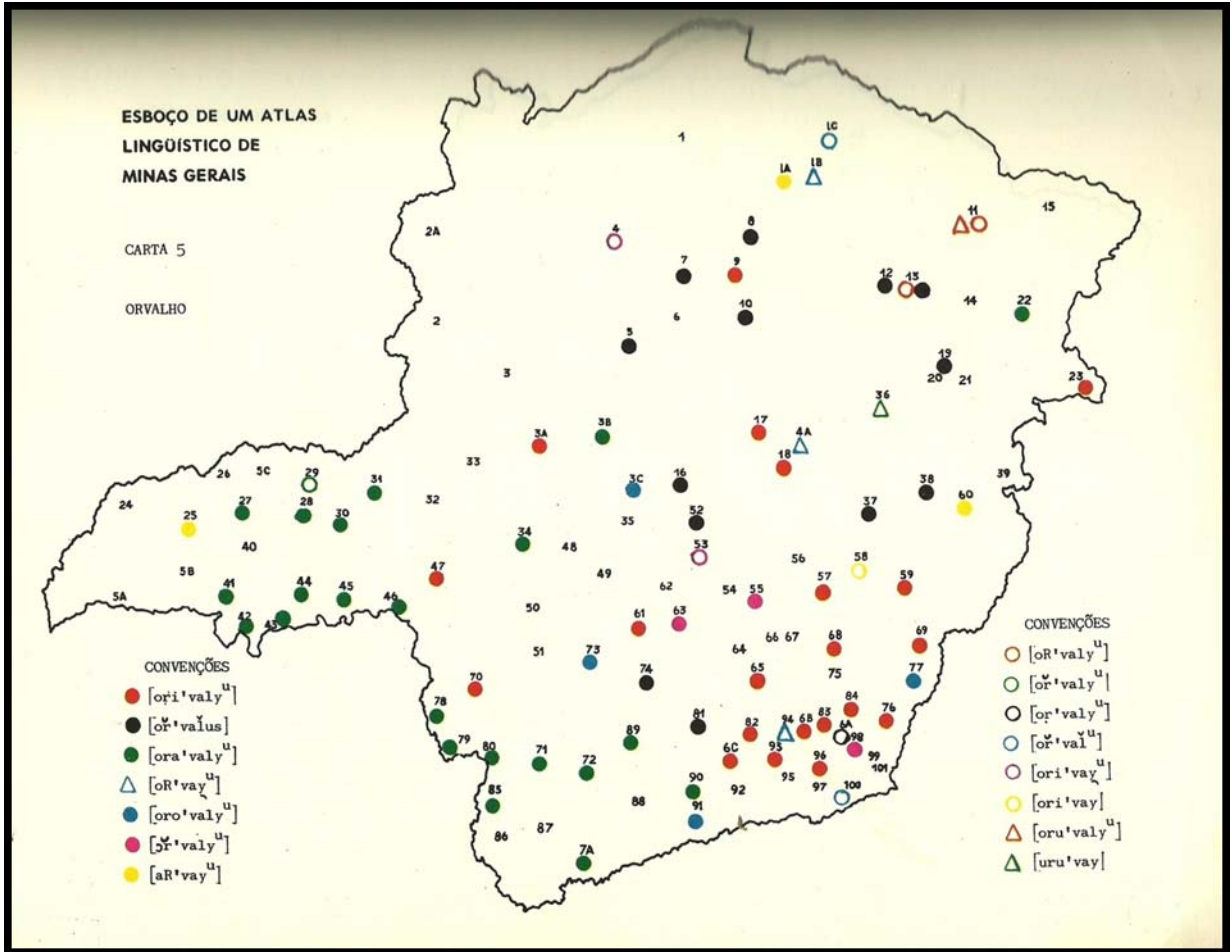
ANEXO D
(Carta 02 – arco-íris)



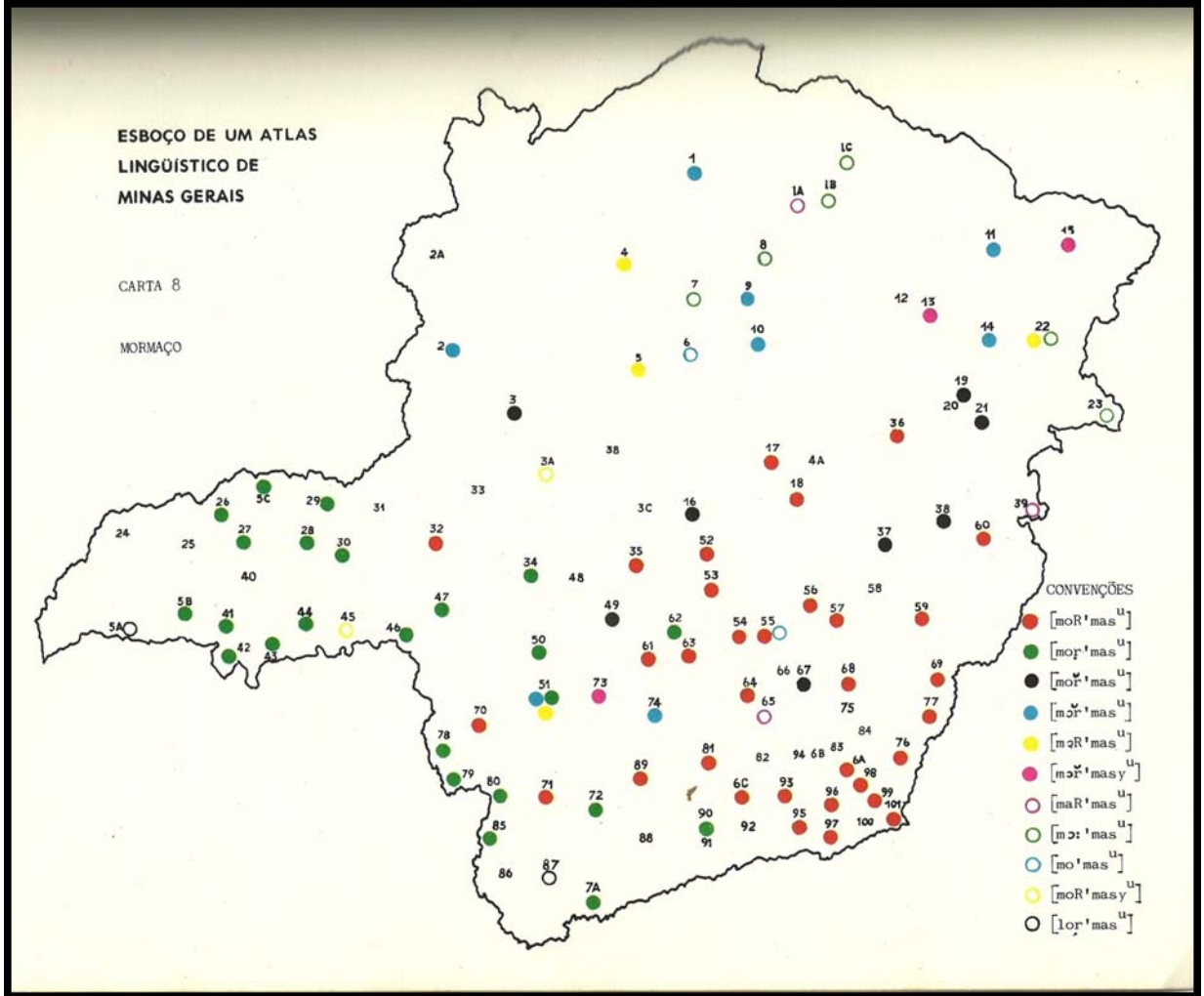
ANEXO E
(Carta 03 – arco-da-velha)



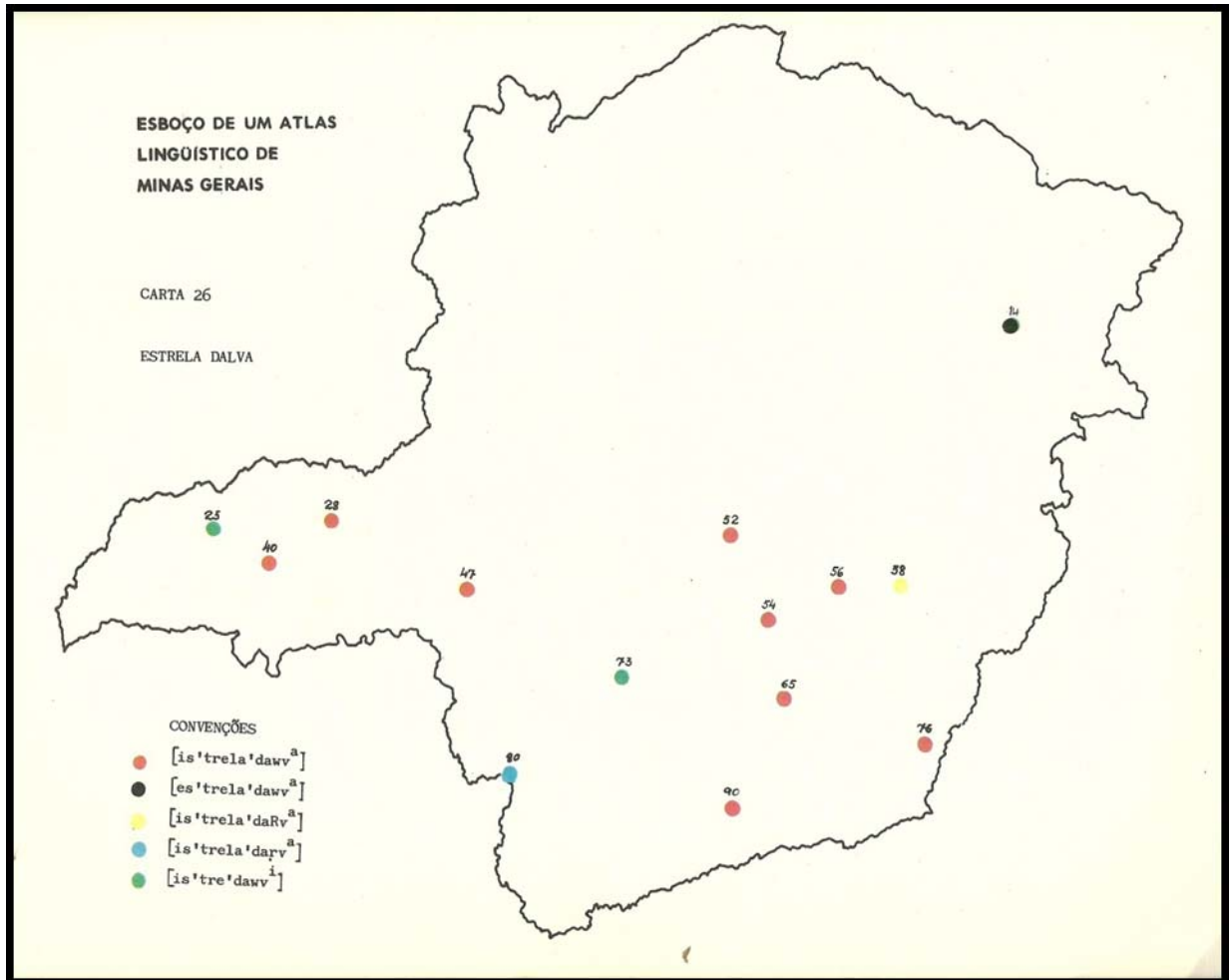
ANEXO F
(Carta 05 – orvalho)



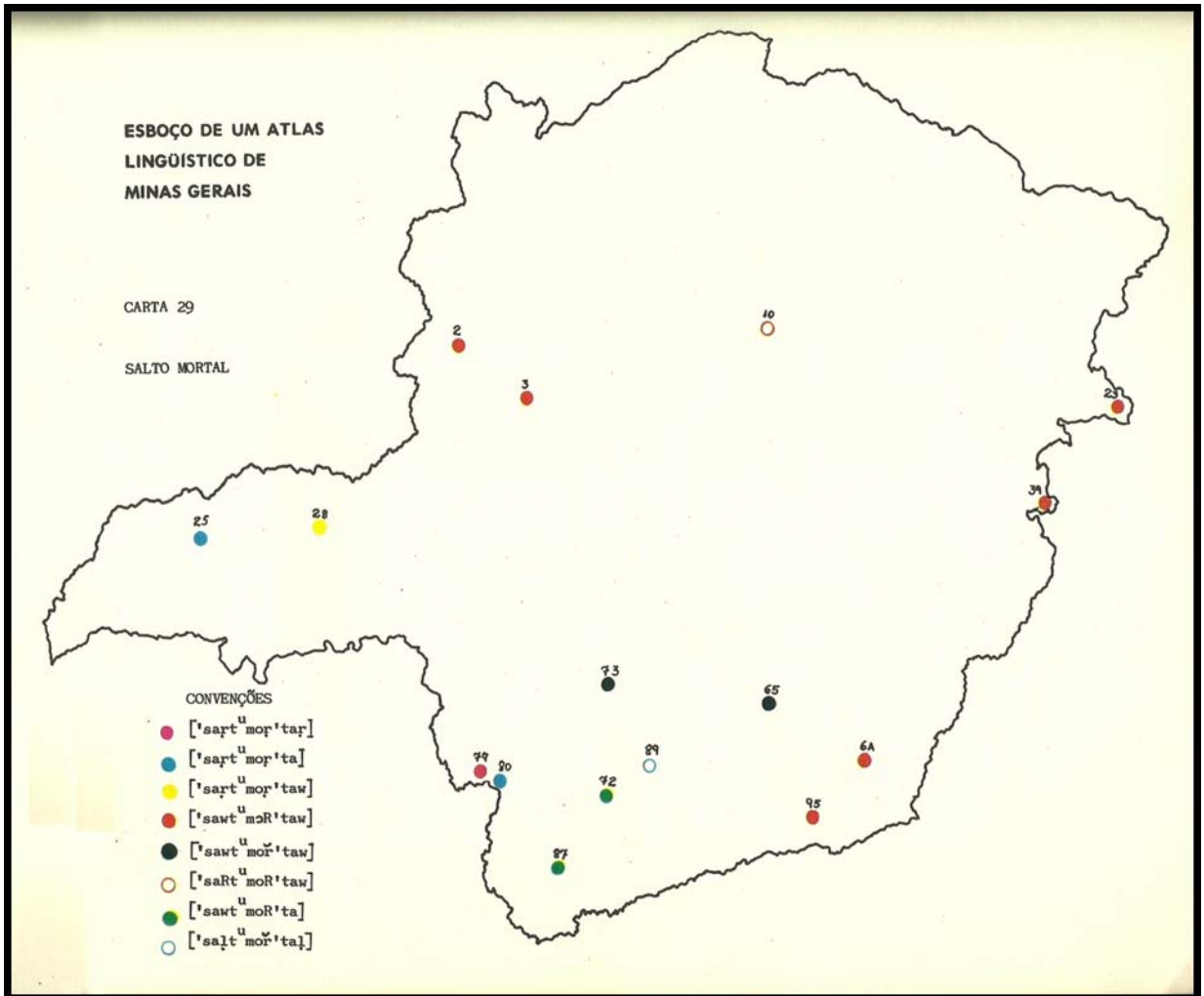
ANEXO G
(Carta 08 – *mormaço*)



ANEXO H
(Carta 26 – estrela Dalva)



ANEXO I
(Carta 29 – salto mortal)



ANEXO J
(Carta das zonas regionais de Minas Gerais, segundo o EALMG)

